

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

“Velhos são os trapos!” O projeto Laços:
uma intervenção artística e intergeracional
em idosos e jovens institucionalizados.

Helena Pratinha

M
2019



Helena Pratinha

“Velhos são os trapos!”

**O projeto Laços: uma intervenção artística e intergeracional
em idosos e jovens institucionalizados**

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pela
Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2019

“Velhos são os trapos!”
O projeto Laços: uma intervenção artística e intergeracional
em idosos e jovens institucionalizados

Helena Pratinha

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pela
Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias

Membros do Júri

Professor Doutor José Manuel Azevedo
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Cristina Vieira
Universidade Aberta

Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de setembro de 2019



Helena Pratinha

Sumário

Um obrigada sincero	11
Resumo	12
Abstract	13
Índice de tabelas.....	14
Índice de figuras.....	15
Introdução	17
Capítulo 1 – A problemática do envelhecimento	19
1.1. Envelhecer	19
1.1.1. As rugas de Portugal	21
1.1.2. A institucionalização: vou para um lar, mas porquê?	22
Capítulo 2 – Políticas sociais para terceira idade em Portugal	27
2.1. Necessidade de políticas internacionais.....	27
2.2. Políticas nacionais	30
2.3. Síntese.....	31
Capítulo 3 – Envelhecimento ativo.....	33
3.1. Envelhecimento ativo	33
3.2. Educação e formação ao longo da vida	34
Capítulo 4 – A animação teatral em instituições.....	39
4.1. A animação sociocultural e a terceira idade.....	37
4.2. A animação teatral na terceira idade institucionalizada.....	39
4.3. Síntese.....	41
Capítulo 5 – A institucionalização de jovens.....	43
5.1. A institucionalização de crianças e jovens.....	43
5.2. Síntese.....	46
Capítulo 6 – Os programas intergeracionais.....	47
6.1. Conceito de geração.....	47
6.2. Intergeracionalidade.....	48
6.3. Barreiras intergeracionais	48
6.4. A necessidade de intervir através de programas de educação intergeracional.....	48
6.5. Modelos de práticas intergeracionais.....	50
6.6. Práticas intergeracionais entre crianças e idosos	51
6.7. Vantagens dos programas intergeracionais	51
6.8. Síntese.....	52

Capítulo 7 - Metodologia e técnicas de investigação.....	53
7.1. Metodologia qualitativa: procedimentos e instrumentos de recolha e análise de dados	53
7.2. O projeto Laços.....	56
7.2.1. Objetivos do projeto.....	58
7.2.2. Antecedentes, justificação, finalidades e natureza do projeto	58
7.2.3. Projeto Laços – implementação	59
7.2.4. Os participantes no projeto Laços.....	61
7.2.5. Caracterização dos grupos de participantes: idosos e jovens	62
7.2.6. Planeamento e estratégia do projeto Laços.....	64
7.3. Avaliação do projeto Lagos.....	76
7.3.1. Como se foi fazendo a avaliação	77
7.3.2. A fase expansiva.....	89
7.4. Síntese	91
Capítulo 8 - Apresentação e discussão dos resultados	93
8.1. Apresentação dos resultados	93
8.1.1. Entrevistas de grupo.....	94
8.1.1. Análise por categoria	94
8.2. Discussão dos resultado	105
8.3. Síntese	106
Considerações finais.....	109
Balanço e recomendações.....	115
Bibliografia	117
ANEXOS	
Anexo 1: Metodologia	I
Anexo 2: Guião de entrevista.....	X
Anexo 3: Guião de espetáculo	XVII

Um obrigada sincero...

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Dias, que me orientou no melhor sentido.

À Santa Casa da Misericórdia do Porto, que acolheu o meu projeto numa das suas ERPIS (não sendo esta identificada) e que é hoje o meu local de trabalho.

À Doutora Andrea Pinto, que me recebeu de forma genuinamente acolhedora e me fez sentir logo bem-vinda.

À Doutora Sofia Moreira, que me orientou na reta final do meu estágio e que lutou para que hoje esteja a trabalhar ao seu lado, proporcionando-me fazer o que gosto.

A todos os residentes com quem tive o prazer de trocar aprendizagens.

A todos os residentes e jovens que participaram no projeto, pois sem eles nada seria possível.

À minha família, que me apoiou para a concretização de todos os meus sonhos.

À minha prima Dora, por todas as sugestões.

Ao meu namorado, que esteve presente em quase todos os serões dedicados à elaboração deste relatório e que tanto me tem incentivado a ambicionar o que mereço.

Resumo

O relatório em apreço debruça-se sobre a intervenção artística em populações envelhecidas e jovens institucionalizadas, uma problemática mundial, cujo interesse tem alcançado um significativo crescimento. O projeto designado de “Laços” teve como mote a ação do teatro e o seu impacto nas relações intergeracionais. Após a implementação desta ideia, foi necessário analisar o seu impacto nos participantes, assim os desafios decorrentes da sua execução. Através da realização de atividades artísticas, nomeadamente atividades de expressão dramática, pretendeu-se desenvolver competências sociais, emocionais, cognitivas e de autovalorização entre os idosos e os jovens. Para a operacionalização deste projeto foi aplicada uma estratégia metodológica qualitativa com base na observação, registos em diário de campo e em entrevistas de grupo. Os resultados apontam para um impacto positivo em ambas as gerações, nomeadamente no que diz respeito: à criação de laços; à partilha; à empatia e ao respeito e entreajuda.

Palavras-chave: envelhecimento ativo; intergeracionalidade; teatro

Abstract

Looking at aging, an increasingly global problem, and taking into account its exponential growth, this report focuses on artistic intervention in institutionalized aged populations. The main objective of this research was to create a project called “Bonds”. This is a project that transforms theater into a bridge of generational encounters with institutionalized elderly and young populations. In addition to the main objective to analyze the impact of this project on the participative social actors, we also took into account the analysis of the challenges of its implementation. Thus, through artistic activities, including activities of dramatic expression, it was intended to develop social, emotional, cognitive and self-value competences in the elderly and young people. For the operationalization of this project a qualitative methodological strategy was applied based on observation, records in field diary and semi-structured interviews in group. The figures point to a positive impact on both generations, regarding to bonding, sharing, empathy, respect and mutual help.

Keywords: active ageing; intergenerational programs; theater

Índice de tabelas

TABELA 1 – Características mais comuns dos idosos institucionalizados de acordo com a revisão da literatura	22
TABELA 14 – Sinopse das categorias presentes na entrevista realizada aos jovens participantes no PL.....	94
TABELA 15 – Sinopse das categorias presentes na entrevista realizada aos seniores participantes no PL.....	97
TABELA 16 – Resumo de resultados em ambas as gerações.....	102
TABELA 2 – Participantes seniores.....	I
TABELA 3 – Participantes jovens	I
TABELA 4 – Fases do projeto	II
TABELA 5 – Iniciação ao desenvolvimento do projeto	II
TABELA 6 – Dinâmicas de grupo - fase grupal	III
TABELA 7 – Exercícios de evocação e partilha de memória - fase grupal.....	III
TABELA 8 – Exercíciosde consciência do espaço - fase grupal	IV
TABELA 9 – Exercícios rítmicos - fase grupal	IV
TABELA 10 – Relaxamento - fase grupal	V
TABELA 11 – Exercícios de expressão corporal.....	VI
TABELA 12 – Exercícios de articulação, dicção e projeção de voz - fase grupal.....	VII
TABELA 13 – Improvisações e dramatizações	VII

Índice de figuras

FIGURA 1 – Idades seniores	61
FIGURA 2 – Indicadores de avaliação	76
FIGURA 3 – Resultados do PL nos jovens.....	93
FIGURA 4 – Árvore dos resultados do PL sobre os jovens.....	96
FIGURA 5 – Resultados do PL nos seniores	96
FIGURA 6 – Árvore de resultados do PL nos seniores	101
FIGURA 7 – Resultado intergeracional.....	101

Siglas

ASC– animação sociocultural

ASCTI – animação social e cultural na terceira idade

AT – animação teatral

ERPI – estrutura residencial para idosos

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

IPSS – instituição particular de solidariedade social

PL – projeto Laços

UE – União Europeia

Introdução

O presente relatório de estágio integra-se no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O estágio teve como finalidade a construção, aplicação e avaliação de um programa de intervenção dirigido a idosos e jovens institucionalizados, designado “Laços”. Este programa foi implementado durante o período de estágio (dezembro de 2018 a abril de 2019), numa estrutura residencial para idosos (ERPI) no Porto.

O projeto “Laços”, além de promover atividades e contextos facilitadores de emoções positivas através das artes teatrais, tem como principais objetivos:

- i) combater o isolamento social através da arte e da aproximação de gerações;
- ii) promover a valorização pessoal dos participantes através da realização de atividades assentes em técnicas de respiração, concentração, memória, sentido de ritmo, desenvolvimento cognitivo e sensorial;
- iii) promover o bem-estar e um envelhecimento ativo.

O estágio em apreço foi bastante importante, na medida em que permitiu complementar competências socioprofissionais já existentes no campo das artes, explorar formas de cruzamento entre o campo artístico e o social, assim como compreender a importância do convívio entre gerações diferentes.

Paralelamente, neste relatório tentaremos:

- mostrar a relevância do trabalho do sociólogo numa ERPI;
- identificar outras áreas onde podemos intervir de forma científica, com o apoio da Sociologia e artisticamente, preenchendo, deste modo, certas lacunas nas instituições de prestação de cuidados e serviços a populações institucionalizadas.
- elaborar uma abordagem sistemática e integrada do objeto de estudo, ou seja, perceber a importância do programa implementado.

O presente relatório de estágio está estruturado da seguinte forma:

- revisão da literatura disponível sobre a problemática do envelhecimento e as políticas sociais que têm vindo a ser discutidas no palco nacional e internacional (Capítulo 1); descrição da importância da animação sociocultural e da animação teatral no envelhecimento ativo e na qualidade de vida da população idosa (Capítulo 2); e pela

exposição das causas e consequências da institucionalização juvenil, assim como as propostas de intervenção existentes neste âmbito (Capítulo 3).

- explicitação das escolhas metodológicas e o processo de investigação empírico, nomeadamente a descrição dos participantes, dos instrumentos e dos procedimentos de recolha de dados, assim como do contexto de observação (capítulos 4, 5, 6 e 7).
- a componente prática deste relatório (Capítulo 8), que tem como intuito descrever a construção e aplicação do programa de intervenção, passando pela definição da identidade, propósitos e natureza do projeto, assim como dos seus antecedentes, fundamentação, objetivos gerais e específicos, caracterização do contexto onde foi aplicado o PL, bem como a caracterização dos participantes. Aqui é também discutido o impacto dos resultados que conseguimos obter tendo em conta os dados que fomos recolhendo durante a investigação. São também discutidos os resultados obtidos a partir da recolha dos dados realizada durante o projeto de investigação, onde foram analisados vários conceitos.

Por último, são apresentadas as principais conclusões, assim como as limitações e desafios decorrentes da implementação do projeto Laços, seguido das referências bibliográficas e dos anexos.

Assim, os instrumentos de análise discutidos no presente relatório passam pelas entrevistas e outros dados qualitativos recolhidos, que permitiram demonstrar os contributos de uma intervenção artística e intergeracional no envelhecimento a partir do projeto Laços.

Capítulo 1 – A problemática do envelhecimento

Há uma idade na vida em que os anos passam demasiado depressa e os dias são uma eternidade – *Virginia Woolf*¹

O presente capítulo tem como intenção explicitar o conceito, as causas e consequências do envelhecimento. Neste sentido, o conceito de envelhecimento será abordado à luz de diversas perspetivas, com particular ênfase no ritmo de envelhecimento do nosso país. Por outro lado, neste capítulo serão abordadas as questões relacionadas com o processo institucionalização.

1.1. Envelhecer

Páscoa e Gil (2019) afirmam que o conceito de envelhecimento nos deve remeter para duas dimensões bem distintas. A primeira dimensão refere-se à dimensão individual, ou seja, às alterações biológicas do indivíduo, que acontecem inevitavelmente desde que nascemos. Por isso mesmo, esta é uma dimensão irreversível; diz respeito ao declínio da capacidade funcional do organismo (fisiológico, histológico, bioquímico e/ou genético). A perda destas capacidades, como afirmam os autores, está associada ao avançar da idade biológica.

Assim, nesta primeira dimensão, o envelhecimento associa-se a alterações físicas que inicialmente se refletem, fundamentalmente, na diminuição da capacidade para realizar tarefas do quotidiano, afetando de uma forma negativa a qualidade de vida das pessoas, deixando-as vulneráveis (Spiriduso e Vandervoort, 1995). Por outro lado, Vaz (2006) afirma que, para além das alterações físicas decorrentes das mudanças biológicas presentes no envelhecimento, estão também envolvidas transformações dos papéis sociais e estatutos na sociedade, bem como alterações psicológicas associadas a funções cognitivas e à capacidade de tomar decisões. Surge assim a segunda dimensão: a dimensão coletiva. Páscoa e Gil (2019) entendem a dimensão coletiva como um fenómeno demográfico, que está relacionado com a estrutura da população e distribuição dos indivíduos por idades. Neste sentido, para os autores mencionados, os dados disponíveis sobre as estruturas e os indicadores demográficos devem ser interpretados de forma antecipada com o intuito de se poder registar variáveis como o aumento da proporção de idosos, diminuição da

¹ Woolf, V. (2014). *Um teto todo seu*. Tordesilhas.

proporção de jovens, redução da natalidade e da mortalidade. Segundo esta perspetiva, pode-se concluir que as sociedades passam a estar organizadas em moldes diferentes dos anteriores, que interferem nas condições de vida das pessoas e na formulação de políticas. Em termos demográficos, o envelhecimento das populações é uma consequência do aumento da dimensão dos grupos etários mais velhos e da diminuição dos grupos etários mais jovens (Gil e Páscoa, 2019). Para analisarmos estas variáveis demográficas, é importante considerarmos macro e microindicadores. Os indicadores *macro* abrangem o número de idosos e de jovens (Fernandes, 2014), enquanto que os indicadores *micro* se referem aos valores de natalidade e de mortalidade. Através da análise destes indicadores, podemos caracterizar uma atualidade demográfica mundial marcada por um envelhecimento das regiões mais desenvolvidas e identificar a União Europeia (UE) como a região mais envelhecida do mundo (INE, 2011).

Em termos nacionais, em 2015, a proporção de pessoas com 65 e mais anos cresceu 15,46%. Se compararmos esta percentagem com a dos restantes países da EU, verificamos que Portugal ocupa a 10.^a posição na lista dos países onde o crescimento foi maior (Eurostat, 2015). Os dados recolhidos em 2015 demonstram ainda que os idosos com 80 e mais anos ocupam já grande parte da estrutura da população da UE (5,4%), variando entre os extremos Irlanda (3,1%) e Itália (6,7%) (Gil e Páscoa, 2019).

Voltando a uma análise nacional, constatamos que o nosso país é um dos que apresentam uma grande expressividade (5,9%) de população com mais de 80 anos. A par deste incremento da proporção dos mais velhos, nos últimos dez anos o fosso que já existia entre as gerações mais jovens e mais idosas aumentou, através de um decréscimo do peso relativo de jovens (dos 0 aos 14 anos) na população total. O crescimento da proporção de pessoas mais velhas e a diminuição do número de jovens podem ser explicados através das variáveis microdemográficas, como anteriormente referido. Podemos afirmar que o envelhecimento se intensifica como resultado de uma descida contínua da fecundidade e consequente redução dos nascimentos, verificando-se que o índice de fecundidade tem vindo a diminuir consideravelmente nos últimos 30 anos, ficando muitos países muito abaixo do nível de substituição de gerações (Gil e Páscoa, 2019).

Se analisarmos agora o conceito de esperança média de vida, constatamos que este indicador engloba os riscos de mortalidade, não distinguindo idades, num determinado período de tempo, indicando por quantos anos estima uma pessoa viver se no decorrer da sua vida estiver exposta aos riscos de mortalidade por idades desse período (Gil e Páscoa, 2019). No último século, várias foram as razões que nos elevaram para uma redução da

mortalidade infantil. Este facto relaciona-se de forma direta com o aumento da esperança média de vida da sociedade contemporânea. Este aumento da longevidade prende-se com as melhores condições de vida, ao nível quer da economia quer social dos países, relacionando-se ainda com o desenvolvimento do setor tecnológico e do sector da saúde, e também com as significativas melhorias das condições de higiene e a prática de estilos de vida mais saudáveis (Nazareth, 2009).

Com a longevidade a ser a regra e o número de nascimentos a exceção, o envelhecimento demográfico torna-se automaticamente numa consequência. Segundo dados da Eurostat (2015), até 2080 prevê-se um decréscimo da natalidade, implicando uma ligeira redução da proporção de jovens (0-14 anos), 15,6% em 2014 para 15,1% na UE, bem como da proporção de pessoas em idade ativa de 65,9% em 2014 para 56,9% até 2050 e 56,2% até 2080. Como referem Gil e Páscoa (2019), de acordo com estes dados, podemos afirmar que a longevidade é um facto adquirido, uma vez que a esperança média de vida atingiu aumentos significativos.

Entre os vários desafios inerentes a esta problemática, podemos considerar:

- aumento das estruturas sociais de apoio, relacionadas com cuidados sociais e de saúde, gastos com a saúde, prevalência das doenças crónicas e alterações da estrutura e relações familiares (Amaro, 2015);
- regimes de pensões e segurança social (Gil e Páscoa, 2019);
- longevidade, trajetória de vida e trabalho (Gil e Páscoa, 2019).

Para responder convenientemente a este último ponto, é necessário criar desafios ao próprio envelhecimento, o que passa por garantir a possibilidade de as pessoas mais velhas se envolverem em atividades sociais e culturais, assim como frequentarem programas educativos para aquisição de novos conhecimentos e capacidades. Foi nesta linha de pensamento que o projeto Laços foi desenvolvido.

1.1.1 As rugas de Portugal

Na sociedade atual, presenciamos cada vez mais o envelhecimento demográfico, que se pode avaliar pelo aumento sénior global, em sintonia com o decréscimo das gerações mais jovens ou com a falta de população em idade ativa (Carrilho e Patrício, 2002).

Apoiado nas alegações das Nações Unidas (2009), do Eurostat (2008), do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2011, 2012 e 2013) e segundo a investigação que foi desenvolvida por Bandeira e seus colaboradores (2012), podemos também afirmar que o

envelhecimento demográfico no nosso país tende a aumentar. Já se contam 60 anos desde que esta tendência se tem vindo a verificar em Portugal (Bandeira, 2012), colocando-o assim no patamar dos seis países “com mais rugas”, registando-se 18% da população com mais de 65 anos (Cabral e Silva, 2012). Portugal e alguns outros países ditam que se começa a ser idosos a partir dos 65 anos (Pordata 2016).

Em 2018, o índice de longevidade representava 48,4% (Pordata, 2019). Com base nesta tendência de aumento preponderante, pode-se projetar para 2050 um aumento do cume da pirâmide etária e a decréscimo da sua base, ou seja, prevê-se um superenvelhecimento (Wilson, 2009).

Não é novidade que o nosso país está envelhecido, devendo-se este envelhecimento a várias razões, tais como o a diminuição da mortalidade infantil e o conseqüente aumento do número de anos que iremos viver, assim como o facto de os casais já não garantirem uma renovação das gerações (Cabral e Silva, 2012).

Para Mota (2009: 17), o envelhecimento demográfico, irá ser impactate na sociedade atual, pois, os processos de desenvolvimento da economia e de desenvolvimento social serão afetados e arrastarão conseqüências para ambos os países, desenvolvidos e em evolução.

1.1.2 A institucionalização: vou para um lar, mas porquê?

Os Censos Sénior 2017, que procederam à recolha de dados relativa à população idosa realizada pela Guarda Nacional Republicana (GNR), dão conta de mais de 45 mil idosos sinalizados por viverem sozinhos ou isolados, e os dados de 2016 revelam que cerca de 40% da população portuguesa com mais de 65 anos se encontra sozinha durante 8 ou mais horas por dia.

Após a análise destes dados, o nosso pensamento remete-nos para o papel da família nestes casos. Em muitas situações, para as famílias, o cuidado com o idoso é apenas centrado na sua saúde. Contudo, é importante que a família consida perceber e lidar as limitações que começam a surgir no idoso e preparar-se para uma possível dependência ou até na morte de algum dos elementos da família (Sousa *et al.*, in Paul e Ribeiro, 2012). Na maioria das vezes, é apenas nesta fase que se recorre à procura de um lar. Constatamos assim que a evolução da sociedade contemporânea, em variadíssimos campos, faz desaparecer o compromisso que havia nos tempos anteriores, onde o decisão de ajudar e

cuidar do pai ou da mãe era uma obrigatoriedade que hoje em dia a sociedade deixou de assumir (Giddens, 2001: 68).

Tal acontece porque exercer a função de cuidador nunca é fácil; quando a família deixa de conseguir exercer tais funções ou cumprir com tamanha responsabilidade, necessita do apoio do internamento do familiar em lares. A realidade é que as estruturas mudaram e a mulher, principalmente, deixa de conseguir exercer o papel de cuidadora quando se envolve no mundo laboral. Afirmo Pimentel (2001: 65):

Se nas sociedades tradicionais existia um pacto entre as gerações, segundo o qual os adultos investem nos seus filhos, na expectativa de que estes os apoiassem quando de tal precisassem, nas sociedades industrializadas esse pacto tácito não desaparece, mas passa por um processo de despersonalização. Através do financiamento (indireto) das instituições e serviços, o pacto mantém-se, pois os que pagam e os que usufruem de apoio pertencem a gerações diferentes. Poder-se-á dizer que é uma forma de prestação de serviços que não é feita diretamente, mas sim através da delegação de responsabilidades em instituições que são custeadas pelas gerações mais novas.

Quando o idoso passa a morar num lar de idosos tem inevitavelmente de modificar o seu estilo de vida. Em Portugal, o Despacho Normativo 12/98, de 25 de fevereiro de 1998, define lar como um espaço de acolhimento coletivo, temporal ou permanente, que tem como dever assegurar as necessidades básicas do cliente e ainda desenvolver atividades de apoio social, a par de uma ocupação didática e interessante dos seus tempos livres, através da animação sociocultural .

Noutras situações, o idoso ou a família procuram um lar devido ao enfraquecimento dos laços familiares, já verificado há algum tempo (Berger e Mailloux Poirier, 1995; Cardão, 2009). Podemos ainda afirmar que, na maioria dos casos, a institucionalização acontece pela perda do seu companheiro de vida, ou pela inexistência de filhos ou familiares próximos (Castro 2017). Na tabela seguinte apresenta-se de forma sistematizada as características mais frequentes em pessoas idosas institucionalizadas.

TABELA 1 – Características mais comuns à institucionalização, de acordo com revisão da literatura

MOTIVO	REFERÊNCIAS
Faixa etária acima dos 75 anos de idade	Aguero-Torres <i>et al.</i> , 2001; Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Cardão, 2009; Carvalho e Dias, 2011; Barros, 2011; Robinson <i>et al.</i> , 2011
Ser do sexo feminino	Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Pavan <i>et al.</i> , 2008. Cardão, 2009; Barros, 2011; Del Duca <i>et al.</i> , 2012; Ribeiro <i>in</i> Paul e Ribeiro, 2012.
Se solteiro ou viúvo e a viver sozinho antes da institucionalização	Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Barros, 2011; Del Duca <i>et al.</i> , 2012.
Baixa escolaridade	Quadros <i>et al.</i> , 2008; Menezes <i>et al.</i> , 2011.
Ser polimedicado	Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Menezes <i>et al.</i> 2011
Dificuldades na deambulação Inestabilidade emocional Incontinência Perdas cognitivas	Aguero-Torres <i>et al.</i> , 2001; Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Quadros <i>et al.</i> , 2008; Robinson <i>et al.</i> , 2011; Medeiros, 2012.
Doenças cronicodegenerativas	Aguero-Torres <i>et al.</i> , 2001; Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Robinson <i>et al.</i> , 2011; Medeiros, 2012.
Depressão leve ou severa	Aguero-Torres <i>et al.</i> , 2001; Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Runcan, 2012.
Necessidade de ajuda para a realização das atividades da vida diária	Aguero-Torres <i>et al.</i> , 2001; Born e Boechat <i>in</i> Freitas <i>et al.</i> , 2006; Carvalho e Dias, 2011; Robinson <i>et al.</i> , 2011; Del Duca <i>et al.</i> , 2012; Medeiros, 2012.
Internamento ou hospitalização	Medeiros, 2012.

Como podemos constatar pela análise da tabela 1, as características mais frequentes presentes em pessoas idosas institucionalizadas resultam de problemas de saúde ou sociais.

Com a institucionalização do idoso, algumas famílias continuam presentes, mantendo-se assíduos nas visitas. Contudo, esta premissa não é um padrão, e alguns idosos estão esquecidos numa nova casa com poucas referências próprias. Isto conduz o idoso para a solidão e o isolamento.

O processo de institucionalização é certamente para o idoso um fator de *stress* que propicia inúmeras alterações a nível psicossocial (Despacho Normativo 12/98, de 25 de fevereiro de 1998; Cardão, 2009; Silva *et al.*, 2011).

Ainda que se esteja a caminhar noutra sentida, a institucionalização ainda é um tema tabu, uma vez que imperam as imagens negativas destas instituições, assentes em valores de responsabilidade, crenças e necessidades individuais que podem levar a sentimentos de culpabilização dos membros da família em adição a uma dificuldade na adaptação ao meio institucional (Born e Boechat *in* Freitas *et al.*, 2006; Carvalho e Dias, 2011). A tarefa exigida ao cuidador e o desgaste que lhe está associado, aliado à falta de tempo das sociedades atuais, tornam incompatível a ajuda que o idoso requer, não parecendo, portanto, correto a família sentir-se culpada por institucionalizar o seu familiar (Gineste e Pellissier, 2008).

No entanto, é necessário que mesmo durante a institucionalização o idoso beneficie de um ambiente familiar, uma vez que a institucionalização significa, para ela:

(...) uma mudança significativa no seu padrão de vida e uma rotura com o meio com o qual se identifica e para o qual deu o contributo mais ou menos válido. O idoso encara, nestas circunstâncias, uma realidade completamente nova e, por vezes, assustadora, com a qual nem sempre consegue estabelecer uma relação equilibrada e tranquila (Pimentel, 2001: 75).

Por este motivo, “o ambiente familiar é crucial, uma vez que o contacto com a família permite que os idosos se mantenham próximos do seu meio natural de vida (a própria família)” (Netto, 1996: 406, 407).

Para além da necessidade de uma assiduidade familiar, também é importante que haja uma visão diferente nos lares, na medida em que estas instituições devem promover ao idoso uma participação ativa na sua vida quotidiana, evitando assim a monotonia (Costa, 1999). Neste sentido, não chega manter as necessidades básicas asseguradas; é preciso apostar numa abordagem holística (Netto, 1996: 408).

Desta feita, há uma necessidade de se atuar e intervir nas ERPI, para que se consiga dar o idosos as melhores condições possíveis. Nesta perspetiva, é necessário implementar atividades que os desafiem, ou seja: é importante a implementação de projetos de valorização da educação e formação ao longo da vida.

Capítulo 2 – Políticas sociais para terceira idade em Portugal

O presente capítulo tem como principal objetivo descrever o trabalho da Assembleia Mundial de Viena, bem como o da Assembleia Mundial de Madrid, que possibilitaram uma nova visão sobre o envelhecimento. Por outro lado, este capítulo abordará também as políticas sociais para os seniores em Portugal.

2.1. Necessidade de políticas internacionais

Até à década de 1970, pouco ou nada se ouvia falar de políticas sociais para os idosos. Contudo, a partir desta altura começaram a surgir as primeiras políticas internacionais e nacionais.

A I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Viena em 1982, fez-se notar como um grande progresso, já que até então a questão do envelhecimento passava completamente ao lado de qualquer assembleia. Segundo Camarano e Pasinato (2004), esta questão era banalizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como parte das suas atividades especializadas.

Assim, desta primeira assembleia é aprovado o plano de ação internacional sobre o envelhecimento. Isto significou o investimento em medidas que salvaguardassem os direitos dos idosos, criando formas de tratar de forma efetiva o envelhecimento populacional. Como consequência, verificou-se um crescimento do número de respostas internacionais direcionadas às questões do envelhecimento, bem como o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica entre os países em desenvolvimento (Cunha, 2012). Com 62 recomendações, este plano prescrevia ações que se dividiam pelas mais diversas áreas: saúde e nutrição; habitação e meio ambiente; proteção dos consumidores idosos; família, bem-estar social, segurança social e educação. Esta estratégia foi indispensável para enfatizar, na agenda política, questões como estas, associadas ao envelhecimento, apelando-se a um reconhecimento do sénior como um ator social, promovendo a sua autonomia e independência (Cunha, 2012).

Outro grande marco das políticas sociais ocorreu em 1991 com a aprovação dos princípios das Nações Unidas para as pessoas com mais de 65 anos. Este plano contou com uma divisão em cinco secções, sendo que a primeira secção se destinou à independência, onde se incluía o acesso aos bens essenciais (alimentação, água, habitação, vestuário), aos cuidados de saúde adequados e às oportunidades de ter um trabalho remunerado, assim como de aceder à educação e à formação (Cunha, 2012).

A segunda secção apelava para uma participação ativa das pessoas idosas, criando a necessidade de revisão das políticas que estivessem estreitamente relacionadas com o bem-estar, partilha de conhecimentos/capacidades com as gerações mais novas e o direito de formarem movimentos e associações (Cunha, 2012).

Na terceira secção, incluía-se a necessidade de usufruto de cuidados; proteção familiar; comunidade, tendo em conta o seu sistema cultural de valores; o acesso aos cuidados de saúde; serviços sociais; jurídicos; e em caso de residência em lares ou instituições, serem donos da sua liberdade e conhecedores dos seus direitos.

A quarta secção afirmava-se pela necessidade de as pessoas idosas terem oportunidade de desenvolver o seu potencial cognitivo, tendo acesso ao ensino, à cultura e à religião (recursos espirituais). Esta secção defendia então a autorregulação.

A última secção foi designada por dignidade e sustentava que as pessoas idosas merecem viver em harmonia, segurança e dignidade, não sendo nem a condição física e cognitiva, nem a sua etnia, religião, idade ou sexo um impedimento (Cunha, 2012).

Em 1992, a Assembleia Geral das Nações Unidas declara oito objetivos globais sobre o envelhecimento que ditam o ano de 2001, que ambicionavam “apoiar os países na determinação e integração do envelhecimento nos planos e programas nacionais; melhorar a assistência e participação das pessoas idosas; melhorar as investigações internacionais sobre envelhecimento; estabelecer uma rede global de voluntários seniores e fomentar uma cooperação mais estreita entre as organizações não governamentais e intergovernamentais sobre o envelhecimento” (Cunha, 2012: 35).

Ainda em 1992, a Assembleia Geral das Nações Unidas declara o ano de 1999 como o Ano Internacional das Pessoas Idosas e prepara-se para a elaboração de um conceito sobre o envelhecimento. (Camarano e Pasinato, 2004). Ainda neste ano, a Comissão das Comunidades Europeias redigiu uma comunicação intitulada “Uma Europa para todas as idades – promover a prosperidade e a solidariedade entre as gerações”. Esta comunicação mostra as consequências de envelhecer face ao emprego, proteção social, saúde e

serviços sociais e sugere como resposta estratégias que adotem respostas políticas que sejam eficientes neste campo de ação com base no reforço da cooperação entre todos os intervenientes e da solidariedade e equidade entre gerações (Comissão das Comunidades Europeias, 1999) (Cunha, 2012).

Em 2002 acontece a II Assembleia Geral sobre o Envelhecimento, da qual resultou a aprovação da Declaração Política e o Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento.(Cunha, 2012). Este plano de ação organizou-se à volta de três orientações prioritárias. A primeira prioriza às pessoas idosas o desenvolvimento: o objetivo seria que as pessoas idosas pudessem participar ativamente na sociedade e no desenvolvimento da população, fazendo parte da população ativa (Centro de Informação das Nações Unidas em Portugal, 2002). A segunda prioridade promove a saúde e o bem-estar na velhice, incentivando os governos a adotar medidas de acesso à alimentação e nutrição adequadas, para todas as pessoas de idade; eliminar desigualdades sociais e económicas e desenvolver os serviços de cuidados de saúde primários atendendo às necessidades das pessoas (Cunha, 2012).

A terceira prioridade assegurava um ambiente propício e favorável, ou seja, políticas orientadas para a melhoria habitacional e das condições de vida das pessoas mais velhas; a oferta de cuidados continuados aos idosos; a eliminação de todas as formas de abandono, abuso ou violência contra estes; e o reconhecimento público da sua autoridade, sabedoria e produtividade (Cunha, 2012).

O Plano de Ação Internacional de Madrid tentou ter como objetivo a garantia de que era possível envelhecer sem ter receio com questões como a segurança e a dignidade, que devem se asseguradas, e que a idade não fosse um condicionamento à participação social, pois mesmo idosos continuamos a ser cidadãos em pleno direito (Cunha, 2012).

Em suma, o envelhecimento trata-se de uma questão global, não sendo apenas uma preocupação que os países desenvolvidos tenham de ter, mas que os países em desenvolvimento também devem ter (Naciones Unidas, 2002).

O envelhecimento é assim um “*tsunami* irreversível”, que atingirá toda a população, sendo nosso dever tornar esta onda o mais natural possível.

2.2. Políticas nacionais

Portugal foi um dos países que aderiram às políticas que foram lançadas na Europa. Assim, a partir de 1976, a visão sobre o envelhecimento começou a mudar. Os chamados

asilos, que até então eram conotados de forma negativa, passam a ser chamados de lares. Emergem também novas instituições para esta população desfavorecida, como os centros de dia e os centros de apoio domiciliários (Velo, 2008). Chamamos centro de dia a uma resposta social, desenvolvida em equipamento, que opera na prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sociofamiliar (Bonfim e Saraiva, 1996).

Por outro lado, os serviços de apoio domiciliário (SAD) asseguram a prestação de cuidados individualizados e personalizados a idosos no seu próprio domicílio quando por qualquer motivo, seja físico, de saúde ou até outros impedimentos, os próprios não consigam assegurar a satisfação das suas necessidades básicas, tanto temporal como permanentemente (Bonfim e Veiga, 1996).

Por sua vez, o centro de convívio trata-se de uma resposta social desenvolvida num equipamento de apoio a atividades sociorrecreativas e culturais organizadas e dinamizadas com participação ativa dos idosos (Segurança Social, 2003 *in* Osório, 2007).

Entre 1985 e 1995, surge o envolvimento de outros parceiros sociais, como as instituições particulares de solidariedade social (IPSS) e as associações mutualistas, entre outros. No princípio da década de 1990 é criado o primeiro Programa de Apoio Comunitário às Pessoas Idosas.

Os média tiveram também um papel fundamental, em termos da visibilidade, nas questões da terceira idade. Através dos média, foi possível a comemoração de determinados anos dedicados aos seniores, como por exemplo o Ano Europeu das Pessoas Idosas, em 1994. Neste ano, foi criado o primeiro PAII - Programa de Apoio Integrado às Pessoas Idosas (Velo, 2008).

O PAII, de acordo com Cunha(2012) surgiu pelos despachos conjuntos dos ministérios da Saúde e do Emprego e da Segurança Social de 1 de julho de 1994, com os seguintes objetivos:

a) Assegurar a oferta de cuidados, com carácter urgente e permanente, que visam primordialmente manter a autonomia do idoso no domicílio e no seu ambiente habitual de vida;

b) Estabelecer medidas destinadas a assegurar a mobilidade dos idosos e a acessibilidade a benefícios e serviços;

c) Implementar respostas de apoio às famílias que tenham de assegurar cuidados e acompanhamento adequados a familiares que se encontrem em situações de dependência, nomeadamente idosos;

d) Promover e apoiar iniciativas destinadas à formação inicial e em exercício, de profissionais, voluntários, familiares e outras pessoas da comunidade;

e) Promover atitudes e medidas preventivas do isolamento, da exclusão e da dependência e contribuir para a solidariedade intergerações, bem como, para a criação de postos de trabalho (Cunha, 2012).

Com estas medidas, o envelhecimento passou a ser analisado através de uma lente muito mais social.

2.3. Síntese

Pela revisão elaborada, constata-se que a problemática do envelhecimento, ao longo das últimas décadas, requer uma responsabilidade para a sociedade e obrigatoriamente passa a ter, cada vez mais, um lugar no plano político. O envelhecimento é agora uma problemática evidente à escala mundial, não se definindo apenas como um problema dos países desenvolvidos.

Existe, cada vez mais, uma preocupação em salvaguardar, promover, integrar e apoiar as pessoas mais velhas, provendo a sua autonomia, bem-estar e participação.

Grande parte das medidas que foram tomadas cria oportunidades de acesso à educação, à formação e à cultura. Desta forma, é permitido ao idoso partilhar tanto dos seus conhecimentos, adquirir novas aprendizagens e conviver com outras gerações.

O Laços, sendo um projeto de cariz artístico, tem a intenção de apelar à intervenção pela arte, aproximando gerações à cultura, enfatizando a participação dos idosos e de jovens, promovendo a sua autonomia e criando valores de solidariedade e respeito, além de aproximar gerações, combatendo o possível isolamento/sentimento de solidão.

Capítulo 3 – Envelhecimento ativo

Neste capítulo abordamos o conceito de envelhecimento ativo, reforçando a importância de um envelhecimento acompanhado de atividades que desafiem e possibilitem aos idosos continuar a aprender, uma vez que a educação deve ser feita ao longo de toda a vida e não apenas em idade jovem. O projeto Laços teve como finalidade contribuir para este tipo de envelhecimento, tentando, durante os meses de implementação, que os idosos se sentissem mais ativos e participativos.

Neste capítulo faz-se uma breve recisão da literatura, de forma a salientarmos a importância do envelhecimento ativo.

3.1. Envelhecimento ativo

Com o passar das décadas, envelhecer passou de uma representação cheia de estereótipos, cujo protagonista é o idoso, muitas vezes, tratado como alguém doente e incapaz, para a imagem que prioriza o seu reconhecimento como cidadão com plenos direitos, com a capacidade de continuar a ser ativo para a sociedade.

Todavia, continua a existir a necessidade de criar nas instituições projetos que estimulem oportunidades de bem-estar e qualidade de vida ao idoso, ao nível não só pessoal, mas também social, educativo e cultural.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no contexto da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento promovida pelas Nações Unidas, lançou o conceito de envelhecimento ativo como o pilar para a sustentabilidade da problemática que o crescimento do número de idosos trouxe à sociedade. A OMS definiu este conceito como “o processo que consiste em otimizar as hipóteses para uma melhor saúde, de participação como cidadão e de segurança para que se possa viver com maior e melhor qualidade na velhice” (OMS, 2002: 12 *in* Lopes, 2017).

Segundo Lopes (2017), a saúde trata-se de uma condição básica primordial para que as pessoas idosas possam manter-se independentes e continuar a viver no seu seio familiar, na sua comunidade. Se, por um lado, operacionalizar a definição de envelhecimento ativo nos expede para a criação de projetos de promoção de saúde e para facilitação do acesso

universal das pessoas de idade “aos serviços de saúde ao longo da vida” (NU, 2002), por outro lado, “ativo” não se refere unicamente à saúde e a ter um corpo enérgico, mas acima de tudo à participação do sénior na vida social, seja em questões de economia, de espiritualidade, cívicas e culturais” (Vallespir e Morey, 2007 *in* Lopes, 2017).

Assim, podemos afirmar que as condições de saúde são determinantes para o envelhecimento ativo; contudo, este não se deve restringir ao fomento de comportamentos saudáveis, sendo também importante ter em conta o ambiente onde o sénior está inserido, bem como outros factores relevantes, como as suas economias, factores sociais e culturais (World Health Organization, 2002).

3.2. Educação e formação ao longo da vida

Aprender coisas novas é vital e fundamental para o envelhecimento, na medida em que é capaz de ser uma “influência para o bem-estar, a empregabilidade, a solidariedade intergeracional e a prosperidade em geral” (International Longevity Centre Brasil, 2015).

Seminários, *workshops* e formações de curta duração são algumas das oportunidades que podemos apontar como inovadoras e que fomentam a cultura e a aprendizagem ao longo da vida (International Longevity Centre Brazil, 2015).

Considera-se uma cidade “amiga das pessoas idosas” quando a mesma lhes concede a possibilidade de um envelhecimento ativo, “reconhecendo as capacidades e os recursos do sénior, antecipando e respondendo com uma certa flexibilidade às carências que estão diretamente associadas ao processo de envelhecer. E respeitando as suas opiniões e escolhas, protegendo os seniores mais vulneráveis, promovendo sua inclusão e contribuição em todos os aspetos da vida da comunidade” (SNS, s. d.).

Hoje, em contraste com o passado, a educação acompanhada pela longevidade é umas das estratégias que vários autores sustentam como sendo uma ferramenta fundamental para a promoção do envelhecimento ativo.

Pelas mudanças que ocorrem nas sociedades, tanto ao nível social como económicas, não devemos restringir a educação a um período escolar programado; pelo contrário, devemos defender uma continuidade de aprendizagem até ao fim da vida (Osório, 2004).

Pose (2000: 143) afirma que “é um assumido convencionalismo a conceção da educação como processo permanente vinculado à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e das suas comunidades”.

Para Tamer e Petriz (2007), a educação acaba por ser também uma forma de o idoso potencializar a sua qualidade de vida, levando-o a experienciar mais vezes bem-estar. Ao mesmo tempo, a educação confere mudança de concepções sobre o envelhecimento, oferecendo armas para uma melhor atuação sobre o seu próprio envelhecimento. .

Este tipo de intervenção “fundamenta-se na pedagogia social e a sua metodologia é dada pela educação e pela animação sociocultural nas suas diversas modalidades” (Martin, 2007: 53).

O projeto Laços foi criado para tentar dar resposta a esta questão. Através da expressão dramática, os idosos estimulam as suas memórias, reconstróem histórias de vida e relembram ou aprendem novos saberes. O teatro, neste projeto, abre-lhes a porta para uma valorização da sua identidade. O convívio aproxima gerações, fomenta o respeito e a solidariedade, propicia o carinho, a amizade, e ainda combate a solidão e o medo. Acima de tudo, este projeto estimula gargalhadas e sorrisos, criando laços. Este conceito é assim aplicado pelo projeto Laços, que se serve da expressão dramática como ponte para uma hora que faz toda a diferença na vida de quem simplesmente sobrevive.

Capítulo 4 – A animação teatral em instituições

A animação cultural tem um leque alternativo de estratégias que a configuram, tendo vindo a ser representada nas agendas das políticas sociais.

Como afirma Cunha (2012), o teatro está intrinsecamente relacionado com a emergência e consolidação do campo da animação sociocultural, na medida em que a animação teatral precisa de tornar-se independente como área de intervenção, dentro da esfera da animação sociocultural.

Esta pretensão decorre, por um lado, da sua tradicional ancoragem na oferta social, nomeadamente nos programas socioeducativos de instituições vocacionadas para o atendimento à pessoa idosa, e, por outro, da sua difusão em contextos de intervenção comunitária (Cunha, 2012: 62).

Assim, “os teatros de animação teatral ocupam atualmente espaço na vida das pessoas que, ao envelhecer, dispõem de mais tempo livre, vivendo-o e gerindo-o de novas formas” (Úlcar 2006: 131-137).

Úlcar (2006) afirma também que esta relação entre teatro e envelhecer ativamente relacionam,

(...) na sua essência, as práticas que habitam a animação teatral apelam direta e invariavelmente ao outro, à sua presença participativa. Seja na posição de ator, seja na de público fruído, o outro é também o que permite e, em parte, justifica a existência do ato teatral (Úlcar 2006 in Cunha 2012: 62).

Como sempre fui apaixonada pelo teatro e tendo em conta a minha área de licenciatura, que é Teatro e Artes Performativas, sempre foi minha ambição, no âmbito do mestrado em Sociologia, realizar este projeto, onde pudesse aliar as artes ao campo social.

Tendo em conta o caso específico deste projeto que pretendemos implementar, a abordagem qualitativa surgiu como a mais adequada a ser utilizada. Construiu-se, assim, um atelier de teatro onde os participantes de diferentes gerações se juntaram.

4.1. A animação sociocultural e a terceira idade

Podemos considerar a animação social como um conjunto de técnicas sociais que, na opinião de Ander-Egg (2001) e Villicrosa (2004), respondem ao objetivo de incentivar a participação voluntária e ativa dos idosos, no meio de um grupo ou comunidade.

Podemos considerar que animação sociocultural (ASC) está muito interligada à transformação social, uma vez que se trata de uma ferramenta propícia a essa transformação (Serrano 2004). Desta forma, a ASC contribui para uma melhoria das relações sociais e de vida das pessoas (Ander-Egg, 2001; Serrano, 2004; Vallicrosa, 2004).

A animação social na terceira idade (ASCTI) baseia-se “nos princípios de uma gerontologia educativa, promotora de situações otimizantes e operativas, com vista a auxiliar as pessoas idosas a programar a evolução natural do seu envelhecimento, a promover-lhes novos interesses e novas atividades que conduzam à manutenção da sua vitalidade física e mental” (Lopes 2006: 329).

Estas atividades conseguem assim, na maioria das vezes, gerar processos de participação social, tornando as pessoas de idade “agentes do seu próprio desenvolvimento” (Martín, 2007; Osório, 2007).

Através da ASC, estas pessoas de idade que vivem institucionalizadas, e nalguns casos num mundo à parte do mundo exterior, para além de se tornarem mais participativas, conseguem ainda capacitarem-se de novas formas de relacionamento, bem como de expressão e comunicação social (Gómez 1997). Muitas vezes, sem a ASC torna-se difícil estabelecer relações, uma vez que as pessoas chegam às instituições com as suas bagagens e crenças. Há portas que se fecham, barreiras estas que, sem um animador ou agente facilitador, se tornam difícil de eliminar. Desta forma, a ASC ajuda na compreensão do meio que nos rodeia, tendo em conta que a educação ou a cultura de A não são iguais às de B. A ASC permite assim a partilha de culturas e conhecimentos, desenvolvimento do espírito crítico, e ainda pode selecionar encontros intergeracionais (Osório, 2004).

Jacob (2007), acrescenta como objetivos da ASC:

- perceber as necessidades, as ambições do idosos, assim como perceber que estes têm uma história com alguns problemas vividos;
- suscitar o interesse direcionado a outras pessoas com a finalidade de viver em harmonia, aceitando e respeitando os valores, as crenças, o meio e a vivência de cada um;
- fazer renascer os gostos e desejos, ajudando o grupo a direcionar-se num sentido de harmonia, implementando o respeito, os valores, as crenças, o meio e as diferentes vivências de cada um;
- permitir às pessoas idosas que se reintegrem na sociedade como membros ativos.

Claro está que estes programas de ASC têm de ser adaptados aos interesses, gostos e valores sociais, uma vez que falamos de um grupo com especificidades que se distinguem

pela sua idade, sexo, sua cultura, saúde, proveniência e contexto racial, além do tempo em que se encontram na instituição (Cunha 2000).

4.2. A animação teatral na terceira idade institucionalizada

A arteterapia surge em 1930, como opção terapêutica, quando alguns psiquiatras começaram a mostrar interesse pelos trabalhos desenvolvidos por alguns pacientes, nomeadamente esquizofrênicos, procurando dessa forma estabelecer uma possível relação entre as produções artísticas e a sua patologia (Carvalho, 2001).

Podemos considerar a arteterapia como um processo terapêutico que recorre a diversos meios expressivos com o objetivo de auxiliar os indivíduos a contactar com conteúdos inconscientes, procurando assim facilitar o desenvolvimento da personalidade num todo (Ormezzano e Arruda, 2005).

Para Coutinho (2008), a arteterapia com idosos é algo que vem crescendo e fazendo a diferença na vida da terceira idade. Para estas pessoas, o tempo impõe, sim, algumas limitações, mas também os acrescenta em diversos aspetos, tais como experiências, sensibilidade, sabedoria e, em alguns casos, a coragem. Segundo o mesmo autor, a arteterapia também pode ajudar a diminuir alguns preconceitos em relação à criatividade dos idosos, pois, ao criar e fazer arte, estamos a falar de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa história, dos nossos medos e aspirações.

A arteterapia é um tratamento psicoterapêutico que usa as áreas artísticas como a dança, o teatro a música e a expressão plástica (Sousa, 2005).

O Laços usou para este projeto o teatro como técnica de arteterapia, já que, segundo Vieites (2006), a animação teatral (AT) é uma disciplina em desenvolvimento, com dimensões tanto educativas como artísticas, sociais e culturais que se situa entre a pedagogia social e a pedagogia teatral. Resultado de um conjunto de práticas cénicas, técnicas e metodologias de trabalho, a animação teatral tem como objetivo dar a oportunidade à criação à expressão e comunicação. Mantém igualmente fortes relações com um conjunto de campos de conhecimento, ciências e disciplinas como a teoria do teatro, a pedagogia teatral, a pedagogia social, a psicologia, a etnografia e a sociologia, entre outros (Vieites, 2006).

Segundo Ventosa Pérez (2006), a animação teatral nasce da complementaridade entre animação e teatro e não da sua mera justaposição.

O que há de comum entre a ASC e a AT? Ambas querem excluir a passividade, permitem que as pessoas vivam a sua própria vida, recuperando dessa forma a autonomia. (Úlcar, 2006).

O teatro, perspectivado desta forma, “está intimamente vinculado à educação e constitui-se, essencialmente, num tipo de aprendizagem individual e coletiva” (Úlcar, 2006: 125).

Assim, o teatro, como estratégia fundamental dos processos de animação teatral, permite que a pessoa se conheça como um ser completo, ou seja, que conhece a sua mente, as suas emoções, bem como os seus sentimentos (Úlcar, 2006).

A animação teatral permite que se concebam processos de criação cultural, aprendizagem e “empoderamento” dos participantes (Úlcar, 2006). Através da auto-interação, as pessoas têm assim oportunidade de descobrir “aspectos ignorados das suas personalidades que aprendem a rentabilizar em termos de maior felicidade e equilíbrio pessoal ou interativo” (Úlcar, 2006: 125).

Como afirma Cunha (2012) na sua tese sobre a animação teatral na terceira idade, o teatro como meio de animação sociocultural e o teatro como arte diferenciam-se. Enquanto o teatro como arte se interessa unicamente pelo resultado final, a arteterapia enfatiza o processo, ou seja, desde a expressão à participação e comunicação – e não só o produto final.

A pesquisa revela que a AT procura devolver a voz ativa ao sujeito, capacitando-o para ser um “agente de mudança que assume um papel ativo em assuntos de ordem social, cultural e política na sua comunidade, utilizando o capital cultural e teatral” (Vieites, 2006). Neste sentido, a AT usa as suas técnicas para que, através do teatro, se conquiste a transformação social, cultural e educativa, com o objetivo de reflexão sobre diversos problemas (Lopes, 2006). A AT promove também a aquisição de novos conhecimentos e, segundo Vieites (2006), “contribui também para a adaptação e integração das pessoas, na medida em que o teatro, quer como meio de difusão quer como meio de receção teatral, fomenta a socialização, o convívio e a interação”. Lembremo-nos de que, no caso do projeto Laços, a AT foi aplicada em grupos de pessoas institucionalizadas, para as quais a importância da adaptação e integração pode ser ainda maior devido a barreiras que possam ter sido criadas.

Tanto na ASC como na AT, a premissa é de que se disfrute de tempo livre e que o mesmo seja usado como forma de desenvolvimento pessoal e de transformação social. Quando estão institucionalizadas, as pessoas acabam por apresentar rotinas que são

comuns à própria institucionalização. Estas rotinas caem muitas vezes em algo tão empírico que se torna difícil introduzir estímulos novos. Por esta razão, a criação de um grupo para AT promove a mobilidade, levando as pessoas institucionalizadas a participar, fazer algo diferente e discutir assuntos em ambiente lúdico. Por outro lado, este grupo permite ainda promover processos de criação de produtos cénicos que expressam um sentir individual e coletivo, além de poder assumir uma posição sobre determinadas problemáticas (Vieites, 2006).

Este pensamento vai de encontro à teoria defendida por Cunha (2012), que afirma que a animação teatral com pessoas idosas deve contribuir para que as mesmas tomem uma consciencialização sobre algumas problemáticas e tentem encontrar formas de os solucionar, provocando a mudança e a transformação individual do idoso. Salaria ainda que a AT deverá, através das suas técnicas, manter vivas as memórias das pessoas idosas, bem como o seu conhecimento pelos ditos populares, as canções e as danças próprias do tempo em que viviam.

4.3. Síntese

O paradigma do envelhecimento ativo é a resposta para promover a qualidade de vida e o bem-estar até ao fim da vida. Este objetivo pode ser apenas uma intenção, tendo de se tornar numa dinâmica que chegue a todos os idosos, pois a velhice não deve ser vivida na inquietação de que os seus dias estão a chegar ao fim. “Tenho mais idade, mas não tenho menos vontade de aprender!”

Lopes (2017) defende que num idoso, quando é saudável, autónomo e está inserido na comunidade, a velhice pode ser uma experiência “renovadora” e deve ser partilhada com gerações mais jovens.

Capítulo 5 – A institucionalização de jovens

Como temos vindo a constatar, a institucionalização de crianças e de jovens é uma problemática recorrente. Contudo, em Portugal, segundo a Lusa (2018), o número de crianças institucionalizadas tem vindo a diminuir. “Portugal começa a dar sinais positivos no caminho da prevenção e/ou redução da institucionalização de crianças e jovens”²

Também se tem constatado que a maioria das institucionalizações ocorrem em rapazes entre os 12 e os 20 anos, cujo tempo de acolhimento, na maioria dos casos, dura entre três a seis anos. Nestes casos, é sempre importante ter-se em atenção os motivos que levaram à institucionalização, para que o plano de intervenção individual seja o mais adequado, sempre com o objetivo de o tempo de permanência ser sempre o mais reduzido possível.

A institucionalização de crianças e jovens surge muitas vezes como uma das respostas sociais para as proteger, no caso de os seus direitos não estarem a ser devidamente cumpridos.

Neste capítulo, pretendemos explorar esta problemática e tentar compreender os motivos desta institucionalização, assim como as expectativas sobre a mesma.

Pretendemos também nesta fase realçar que, se nos capítulos anteriores não deixámos de verificar a importância da ASC e da AT no idoso institucionalizado, o mesmo acontece neste caso.

Por último é de referir a importância dos projetos intergeracionais, principalmente quando aplicados nestes públicos tão negligenciados.

5.1. A institucionalização de menores

“Podemos imaginá-los como passarinhos em gaiolas...uns rouxinóis, outros, canários (...) Os rouxinóis, sempre tristes, preferindo enfrentar o desconhecido, a indeterminação do espaço livre, a procura incerta de alimento, segurança e carinho. Os canários, cantando nessa mesma gaiola, trocando a liberdade pelo conforto, a segurança e a certeza da satisfação das suas necessidades básicas de sobrevivência física. Os últimos cantam, os primeiros definham de tristeza.” (Alberto, 2003: 227)

² *Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens* relativa a 2017 in Lusa, (2018).

A assistência social surgiu em Portugal há bastante tempo e tal fica a dever-se à “criação das Misericórdias pela Rainha D. Leonor (1458-1525), que marca o aparecimento de estruturas vocacionadas para a prática de obras de caridade, destinadas aos pobres, enfermos, órfãos, presos, etc.” (Ramirez, Penha e Loff, n. d.: 9).

Fazendo uma revisão à nossa literatura, no século XVIII (1780) é fundada a Casa Pia de Lisboa, que surge com o principal objetivo de dar abrigo a crianças que se encontravam nas mais diversas situações, desapropriadas para crianças. Depois de acolhidas era-lhes oferecida formação.

Numa fase seguinte surgem as “Casas da Roda”, que recebiam, essencialmente, crianças que tinham sido abandonadas ou que teriam perdido os seus pais. No decorrer do séc. XIX” (Soares, 2001: 117),

(...) o número de crianças expostas na roda caracterizava-se por apresentar uma tendência gradualmente crescente, implicando um aumento de crianças abandonadas, e o Governo, numa tentativa de travar um pouco a tendência de abandono das crianças nas Casas da Roda, extinguiu estas instituições” (Soares, 2001: 117).

Depois do século XX encara-se esta problemática através de uma nova forma de proteger as crianças e jovens, assim como de prestar cuidados.

Segundo Soares (2001), o Estado define duas medidas primordiais de intervenção, que passam pela criação de iniciativas relativas à proteção dos menores que vão contra a exploração infantil, contra a “promulgação de documentos” relativos à forma como a delinquência juvenil era tida em conta, bem como as situações de risco em que as mesmas se encontravam.

A partir dos anos 70 surge um novo modelo, direcionado para as carências desenvolvimentais, que tenta conceber a ideia de que o contexto institucional onde a criança é inserida deve ser idêntico, nas suas práticas, ao ambiente familiar da criança. Com estas alterações, falamos de respostas de cariz mais pequeno, abraçando um menor número de crianças; no entanto, torna-se possível reforçar a proximidade nos afetos e nos cuidados assegurados (Ferreira, 2013: 35).

A partir dos anos 90 e até aos dias de hoje, tem-se pensado na institucionalização como algo temporário, como uma alternativa para resolver as situações problemáticas do meio desestruturado e/ou desapropriado para o desenvolvimento harmonioso e saudável da criança, aumentando-se simultaneamente as medidas preventivas (Ferreira, 2013).

Neste sentido, embora não seja fácil definir instituição, tendo em conta a multiplicidade de fatores e aspetos envolventes, as instituições vocacionadas para o acolhimento de menores podem ser caracterizadas como:

Instituições sociais criadas pela iniciativa pública para facilitar uma atenção especializada àquelas crianças e jovens que, por circunstâncias familiares distintas, necessitem de ser separadas temporariamente do seu núcleo familiar, e para os quais o internamento é a opção preferencial face à impossibilidade de lhes oferecer outro tipo de recursos (Sandomingo, 1998: 71).

As IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) são as instituições que mais asseguram os serviços de proteção e educação das crianças (Ferreira, 2013) e “desenvolvem atividades de solidariedade social muito diversificadas, nomeadamente, no âmbito do apoio social a crianças, jovens, idosos e deficientes” (Ramirez *et al.*, n. d.: 40).

Em 1999 é promulgada a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, que entra em vigor em janeiro de 2001. Esta lei defende a promoção dos direitos e a proteção de menores em situações de risco, tentando contribuir para uma melhor qualidade de vida destas crianças, bem como assegurar o seu desenvolvimento integral.

O acolhimento em instituição é uma medida de proteção que vem descrita no Diário da República – I Série - A, N.º 204 - 1-9-1999, Lei n.º 147/99 de 1 de setembro:

Esta medida consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (Artigo 49.º).

O que se procura é que a vida nos lares se aproximem, na medida do possível, do contexto familiar. Para isto, as organizações devem estar organizadas de forma a conseguirem dar resposta a um número reduzido de crianças, evitando a “massificação” do acolhimento (Delgado, 2006: 168).

Hoje em dia, pretende-se que as crianças só entrem no mundo da institucionalização em último recurso. Assim, é indispensável criar-se formas de intervir no meio familiar, dando apoio à reinserção das famílias, e só em último caso retirar a criança do seu meio familiar, uma vez que o fenómeno da institucionalização tem impactos nas questões da vinculação. Fruto da institucionalização, têm-se percebido problemas emocionais e de comportamento dos menores, nos quais se destacam “a depressão analítica, retraimento social e um padrão comportamental caracterizado por uma sociabilidade indiscriminada ou ausência de reticência da criança face a estranhos” (Soares *et al.*, 2010).

Estas perturbações no relacionamento social das crianças acontecem frequentemente nas crianças que cresceram em instituições sem a presença de um cuidador que lhes desse a devida atenção, com a devida emoção, às suas necessidades e carências.

Em muitos casos, a institucionalização provoca nas crianças sentimentos conturbados, marcados por desalento, tristeza, angústia, medo e incerteza quanto ao futuro (Ferreira, 2013). Assim, é importante assegurar um contexto semelhante ao familiar, pois

(...) uma criança terá maiores probabilidades de desenvolver uma representação positiva de si própria, na qual o *self* surge como valorizado e merecedor de cuidados, quando as suas necessidades de proximidade emocional, de proteção e de segurança estão preenchidas, existindo, simultaneamente, suporte para uma exploração ativa e autónoma do meio (Maia, *et al.*, 2008: 424).

Segundo Ferreira (2013), a “colocação de crianças e jovens em risco em instituições – cuja intenção inicial é a proteção dos mesmos, seja proteção contra os maus-tratos, negligência e/ou outros tipos de problemáticas – pode levar ao paradoxo da institucionalização”, neste caso, o objetivo do acolhimento de proteger o menor em situações de risco proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida, que o contexto familiar não conseguiu assegurar. Como consequência, esta criança pode sofrer um incremento de danos nestas crianças já fragilizadas. (Alberto, 2003: 229).

Alberto (2003) refere quatro aspetos que estão intimamente relacionados com o processo de institucionalização de crianças em risco e que poderão ter implicações negativas nas mesmas. Estes aspetos incluem o sentimento de punição; a demissão/diminuição da responsabilização familiar; a estigmatização e discriminação social; e a função de controlo social/reprodução das desigualdades sociais (Ferreira, 2013).

5.2. Síntese

A vida de um jovem institucionalizado é inevitavelmente diferente. Estes jovens são abrangidos por sentimentos destrutivos, já que a base familiar é importantíssima e estes não a têm. Não chega só criar instituições para lá colocar as crianças e jovens e deixá-las ao “abandono” (Alberto, 2003). É preciso criar dinâmicas que as transportem para o seu meio familiar, como por exemplo introduzir estratégias de ASC e AT ou até mesmo programas intergeracionais.

Capítulo 6 – Os programas intergeracionais

O envelhecimento demográfico constitui uma problemática inerente a uma sociedade contemporânea, resultado de uma significativa melhoria das condições de vida. Contudo, estes factos levaram a alterações dos padrões das relações intergeracionais, que em tempos anteriores aconteciam de forma natural no seio familiar e que nas sociedades contemporâneas devem ser promovidas através de atividades que explorem a intergeracionalidade.

As populações institucionalizadas não devem ser esquecidas de programas como estes, uma vez que a própria institucionalização aumenta a dificuldade de encontros geracionais.

Estes projetos geracionais têm impacto se servirem necessidades individuais, ao mesmo tempo que confirmam benefícios a todos os intervenientes, .

6.1. Conceito de geração

Entre as diversas opiniões existentes acerca do conceito de geração, Sarmiento (2015) afirma que podem existir dois conceitos:

- geração como uma categoria natural que analisa a estratificação social e a criação das relações;
- geração de natureza cultural, mais ligada a um grupo nascido na mesma época histórica e que viveram os mesmos acontecimentos sociais.

Por outro lado, outra perspetiva relaciona estes dois conceitos apresentados, defendendo que “a geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo” (Mannheim, 1928: 364).

Partilhando a mesma opinião, outra definição de geração surge como “uma sensibilidade social à metamorfose produzida no corpo humano pela passagem do tempo, envolvendo a atribuição de significados a tais transformações” (Sant’Ana, 2012: 257)

Apesar de todas estas contribuições, o mais importante a retirar para esta investigação é o conceito de geração como uma estratificação social, onde existem variações etárias.

6.2. Intergeneracionalidade

Camilo (2014) assume o conceito de intergeracionalidade como parte intrínseca da constituição das sociedades e distingue diferentes contornos na história da humanidade, pacificando ou tencionando estas relações em vários campos como na família, na política, no Estado e na escola.

Por outro lado, segundo Nunes (2009), intergeracionalidade trata-se de uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes e que se encontram em momentos distintos da vida. Para o autor, a intergeracionalidade remete-nos para situações entre gerações e da relação entre elas, relações que apenas resultam em benefícios na comunicação entre os intervenientes, partilhas, sentimentos, ideias e melhor compreensão, sendo estas relações encaradas como fatores de promoção, inclusão e solidariedade. Martinez *et al.* (2010) afirmam que os projetos de intervenção geracional exigem não só uma preparação, como um conhecimento, para além da racionalidade e da capacidade reflexiva, para que desta forma os programas, como o PL, quando juntem gerações distintas, estejam preparados para satisfazer necessidades individuais, familiares e comunitárias..

6.3. Barreiras intergeracionais

As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas estão em crise, isto é, estão em quebra, o que prejudica o convívio entre gerações (Oliveira, 2018).

Por motivos vários e óbvios, a distância crescente entre avós e netos e a consequente diminuição deste contacto prejudica a transmissão de herança cultural (Oliveira, 2018).

Ramos (2014) aponta o facto de as distâncias geográficas afetarem a lógica de proximidade familiar, afetando assim os momentos de convívio.

Por outro lado, Cabral e Marcuch (2016) defendem que a própria economia produtiva afeta as políticas sociais e, conseqüentemente, dificulta a solidariedade intergeracional.

6.4. A necessidade de intervir através de programas de educação intergeracional

Quanto mais o tempo passa, mais necessidade se deveria sentir em abordar o tema da intergeracionalidade e dessa forma entender a importância e valorização de relações entre as várias gerações (Oliveira, 2018).

A Rede Europeia de Aprendizagem Intergeneracional (EMIL) explicita os benefícios da aprendizagem intergeracional enquanto dinâmica que fomenta e ativa a troca recíproca de conhecimentos entre pessoas de todas as idades (Dantzer *et al.*, 2012; Sánchez e Kaplan,

2014) e assim as ligações necessárias ao bem-estar. Consequentemente, a aprendizagem intergeracional gera a possibilidade do encontro e a capacidade para aprender a conviver.

Mannion (2012) refere que a aprendizagem intergeracional encontra sentido se e só se definir critérios-chave, especificamente:

- (i) incluir pessoas de duas ou mais gerações que participam numa dada iniciativa comum e que toma lugar num determinado contexto;
- (ii) envolver diferentes interesses entre as gerações, empregues para a melhoria individual, comunitária e ecológica, com acréscimo para o bem-estar;
- (iii) requerer vontade para a comunicação recíproca através das divisões geracionais (através de atividades que envolvam consenso, conflito ou cooperação) com a esperança de gerar e partilhar novos encontros, práticas e locais intergeracionais que até certo ponto são comuns;
- iv) requerer vontade para serem responsáveis uns pelos outros de forma contínua.

Neste pressuposto, a prática intergeracional precisa de envolver elementos educativos, cujo enfoque se alimenta de processos de continuidade e de construção de laços sociais (Mannion, 2012). A educação é a chave do/para o sucesso e a bússola que orienta toda a ação para a relação com os outros. Neste sentido,

A educação intergeracional pode promover as relações intergeracionais e ser constituída por novas formas de reciprocidade entre pessoas de todas as idades; contudo, deve possuir um objetivo normativo que seja capaz de provocar a mudança de relações e contribuir para o florescimento de comunidades e atores sociais, para além dos contextos (Mannion, 2012: 396).

Desde que os programas intergeracionais foram concebidos, e de realçar o facto de os mesmos terem sido vistos como “fazendo sentido” e fazendo a diferença para aqueles que neles participam (Kuehne, 2003).

Nos anos 60 do século passado, emergem os programas intergeracionais (PI), com o intuito de lançar alguns desafios à sociedade americana, pela necessidade, não só mas também, de sustentar e promover uma educação ao longo da vida.

Sistematicamente, os PI foram associados aos desafios lançados pelo bem-estar de crianças, jovens e pessoas idosas e ao impacto numa sociedade em mudança.

Numa primeira fase, o enfoque seria uma contínua partilha de competências e/ou de experiências entre os mais velhos e os mais novos. Presumivelmente, a lógica era promover a interação planeada e contínua entre gerações (Newman, 1986; Ventura-Merkel e Lidoff, 1983).

Hoje em dia, trata-se de um desafio mais complexo, que se define pela partilha dos ideais da educação ao longo da vida (Delors, 1996) e da coeducação (Ferrigno, 2006). Neste sentido, e como afirma Azevedo (2011), a educação intergeracional é o garante para a educação autêntica, isto é, “a educação que promove o desenvolvimento integral da pessoa” (Azevedo, 2011: 134).

Assim, a educação intergeracional distingue-se das outras práticas sociais aquando do cumprimento dos seguintes princípios:

- existência de benefícios mútuos e recíprocos para todos os participantes geracionais;
- participação ativa e efetiva;
- alicerçamento da compreensão e do respeito mútuos, além da rigorosa planificação com a intenção de criar mudanças positivas e aprendizagens efetivas e sustentadas para além das que ocorrem naturalmente;
- sustentação nas necessidades culturais do contexto no qual estão a ser desenvolvidos;
- estreitamento dos laços comunitários e a promoção de uma cidadania ativa;
- combate ao idadismo;
- apelo à intra ou interdisciplinaridade.

Em 1999 foi criado o Internacional Consortium for Intergenerational Programs (ICIP), um consórcio internacional que promovia programas intergeracionais através de uma lógica assente em práticas, pesquisas e políticas públicas, tendo em conta uma perspetiva mais geral, realizando diversos encontros internacionais. Este consórcio está intrinsecamente relacionado com a atitude de que programas com valor intergeracional estimulam a formação de respeito sobre as pessoas de gerações mais velhas, o fortalecimento de relacionamentos através do ciclo da vida e a inclusão social de todas as gerações.

6.5. Modelos de práticas intergeracionais

França *et al.* (2010) afirmam que o trabalho intergeracional consiste num processo educativo com o objetivo de melhorar a comunidade, havendo partilha de informações ou perspetivas diferentes, criando novas formas de pensamento, superando conceitos relevantes.

Programas que promovam o trabalho intergeracional podem ser desenvolvidos em vários ambientes sem restrições etárias, lembrando sempre que se trata de uma participação voluntária (Oliveira, 2018).

O projeto Laços aposta assim no teatro como uma forma de modelo intergeracional, que favorece o diálogo, sendo mediador de aprendizagens e de experiências colaborativas, defendendo que:

As práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo. Esses resultados podem e devem ser multiplicados por outras organizações públicas e privadas.” (França *et al.*, 2010: 529).

6.6. Práticas intergeracionais

As relações intergeracionais podem apresentar diversas vantagens, tais como o favorecimento do respeito, participação e ação entre pessoas de idades variadas. A acrescentar a estes pontos, podemos referir o envelhecimento ativo e a introdução da importância deste conceito nos mais novos.

Cabral e Marcuch (2016) realçam que devemos estimular convívios geracionais com o objetivo de estabelecer uma sociedade mais solidária e comum. Estes autores afirmam ainda que o encontro entre gerações se trata de uma mais-valia para todos, na medida em que reforçam a importância do entendimento, respeito e partilha entre todos.

A solidariedade entre gerações, como afirmam Alves e Pinto (2012), deve ser construída, ensinada, aprendida, treinada e estimulada de forma a aumentar a proximidade entre as diferentes gerações.

6.7. Vantagens dos programas intergeracionais

A temática da institucionalização, na maioria das vezes, empurra-nos para um estado de ânimo menos positivo, onde muitas vezes a solidão e o isolamento são a melhor companhia quando se está a envelhecer num lar. Os jovens e os idosos são institucionalizados e na grande maioria dos casos afastados da sua família. Nestas situações, o convívio geracional não só é necessário como é uma emergência. Neste sentido, estes programas não só combateriam a solidão e o isolamento, como também, a nosso ver, proporcionariam momentos de alegria aos participantes.

Como afirma Oliveira (2018), a intergeracionalidade remete, a quem participa destes momentos geracionais, para novas aprendizagens. Estes conhecimentos só podem ser corretamente transmitidos se o respeito por ambas as gerações for assegurado por ambas as partes. Desta forma, a herança cultural é transmitida, através de novos saberes, possibilitando a ambas as gerações beneficiar de novas competências. Consequentemente,

estamos perante um processo de educação intergeracional, concebido pelo facto de este tipo de relações ajudar a que os indivíduos se sintam melhores face a si mesmo e aos outros. Por outro lado, numa perspetiva de conhecimento da história familiar, esta é facilitada quando se estabelecem novas amizades, resgates de valores e um melhor desenvolvimento cognitivo e social.

Conclui-se assim que os programas intergeracionais conferem inúmeros benefícios para quem os experimenta, dos quais podemos afirmar a troca de conhecimentos, afetividade, queda de preconceitos, construção de valores e memórias, aumento de atitudes solidárias e aproximação das gerações como alguns deles. Esta aproximação pode ser realizada através das mais variadas atividades lúdicas ou sociais, tendo sempre em conta a vontade de quem participa (França *et al.*, 2010).

Neste sentido, o “aumento do sentimento de valor, autoestima e confiança em si mesmo; diminuição do sentimento de solidão e isolamento; ter acesso ao apoio de adultos durante os momentos de dificuldade; aumento do sentimento de responsabilidade social, do sentido cívico e de responsabilidade em relação à comunidade; perceção mais positiva das pessoas de idade; desenvolvimento de habilidades práticas; melhoria dos resultados na escola; desenvolvimento das habilidades académicas, menor implicação em atos de violência e uso de drogas; aumento do otimismo; fortalecer-se para a adversidade; receber apoio na construção da própria carreira laboral; participar em atividades de lazer alternativas para fazer frente aos problemas, particularmente drogas, violência e conduta antissocial, etc., são assegurados” (Villas-Boas *et al.*, 2016: 125)

A promoção de continuidade de aprendizagem ao longo da vida, a consciencialização para o conhecimento de todas as gerações e o apelo para a diversidade de culturas existentes nas diferentes gerações são também vantagens comentadas por Villa-Boas (2016), que tentaremos comprovar com a implementação do Laços.

6.8. Síntese

É importantíssimo e urgente que, cada vez mais, se promovam as relações intergeracionais nas instituições, na medida em que estas trazem benefícios não só para os institucionalizados, mas também para as comunidades e para a própria sociedade. No entender de Oliveira (2018), a fomentação deste tipo de relações trata-se de um processo de educação onde todos aprendem e todos ensinam, melhorando a vida de cada um e contribuindo para o desenvolvimento de respeito e solidariedade entre todos. Nesta linha de pensamento, as relações intergeracionais podem ser consideradas como tipos de intervenção psicossocial que pretendem alcançar mudanças de comportamentos e atitudes das gerações umas em relação às outras.

Capítulo 7 - Metodologia e técnicas de investigação

Este capítulo irá debruçar-se sobre a metodologia eleita para este projeto: a metodologia qualitativa.

A pesquisa qualitativa trata-se do conjunto de métodos ou técnicas qualitativas de captação de factos que se prestam à análise da ação social (Silva, 2013). No ramo das ciências sociais, a pesquisa qualitativa preocupa-se com um nível da realidade que não pode ser medido de forma quantitativa, ou seja, “trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, s. d: 22). Rodrigues (2006), psicóloga social, afirma ainda que o nosso interesse recai sobre fenómenos ou temas que não podem ser medidos, mas merecem ser conhecidos e interpretados.

A pesquisa qualitativa não integra a representatividade numérica, tratando sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os investigadores que adotam esta metodologia não aceitam um modelo único de pesquisa para todas as ciências, uma vez que as ciências sociais são mais específicas que concretas e por isso têm uma metodologia singular própria. Assim, os investigadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o mesmo não pode fazer julgamentos nem permitir que os seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1997: 34).

A investigação qualitativa, ao contrário da investigação quantitativa, trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses (Goldenberg, 1997).

7.1. Metodologia qualitativa

Diário de campo/notas de campo

Segundo Bodgan e Biklen (1994: 150), o sucesso dos estudos baseados em metodologias qualitativas deve-se às notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Assim que o investigador volta do terreno deve escrever aquilo que ouve, vê, experiencia e pensa no

decurso da recolha (Bodgan e Biklen, 1994: 150). Assim, o investigador deverá fazer uma descrição de pessoas, objetos, lugares, atividades, ideias, estratégias, etc.

As notas de campo do nosso estudo foram sintetizadas num diário de bordo que documenta, tal como afirma Flick (2005), todo o processo de abordagem no terreno, as experiências, problemas, factos importantes, entre outros. Estas notas ajudaram-nos, tal como afirma Bodgan e Biklen (1994: 150-151), a acompanhar o desenvolvimento do projeto e a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos.

Sempre que terminavam as sessões do projeto Laços, eram elaboradas as notas de campo, imediatamente depois do contacto com o grupo.

O conteúdo das notas de campo tinham um lado mais descritivo e um outro mais reflexivo. A parte reflexiva representa, na perspetiva de Bodgan e Biklen (1994: 152), “o melhor esforço do investigador para registar objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo”. Estes autores afirmam ainda que “é preferível citar ao invés de resumir o que foi dito pelos participantes” (*idem*).

Incluímos assim, nas nossas notas tudo que era referente às sessões, como os relatos dos atores sociais envolvidos, reconstruções pertinentes de diálogos ou debates, relatos de acontecimentos particulares e relevantes para o nosso estudo, para além das descrições das atividades realizadas e de comentários feitos sobre as mesmas. De outro ponto de abordagem, a parte reflexiva inclui as observações e especulações tendo em conta o que foi observado, bem como informações adicionais, pensamentos e sentimentos.

Entrevista de grupo

A entrevista difere do questionário, dado que compreende a reunião de dados através de uma interação oral entre entrevistador e entrevistado (Cohen e Manion, 1990), tratando-se de um “diálogo iniciado pelo entrevistador com o propósito específico de obter informação relevante para a investigação e orientado por ele sobre o conteúdo especificado pelos objetivos de investigação de descrição, de predição ou de explicação sistemáticas” (Cannell e Kahn, 1968: in Cohen e Manion, 1990: 378).

Segundo Flick (2005: 95), quando o objetivo da recolha de dados se rege às afirmações concretas sobre um assunto, o meio mais eficiente é a entrevista semiestruturada. A principal vantagem deste método prende-se com a melhoria da comparabilidade e da estruturação dos dados através do uso coerente do guião da entrevista (Flick, 2005: 95).

De acordo com Patton (1990 *in* Flick, 2005: 116), uma entrevista de grupo é realizada com um pequeno grupo de pessoas e sobre um tema específico. Os grupos típicos têm seis a oito participantes na entrevista, cuja duração vai de meia hora a duas horas (Patton, 1990: 335 *in* Flick, 2005: 116).

Das vantagens da entrevista de grupo, segundo Watts e Ebbut (1987 *in* Cohen e Mannon, 1990: 397), salienta-se o potencial para desenvolver discussões, proporcionando assim uma ampla gama de respostas. Para estes autores, tais entrevistas são úteis quando um grupo de pessoas esteve a trabalhar junto durante um certo tempo ou com um propósito comum.

Neste tipo de entrevista, uma das principais tarefas do entrevistador resume-se a evitar que alguém seja dominante sobre a entrevista e, em consequência, todo o grupo com as suas intervenções (Merton *et al.*, 1956 *in* Flick, 2005).

Segundo Patton (1990 *in* Flick, 2005), esta técnica de recolha de dados é muito eficiente dado que permite que os participantes se equilibrem uns aos outros, exercendo um determinado controlo sobre os dados recolhidos. Por outro lado, esta metodologia apresenta também algumas desvantagens, nomeadamente o número limitado de questões que permite tratar e a dificuldade de tomar notas durante a entrevista (Patton, 1990 *in* Flick, 2005: 116). Para Yin (2004), outra das desvantagens da entrevista é o facto de a mesma estar sujeita ao preconceito e à memória fraca dos entrevistados. Neste sentido, segundo Cunha (2012), os dados obtidos através da entrevista devem ser corroborados por outras fontes de dados.

No início da entrevista, foi dado a conhecer o intuito e os objetivos da mesma, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade da entrevista. Para tal foi pedido que assinassem um documento. (A entrevista que o grupo do projeto Laços implementou teve como base as questões elencadas no Anexo 2.)

Observação participante

A observação participante trata-se de uma técnica de recolha de dados intrinsecamente relacionada com a metodologia qualitativa.

Na observação participante, enquanto técnica utilizada em investigação, há que realçar que os seus objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (Spradley, 1980).

A observação participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador o instrumento de pesquisa. Este tipo de observação requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto, no entender de Correia (2006). A mesma autora afirma que a expressão *observação participante* tende ainda, de acordo com Lapassade (2001), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este, e continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação.

A nossa observação era feita e registada em diário de bordo. Relativamente às notas que fomos tomando, muitas vezes sentimos a necessidade de fazer alterações no processo e devido a algumas reações que pudemos observar, e que apreciámos, e da atenção que demos a tudo o que estava a acontecer. Sucederam várias vezes momentos em que sentimos a necessidade de nos ausentarmos por um momento para fazer algum registo, mas na maioria das vezes o registo foi sempre efetuado após a sessão, por não acharmos satisfatório realizar as anotações em frente aos participantes. Face aos objetivos de estudo, foi importante limitar previamente a duração máxima de cada momento de observação. As observações eram feitas maioritariamente durante os ateliers de teatro; no entanto, durante o dia, através do contacto e troca de ideias, era também possível fazerem-se observações.

Face aos objetivos de estudo, foi importante limitar previamente a duração máxima de cada momento de observação. As observações eram feitas maioritariamente durante os ateliers de teatro, no entanto, durante o dia, através do contacto e troca de ideias, era também possível fazer-se observações.

A observação participante foi um complemento às entrevistas, ajudando na categorização dos resultados.

7.2. O projeto Laços

Este é um projeto que surge pela necessidade de se considerar desenvolver e considerar meios que promovam as formas de adaptação necessárias para que o envelhecimento seja, cada vez mais, um acontecimento natural, ao mesmo tempo que possa ser vivido em plenitude e dignidade e, acima de tudo, com humanidade.

O teatro e os programas intergeracionais podem e devem ser considerados como contributos para a promoção do envelhecimento ativo, na medida em que estes devem combater o isolamento, a solidão, a tristeza, a passividade, a rotina, a falta de voz e ainda a falta de motivação de quem vive institucionalizado. Simultaneamente, programas como o Laços ajudam a construir uma autovalorização do idoso e do jovem institucionalizados, criando laços, valores de respeito e autoajuda, e ainda espírito de grupo.

Como intervém o sociólogo na promoção de um convívio geracional e a inclusão, através das artes, nas populações idosas institucionalizadas?

Na esperança de realizar o exercício sociológico proposto, neste último capítulo esboçamos uma explanação do projeto Laços, dos seus objetivos e de que modo orientaram o estágio numa ERPI, com a colaboração do Colégio da Santa Casa da Misericórdia do Porto, conseguindo constituir um grupo composto por 13 participantes seniores e 7 jovens, todos em situação de institucionalização.

O desenho deste projeto consistiu em técnicas do campo da animação sociocultural e da animação teatral. O projeto dividiu-se em 3 fases:

- 1.ª fase: protocolar;
- 2.ª fase: grupal;
- 3.ª fase: criativa.

Na primeira fase, estabeleceram-se os contactos com a ERPI no sentido de protocolar a intervenção. Na fase designada por grupal, operacionalizamos um conjunto de dinâmicas que tentaram aproximar a criação do sentido de pertença ao grupo e a aproximação à linguagem teatral. Na fase criativa, após a seleção de temas a partir dos quais os seniores gostariam de criar um resultado final, realizámos uma série de debates e improvisações coletivas que foram dando vida à peça com ideias que surgiram dos exercícios realizados em sala de aula. E começou-se a trabalhar o projeto final.

O grupo intergeracional encontrava-se todas as quartas-feiras, de janeiro a abril. Para o efeito, durante o mês de dezembro foi feita uma aproximação pela estudante a cada um dos grupos. Os seniores, para além das quartas-feiras, tinham atividades com a autora do projeto todas as segundas e terças-feiras, e os mais jovens todas as terças-feiras. Para perceber os resultados do PL e para manter um olhar crítico, preparamos a avaliação do Laços baseando-nos nas entrevistas e nos nossos registos.

7.2.1. Objetivos do projeto

Após a criação do projeto, procurámos expandir os seus objetivos, com o intuito de compreender as dificuldades e as vantagens decorrentes da implementação de projetos deste género. Define-se este projeto como sendo direcionado para a população jovem e idosa institucionalizada, como forma de combate à exclusão e à solidão, através da facilitação do teatro e do convívio geracional.

Subjacente à implementação do projeto, encontram-se os seguintes objetivos gerais:

- proporcionar, através de encontros geracionais, momentos de bem-estar para os participantes;
- combater o isolamento e a solidão;
- perceber o contributo destes projetos em populações institucionalizadas.

Os objetivos específicos decorrentes da implementação do projeto Laços são os seguintes:

- criar novas dinâmicas sociais e intergeracionais através de atividades artísticas inovadoras;
- promover a estimulação da memória dos idosos participantes;
- combater sentimentos de solidão e exclusão em idosos e jovens institucionalizados;
- envolver os jovens e os idosos institucionalizados em práticas culturais;
- promover atitudes de respeito e valorização pela pessoa idosa;
- incentivar a educação artística através do envolvimento dos idosos em práticas culturais e artísticas;
- promover o bem-estar e sentimentos positivos entre os participantes;
- dar a conhecer o trabalho de intervenção do sociólogo numa ERPI;
- identificar as dificuldades à implementação do projeto e produzir recomendações ao nível da intervenção sociocultural neste tipo de instituições.

7.2.2. Antecedentes, justificação, finalidades e natureza do projeto

Esperava-se que através do projeto Laços fossem criadas oportunidades para que os atores institucionalizados pudessem usufruir o melhor possível do seu tempo, de forma ativa, onde lhes fosse permitido cultivarem-se, contribuir com sugestões, partilhar, aprender, ao mesmo tempo que podiam ensinar e, acima de tudo, que fosse possível criar *laços*.

Incluir a animação teatral na vida destas gerações, ao mesmo tempo que partilhavam do mesmo espaço, foi uma finalidade que pretendemos atingir com este projeto.

A escolha por este tipo de projeto prende-se com a importância em abordar a realidade social do nosso país, ou seja, o crescimento exponencial do envelhecimento e a necessidade de criar programas que dessem respostas ao envelhecimento ativo.

O teatro poderia ser importante para a vida destes atores sociais, como também as relações sociais, uma vez que, institucionalizado, a dificuldade em criar relações afetivas tenderá a ser maior.

Desta premissa surge então a ideia de alimentar a escolha da animação teatral com um programa interventivo através das relações intergeracionais.

7.2.3. Projeto Laços – implementação

O projeto foi implementado em duas instituições, uma voltada para o acolhimento e prestação de serviços e cuidados a idosos, outra vocacionada para jovens.

A primeira instituição é designada como Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI), sediada no Porto.

Segundo o regulamento da instituição, trata-se de um estabelecimento de alojamento coletivo de utilização temporária ou permanente em que são desenvolvidas atividades de apoio social e prestação de cuidados de enfermagem destinados a pessoas com 65 ou mais anos, que por razões de dependência, isolamento, solidão ou insegurança não podem permanecer na sua residência.

O mesmo regulamento afirma que os seus princípios de atuação residem na *qualidade, eficiência, humanidade e respeito pela individualidade*. Estes princípios integram ainda a interdisciplinaridade; avaliação integral das necessidades do residente; promoção e manutenção das funcionalidades e da autonomia. Por último, apresenta nas suas bases princípios de atuação ao nível da participação e corresponsabilização do residente ou representante legal ou familiar na elaboração do plano individual de cuidados.

Relativamente aos serviços, estas instituições desenvolvem um conjunto de atividades, nomeadamente a alimentação adequada às necessidades dos residentes, respeitando as prescrições médicas; cuidados de higiene pessoal; tratamento de roupa; limpeza e higienização dos espaços. Outras atividades desenvolvidas pela instituição, e que muito têm a ver com este projeto em questão, são as atividades de animação sociocultural, lúdico-recreativas e ocupacionais que visam contribuir para um clima de relacionamento saudável, entre os residentes e para a sua estimulação e manutenção das suas capacidades físicas e psíquicas (Regulamento Interno da ERPI, 2018).

Posto isto, podemos afirmar que a principal pretensão desta instituição se traduz na criação de condições para que os residentes vivam num ambiente saudável, contribuindo para uma boa convivência social, através do relacionamento entre residentes e destes com os seus familiares e amigos, com os cuidadores e com a comunidade, de acordo os seus interesses e necessidades (estrutura aberta).

Por seu turno, os principais desafios da instituição são cuidar de pessoas idosas, numa perspetiva holística, que implica alteração e simplificação da legislação, bem como dos guiões técnicos para enquadramento desta resposta social; dotar as ERPI de ajudas técnicas, equipamentos e tecnologia que criem condições de trabalho aos cuidadores, facilitadores de prestação de cuidados com qualidade e em segurança à pessoa idosa; assumir que a prestação de cuidados de longa duração é um direito social que traduz o valor incomensurável da dignidade da pessoa humana; desenvolver atividades de prestação de cuidados de longa duração, implementando sempre uma gestão eficaz e eficiente dos recursos e uma gestão da qualidade e em segurança, garantindo o exercício do direito de cidadania e da integração social da pessoa que cuidamos (investimento social, perfil do cuidador).

Colégio de institucionalização jovem

Através do seu *site*, podemos retirar a informação de que o Colégio de institucionalização jovem foi constituído em 3 de Dezembro de 1863. Iniciou a sua atividade em 19 de outubro de 1866, inaugurado pelo rei D. Luís. O seu fundador foi José Joaquim Leite Guimarães. O colégio destina-se ao acolhimento de 42 crianças ou jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 21 anos, que se encontram em situação de perigo. Tem como objetivo principal desenvolver o espírito de iniciativa, autonomia, capacidade crítica e criativa, minorando assim os estigmas trazidos da primeira infância que condicionaram a estruturação da personalidade e aprendizagem, pretendendo também criar-lhes a noção de respeito por si próprios, pelos outros e pelos bens da comunidade. O objetivo global do projeto educativo do estabelecimento é proporcionar às crianças e jovens uma estrutura de vida tão aproximada quanto possível à de uma família normal, visando o seu desenvolvimento integral e harmonioso. Assim, a função primordial desta instituição passa por assumir o papel de substituição e/ou complemento da família de origem por um determinado período de tempo.

Para fazer face a todo este trabalho desenvolvido em prol do bem-estar das crianças e jovens, o colégio dispõe de uma equipa técnica multidisciplinar nas áreas do Ser-

viço Social, Psicologia e Educação Social, uma equipa educativa e uma equipa auxiliar, conseguindo assim proporcionar uma resposta plena adequada às necessidades. O domínio escolar e/ou profissional assenta na base de formação de cada uma destas crianças/jovens; para tal, desenvolve métodos de estudo eficazes e ajustados às necessidades individuais, de forma a promover um acompanhamento personalizado, capaz de responder aos seus interesses e capacidades.

Pretende-se também desenvolver com os jovens ações de exploração e orientação vocacional, com o objetivo de construir projetos de vida ajustados aos interesses de cada um.

A ação desta instituição com as famílias das crianças e dos jovens acolhidos é um ponto fulcral do trabalho desenvolvido e surge no âmbito do objetivo da reunificação familiar ou autonomização, com possibilidade de manutenção de relações familiares que possam funcionar como retaguarda dos menores. Aposta no desenvolvimento de estratégias eficazes de comunicação e relacionamento intrafamiliar, já que é deste contexto que as crianças e os jovens retiram os seus principais modelos de conduta.

A instituição criou um apartamento de pré-autonomização com o propósito de preparar os jovens para o ingresso na vida autónoma de forma segura e integrante. O princípio base é apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes em espaços territoriais. O objetivo é capacitar os jovens que viveram anos em contexto residencial para um processo de autonomização progressivo e sustentado, proporcionando-lhes experiências e instrumentos que permitam o desenvolvimento das competências necessárias para a inserção na vida ativa, combatendo o risco de exclusão social futura.

Paralelamente a este trabalho de interior do lar de institucionalização jovem, as crianças e jovens encontram-se integrados nas estruturas da comunidade, nomeadamente escolas, centros de saúde, escuteiros, clubes desportivos, catequese, entre outros, tal como outra qualquer criança ou jovem da sua idade.

7.2.4. Os participantes no projeto Laços

Garantindo o anonimato das instituições que nos acolheram, bem como de todos os colaboradores e participantes no PL, condição já relacionada com a natureza do trabalho de investigação, atribuímos assim nomes fictícios a todos os envolvidos. Na ERPI, para

a participação na investigação, foi realizado um levantamento das pessoas que poderiam participar. Essa seleção foi feita através de uma avaliação física e cognitiva, sendo apenas indicados os idosos que estavam com as condições cognitivas asseguradas. Assim, limitações físicas do tipo músculo-esqueléticas não foram um fator eliminatório, até porque a maioria dos residentes, nesta fase da idade, sofrem deste género de problemas.

Feita a pré-seleção, explicou-se individualmente a natureza do projeto a quem estaria interessado em participar. Como a sua participação é completamente voluntária, o participante pode optar por sair ou entrar a qualquer momento.

O grupo de participantes foi constituído, numa primeira fase e de experimentação, por 20 elementos, 18 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 56 e os 95 anos. Sendo este um público com algumas debilidades, as desistências começaram a surgir, sendo que o grupo final passou a ser constituído por 13 elementos, 10 do sexo feminino e 3 do sexo masculino (consultar Tabela 2 em Anexos 1).

O grupo é constituído por pessoas com habilitações literárias muito diversas, havendo algumas sem qualquer tipo de escolaridade, o que correspondia à fatia maior dos participantes. Quase nenhum dos participantes teve na sua juventude contacto com o teatro, com a exceção de quatro elementos, que afirmaram já terem participado em algumas peças, embora de forma amadora.

Relativamente ao grupo de jovens, a escolha foi feita pelo colégio, com um grupo de alunos que se voluntariou a participar, sendo o mesmo composto por 7 jovens institucionalizados do sexo masculino.

A participação obedeceu aos princípios éticos do respeito pela confidencialidade dos dados recolhidos e da preservação do seu anonimato. Foi solicitado o seu consentimento, havendo a possibilidade de recusa sem qualquer tipo de retaliação.

Neste sentido, foi também dado a conhecer aos participantes do projeto Laços os objetivos do trabalho de investigação/intervenção e a sua duração (5 meses).

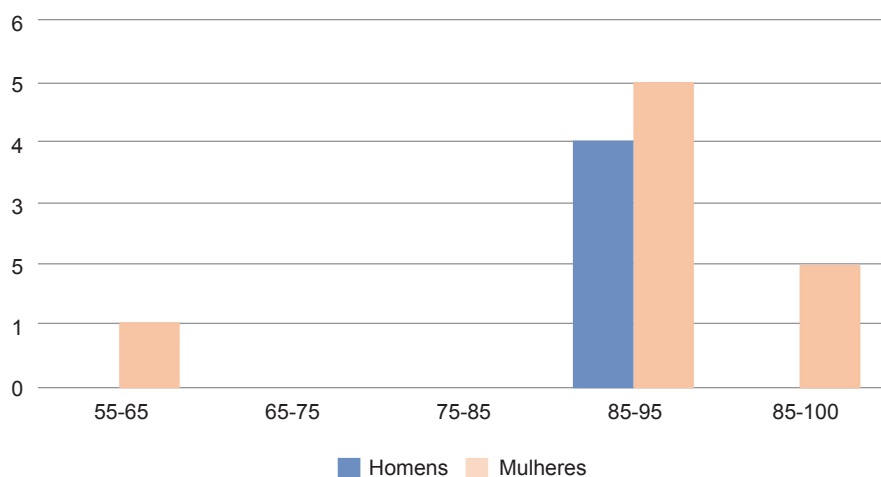
7.2.5. Caracterização dos grupos de participantes: idosos e jovens

A criação deste grupo passou por várias etapas. A primeira etapa foi designada por experimental, onde os interessados em fazer parte deste projeto tinham a possibilidade de fazer a aula e depois decidir se queriam voltar na próxima. Esta fase experimental durou duas semanas, sendo que o grupo variava entre os 3 e os 10 participantes. Numa segunda fase, foi necessário falar da possibilidade de criação de um espetáculo. Posto isto, quem

quisesse participar teria de levar as aulas com a maior assiduidade possível, nascendo assim o grupo Laços, constituído por 13 elementos idosos (4 homens e 9 mulheres).

A diferença de género deve-se ao facto de haver mais mulheres que homens na instituição. Por seu turno, os participantes seniores tinham idades compreendidas entre os 56 e os 96 anos, na ERPI.

FIGURA 1 - Idades seniores



Fonte: Pratinha, 2019

Relativamente ao grupo de jovens, este foi composto por 6 rapazes cujas idades rondavam o intervalo dos 12 aos 17 anos. Assim, o grupo final foi composto por 19 participantes, 13 idosos e 6 jovens. (Ver Tabela 3, Anexo 1.)

Os seniores eram pessoas com diferentes graus de escolaridade, sendo que 3 não sabiam ler nem escrever. Por outro lado, os jovens apresentavam dificuldades ao nível escolar, à exceção de dois que nunca tinham repetido um ano escolar.

Relativamente ao contato com o teatro, um elemento do grupo sénior teria sido atriz semiprofissional nos seus tempos de juventude. Os restantes nunca tiveram nenhum contacto sério com o teatro. Os jovens também só tiveram contacto com o teatro em apresentações feitas na instituição.

Foi na ERPI que durante 5 meses desenvolvemos o Laços. Todo o trabalho teatral desenvolveu-se num salão grande e amplo. As atividades foram iniciadas em dezembro de 2018 e a apresentação final da peça aconteceu no mês de abril de 2019. De dezembro a janeiro as atividades teatrais eram praticadas todas as segundas e quintas-feiras.

As atividades do colégio começaram em janeiro com uma visita todas as quartas-feiras. Nesta fase, os dois grupos ainda estavam a participar separadamente, só se juntando no dia 13 de fevereiro pela primeira vez, no colégio. Todas as atividades teatrais tinham a duração de uma hora, com uma contagem de 43 sessões.

7.2.6. Planeamento e estratégia do projeto Laços

O projeto Laços desenvolveu-se durante 5 meses, em 42 sessões, sendo a última a apresentação final do espetáculo.

Estas 42 sessões encaixaram-se então nas fases designadas por: grupal; criativa e expansiva (consultar Tabela 4, Anexo 1).

Ventosa Pérez (1990: 32) defende que estas fases, apesar de se apresentarem separadamente, se complementam entre si e configuram-se, denominando-se, segundo o autor, de “metodologia intragrupal” da animação teatral.

Todas as sessões foram planeadas e tentou-se, através de técnicas teatrais aprendidas na licenciatura em teatro, trabalhar vários pontos como: a autoestima; o espírito de grupo; a confiança; o autocontrolo; e a memória. As expectativas dos seniores e dos jovens foram sempre tidas em conta e a participação nos exercícios era voluntária. De referir que todos os exercícios foram adaptados às condições físicas e limitadoras dos participantes.

Fase protocolar

Na fase protocolar são dados os primeiros passos para a implementação do projeto de intervenção. Nesta fase, procedemos à aproximação da instituições X e Y, ao conhecimento, aceitação e adequação do projeto Laços e à inserção do projeto, ou seja, ao desenvolvimento das atividades na instituição. Foi necessária uma reorganização da agenda da instituição para a implementação das atividades teatrais no horário já existente dos participantes. Definido o horário, procedemos à definição da logística, ou seja, a questões como: Quantos são os participantes? Quem são? Quais as suas limitações? Qual o espaço mais adequado às suas limitações? Qual o tempo de duração viável para o desenvolvimento das sessões?

A calendarização global teve também de ser definida.

A Tabela 5, que pode ser consultada em Anexo 1, mostra de forma resumida todos os passos desenvolvidos desde o conhecimento do Laços até à sua iniciação.

Fase grupal – 15 sessões

Ventosa Pérez (1990: 32-33) afirma que esta fase se trata de um primeiro passo interno, motivacional e relacional, que se desprende da dimensão subjetiva e transcendente da ASC.

Segundo o autor, nesta fase devem aplicar-se uma série de técnicas de apoio com o intuito de se alcançar três objetivos primordiais:

- a convocatória;
- a motivação;
- a maturação grupal.

A convocatória pretende criar formas de contacto entre os intervenientes do grupo e os intermediários.

A técnica de motivação tem uma lente voltada para os interesses, bem como para as necessidades e propostas do grupo. Por último, as técnicas de maturação grupal invocam a realização de dinâmicas de grupo e ainda principiar o trabalho de corpo com a voz através do jogo dramático (Pérez, 1990).

Nesta fase, todo o processo de tomada de contacto com os participantes é acolhido. No diagnóstico das necessidades, expectativas e interesses dos participantes estivemos muito preocupados com a forma como se tentou captar a socialização do grupo, o conhecimento de cada um e dos outros.

Objetivos/estratégias: uso de jogos de quebra-gelo; dinâmicas de grupo para aproximação e conhecimento grupal e ainda levantamento das necessidades e expectativas dos participantes.

Diagnóstico dos participantes: interesses, expectativas e motivações

Conhecer os participantes, os seus interesses, as suas motivações e principalmente as suas necessidades é um passo capital nesta fase inicial do projeto.

Cunha (2000: 96) afirma que o “diagnóstico é um processo de recolha e análise de informação, cujo resultado é a identificação das necessidades individuais do grupo, sendo esta a fase em que se podem configurar as bases de um plano de trabalho eficaz de desenvolvimento”.

Por conseguinte, a nossa sessão inicial consistiu na explicação do conceito do projeto, os seus objetivos e a obtenção do consentimento informado dos sujeitos para a participação no projeto.

Ao longo da sessão, fomos fazendo alguns exercícios teatrais de “quebra-gelo” para nos conhecermos melhor e retirar a pressão dos primeiros encontros.

No final da sessão e no decorrer do projeto de intervenção, tentou-se fazer um diagnóstico, resultante de conversas informais e de atividades realizadas.

Desta feita, passámos a conhecer as outras atividades em que as pessoas participavam dentro da instituição. O coro é a atividade mais frequentada pelos participantes, embora para alguns o projeto Laços fosse a primeira atividade em que se envolviam.

Pintar, bordar e ver televisão eram outras atividades que os faziam sentir-se bem, no caso dos idosos da ERPI.

No colégio, a prática desportiva era a atividade mais frequente, sendo o teatro uma estreia na instituição.

Muitos dos participantes, tanto na ERPI como no colégio, revelaram interesses culturais pela música, pelo teatro, pela pintura e pela poesia.

Na ERPI, as principais razões que os levaram à participação no projeto foi para “experimentar”; “ocupar o tempo livre”; “poder estar com os jovens” ou por “mera curiosidade”.³

No colégio, as principais razões passaram pela “experiência”; por “ser diferente”; e por “partilharem algo com os idosos”⁴.

Sobre aquilo que os participantes gostariam de fazer nos encontros teatrais, nas duas instituições, a maioria apontou que gostaria de “representar”, no entanto atividades de música como cantar ou de expressividade, como contar histórias, foram também mencionadas. A maioria dos participantes na ERPI tinha limitações físicas, estando quase todos apoiados por uma cadeira de rodas; então, quando questionámos se gostariam de dançar, a resposta foi unânime ao referirem as limitações físicas. A verdade é que a cadeira não foi um fator condicionante para a dança e isso foi comprovado durante todas as sessões e durante o espetáculo final.

A aproximação grupal

A fase de contacto inicial com o grupo foi constituída por uma série de exercícios ou jogos “quebra-gelo”. Segundo Úlcar (2006: 140), estas técnicas são pré-requisitos para a aplicação de outras técnicas teatrais e o seu objetivo será o de reduzir ou eliminar as tensões decorrentes dos encontros interpessoais.

³ Notas de campo da animadora.

⁴ Notas de campo da animadora.

Tendo em conta as limitações físicas dos participantes da ERPI, tivemos o cuidado de adaptar os exercícios.

As dinâmicas de grupo/ jogos de apresentação realizados podem ser consultadas na Tabela 6 disponível em Anexo I.

A partilha das memórias

Muniz (2010) aponta o teatro como um agente de mudança que permite atingir este mesmo fim, o de recuperar o fluxo da memória vivenciado pelos idosos. Acreditamos então que, ao desenvolver projetos de animação teatral junto da população idosa e de jovens institucionalizados, estes têm assim oportunidade de descobrir novas formas de se expressarem e comunicarem, partilhando histórias que são benéficas para ambas as gerações.

A partilha intergeracional das vivências, das memórias e das histórias reforça o sentido de identidade e de pertença ao grupo, tratando-se da fase grupal.

Pretendíamos que os nossos idosos e jovens procurassem manter a sua identidade, encontrando novas significações para a experiência existencial (Romã, 2013: 149).

Pela observação da Tabela 7, disponível em Anexo 1, podemos verificar que esta evocação de memórias foi sempre realizada em grupo e introduzida por diversos exercícios. Estes exercícios foram feitos tanto no grupo dos jovens como no grupo dos idosos e serviram-nos de base para uma evocação das memórias, auxiliando-nos mais tarde na fase criativa.

Cada vez mais próximos da linguagem teatral

O conhecimento de si e do outro é um elemento-chave quando falamos em linguagem teatral. É na fase grupal que estas ferramentas são desenvolvidas e se tornam possíveis através de várias técnicas teatrais.

Úlcar (2006) afirma que as técnicas teatrais constituem o conjunto de atividades de simulação, de exploração e de investigação pessoal e interpessoal, sistematizadas e formalizadas, que através da dramatização de ações possibilitam investigar, descobrir ou pôr em ação os registos expressivos e comunicativos das pessoas.

Assim, o projeto Laços tentou nesta fase aproximar-se dos exercícios de exploração de consciência do espaço; do ritmo; de expressão corporal; de articulação; de voz e dicção; improvisação, dramatização; e, claro, de relaxamento.

Exercícios de exploração e consciência do espaço

Quando nos referimos a um grupo de idosos, também nos referimos às suas limitações e à forma como estas devem ser ultrapassadas. Acreditamos ter permitido aos nossos participantes seniores, através dos exercícios teatrais, motivar a descoberta das possibilidades expressivas do seu corpo. Com isto, referimo-nos aos reflexos e a alguns dos seus movimentos. No caso dos jovens, para além disso, trabalhámos o equilíbrio, a flexibilidade, entre outros elementos.

Na Tabela 8, disponível em Anexo 1, revelamos alguns dos exercícios e as suas estratégias e objetivo.

Exercícios rítmicos

Quando falamos de ritmo, falamos de coordenação ou de um conjunto de exercícios baseados em expressão corporal. A vantagem destes exercícios é que a pessoa que os pratica aprende a conectar-se harmonicamente com o seu próprio corpo através de um autocontrolo com a realidade que a rodeia e com os ritmos dos objetos e sujeitos do seu meio (Úlcar, 2006: 140-141). (Ver Tabela 9, Anexo 1.)

Exercícios de relaxamento

O projeto Laços tentou sempre ter como objetivo o bem-estar dos seus participantes. No final das sessões, o relaxamento era a chave de ouro com que se encerravam as sessões, para voltarmos à calma, mas agora de uma forma menos preocupada e mais tranquila. No grupo dos jovens, este exercício foi mais difícil de realizar em todas as aulas, só sendo possível quando se juntaram os dois grupos.

De acordo com Motos (1983: 103 *in* Úlcar, 2006: 141), o relaxamento é um estado psicofísico gerado por uma distensão muscular generalizada que se acompanha de uma profunda calma interior. Só atingimos um estado de relaxamento se seguirmos alguns exercícios acompanhados de sons e imagens mentais que nos levam a um estado relaxante capaz de eliminar sensações corporais, numa linha de progressiva complexidade (Úlcar, 2006). Com estes exercícios, o objetivo era que os participantes meditassem um pouco, perdessem o medo de pensar e de imaginar.

Muitas vezes, as lágrimas cobriam os olhos enrugados dos participantes ou as faces dos meninos, no entanto, é importante que as recordações sejam encaradas positivamente. Lembrar-nos das coisas e meditarmos sobre elas ajuda-nos a seguir em frente e a encontrar forças para o nosso dia a dia. A saudade pode ser dura, mas o bom de sentir saudade é não ter medo de recordar.

Desta forma, os participantes criavam a sua “viagem” e aprendiam a refletir sem medo.

Os exercícios de relaxamento foram trabalhados a partir da técnica de *mindfulness*, técnica utilizada para que as pessoas lidem com os seus pensamentos e emoções. (Consultar Tabela 10, Anexo 1.)

A expressão dramática/corporal

Definimos expressão corporal como uma série de movimentos associados a emoções. Para conhecer melhor os exercícios utilizados, consulte a tabela 11 disponível em Anexo 1.

A expressão corporal, aplicada ao teatro, ajuda no desenvolvimento de ferramentas no combate à timidez ou até mesmo à forma como se lida com as emoções.

A expressão corporal manifesta o “eu” que nunca se manifesta numa linguagem. Contudo, a expressão corporal não se define apenas por ser uma manifestação do eu, como também uma técnica que permite a exploração, investigação e experimentação da pessoa sobre o seu potencial expressivo (Úlcar, 1992).

Esta experimentação do eu é importante para todos e ainda mais quando falamos de uma população institucionalizada.

Nas tabelas seguintes serão apresentados alguns dos exercícios de expressão corporal realizados durante as atividades dramáticas do projeto Laços.

Exercícios de dicção e articulação - a voz

Para trabalhar com a voz, é necessário aprender a respirar novamente.

No caso do idoso, uma boa respiração pode ajudá-lo a viver o seu dia a dia mais calmamente. No caso dos jovens, também uma aprendizagem sobre a sua respiração é importante, para o seu autocontrolo. Estes exercícios de respiração são realizados mediante diferentes exercícios de expressão corporal que obrigam a pessoa a tomar consciência da própria maneira de respirar (Úlcar, 2006: 142). (Ver tabela 12, Anexo 1).

Exercícios de improvisação e dramatização

A improvisação foi a chave para que todo o processo de criação se desenrolasse, pois foi a partir destes exercícios que se começou a criar.

Com o propósito de atingir uma criação com maior espontaneidade no teatro, as peças que utilizam este artifício simulam uma improvisação. Assim como, na música, os instrumentistas e cantores podem improvisar com liberdade as suas apresentações, no teatro de improvisação, os atores e atrizes agem de forma a inventar uma história.

Um dos aspetos mais interessantes da improvisação está na invenção de algo inesperado, que se manifesta no calor da ação. Existem vários graus de improviso, que englobam o jogo dramático, feito a partir de uma frase ou tema, a desconstrução verbal e a invenção gestual.

Para os idosos este foi o passo mais difícil. Muitos deles achavam-se incapazes e recusavam a sua participação; no entanto, muitas surpresas aconteceram ao longo destas aulas. Já no caso dos jovens, era a improvisação que lhes dava gosto e foi nesta fase que se envolveram a 100%.

No Laços, procurámos que as improvisações fossem algo sempre muito relacionado com eles próprios.

Quando se juntaram jovens e idosos muitas barreiras foram quebradas, idosos que se sentiam mais tímidos sentiam-se agora incentivados para se relacionar, por exemplo, e até mesmo os jovens mais tímidos mostraram uma grande vontade de participar. (Ver tabela 13, Anexo 1).

Úlcar (1992) afirma que a improvisação constitui uma técnica com um potencial formativo decisivo, que permite trabalhar sobre as próprias realidades quotidianas, contribuindo assim para a sua transformação.

O nosso objetivo passou por pegar em temas importantes para os participantes, através dos quais fosse possível desconstruir algumas ideias enraizadas. Desta forma, através da improvisação abriram-se novos horizontes e visões mais cómicas sobre algumas situações.

Fase criativa – o espetáculo

No nosso tempo é que era! Mas o nosso também é!

Quando chegámos à fase da aproximação à linguagem teatral e à fase criativa tivemos que definir o grupo. Começámos a perguntar aos participantes quem queria mesmo participar no espetáculo final e a partir dessa fase já ninguém podia ingressar no grupo nem sair (salvo problemas de saúde). Era importante que o grupo se sentisse unido e que a partir dali sentissem que aquele era o grupo que se iria juntar para dar ao lar um dia cheio de sorrisos conseguidos pelo seu espetáculo.

Estudada a possibilidade de se fazer um espetáculo, foi questionado o tema que se queria apresentar. Jovens e idosos apresentaram as suas ideias, mas não estava a ser uma

decisão fácil, como se pode observar através dos seguintes testemunhos⁵:

— *Vamos falar sobre amor* [Dona Clara]

— *Ei, amor? Oh, nem pensar!* [Luquinhas]

— *Sobre avós e netos* [Dona Carla]

— *Tipo quê, dona Carla?* [Joãozinho]

— *Não sei, coisas do dia a dia* [D. Carla]

— *É! Pode ser!* [Sr. Fernando]

— *Mas mais coisas...* [Dona Rosa]

— *Podíamos, sei lá... Cada geração contar coisas do seu tempo!* [Dona Camila]

— *Olhe que isso era uma boa ideia!* [Dona Carla]

— *Sim, sim, mas estou a ver pessoas muito caladinhas... Todos concordam?*

[Animadora]

— *Por mim, sim!* [Sr. José]

— *Desde que eu possa cantar...* [Dona Beatriz]

— *Quer cantar, é? Muito boa ideia, por mim tudo bem. Bem, mais ideias, meninos, e vocês digam lá qualquer coisa...* [Animadora]

— *Eu acho que podia ser giro assim uma comparação tipo dos dois tempos, como as coisas eram e são agora.* [Ricardinho]

— *Ya, ya!* [Paulinho]

— *Desde que não tenha de cantar.* [Fabinho] (*risos de todos*)

— *Não, tu vais só dançar, pode ser?* [Animadora]

— *Ei, ó professora, tá a falar a sério?* [Fabinho]

— *Só se quiseres... Vá então, parece que temos tema. Senhor António, concorda também?* [Animadora]

— *Por mim tudo bem, só me tem de ajudar a decorar as falas!* [Sr. António]

— *Ai, filha! A mim também, que não sei ler!* [Dona Palmira]

— *Sim, não se preocupem, ajudamo-nos todos uns aos outros.* [Animadora]

— *Obrigada!* [Dona Palmira]

— *Sendo assim, mãos à obra!* [Animadora].

⁵ Diálogo retirado das notas de campo da animadora.

Durante três meses, a partir de 14 de fevereiro de 2019 até 23 de abril de 2019, o espetáculo foi preparado. Lembramos que os encontros geracionais ocorriam apenas uma vez por semana, sendo que nos restantes dias os ensaios eram feitos separadamente.

Infelizmente, um elemento do grupo partiu, não conseguindo chegar a pisar o palco, mas esteve bem presente na nossa apresentação.

Aquando da criação final do grupo e terminado o diagnóstico dos seus interesses, necessidades, motivações e expectativas, após todo um processo de partilha de memórias, e de uma proximidade à linguagem teatral e de, posto isto, ser percebido o interesse dos intervenientes em montar um espetáculo público – que seria o resultado final do nosso projeto – entramos na fase de criação. Esta fase, segundo Ventosa Pérez (1990), caracteriza-se pela seleção, construção e realização de montagens coletivas.

Fase criativa – a construção do guião

Nesta fase, tivemos que estabelecer uma estratégia, uma vez que alguns idosos não sabiam ler, muitos não podiam andar e era importante haver uma cooperação entre todos, pois havia a necessidade de muita repetição, o que causava alguma irritabilidade a todos. Primeiro, fez-se uma “leitura de mesa”, como se diz em teatro. Numa roda foi-lhes lida a descrição das ideias gerais para as cenas, falámos sobre cada uma das mesmas e sobre as suas reflexões. (Consultar Anexo 1 – Resumo das cenas.)

Passo a passo foi-se escrevendo o guião

O processo foi sendo construído a partir das ideias de todos. Apesar do que se tinha pré-idealizado, quisemos que os nossos participantes tivessem a última palavra. Assim, fomos-nos focando cena a cena.

Cenas 1 e 2 – Começámos por colocar todos os participantes em cima do “palco”, partindo de uma ideia de cenário que tinha sido idealizada, a bordar, cantarolar, pintar, etc., ao som da música *Uma casa portuguesa*⁶ para dar início ao espetáculo.

Posteriormente, realizou-se mais uma série de improvisações, experimentando as novas ideias. Nesta cena, primeiramente, falavam sobre o que era para si ser jovem, sendo assim mais fácil decorarem o texto quando cada um dizia o que realmente sentia. Posteriormente, entravam os “meninos”, que falavam sobre o que era ser idoso. Usou-se a mesma técnica, pedindo aos jovens que dissessem o que era para eles ser idoso, para

⁶ Música de Artur Fonseca e letra de Reinaldo Ferreira e Vasco Matos Sequeira.

que lhes fosse mais fácil decorar. Assim, a primeira e segunda cenas para o guião estavam construídas.

Como todos os idosos durante as sessões foram improvisando sobre os bailaricos, não foi difícil chegarmos à construção da cena n.º 3. Quando lhes foi pedido que falassem um pouco sobre os bailaricos, muitos foram os sentimentos demonstrados.

Entre expressões como: «isso já não se usa»; «ai o que eu dava para ser mais nova e voltar a esses tempos»; «namorei muito nos bailaricos, foi lá que conheci o meu marido», as ideias para a peça foram surgindo. Já os jovens, quando lhes foi perguntado o que seriam os bailaricos, os seus comentários demonstraram o quão difícil era para eles imaginar o que seria um bailarico: «Sei lá, não os imagino a dançar; tipo discoteca, mas ao ar livre?»⁷. Estes comentários foram assim o ponto de partida para escrever as cenas que originaram as cenas 3 e 6 do guião.

O Sr. José, que adora contar anedotas, num dos nossos trabalhos, quando lhe foi pedido para improvisar sobre o tema casamento, contou uma das suas.

«Uma mulher vira-se para o marido e diz: — *Ó homem, depois de tantos anos de casamento tu nunca me compraste uma joia.* Ao que o marido responde: — *Ó mulher! Tu querias que te comprasse uma joia, mas nunca me disseste que vendias joias!*»

Numa das aulas conjuntas, intergeracionais, foi questionado aos jovens, como já foi referido, o que seria um bailarico, tendo-lhes sido pedido que fizessem uma improvisação tendo em conta a ideia geral: «Vocês vão ser surpreendidos por uma avó que vos vai pedir para organizar um bailarico, quero que improvisem o momento em que recebem a notícia até ao momento em que começam a organizar o baile.»⁸

Desta forma, conforme as ideias que nos foram apresentadas, fomos montando as seguintes cenas 7 e 8. Decidimos usar esta estratégia de criação de cenas, uma vez que desta forma decorar o texto seria mais fácil, pois poderiam usar a memória visual de algo que já se passou para o fazer.

O baile é preparado e todos dançam o *Apita o comboio*⁹ e assim chegamos ao final da nossa peça, que termina com uma miniatuação de cada idoso.

A ideia inicial seria fazer um espetáculo dentro de um espetáculo, em que durante o bailarico os idosos e jovens fizessem uma miniatuação.

⁷ Jovem 1, nota de campo da animadora.

⁸ Nota de campo sobre uma sessão.

⁹ Letra e música de Jorge Ferreira.

Os jovens que inicialmente queriam dançar e cantar foram aos poucos recuando nessa decisão, por medo e vergonha.

Os nossos idosos, que inicialmente não queriam, acabaram por fazer uma miniatuação, sendo que uns cantaram, outros dançaram e outros contaram piadas ou provérbios populares. Todas estas miniatuações foram criadas pelos idosos. Assim, numa das sessões da fase criativa, pedimos que nos mostrassem um talento que tivessem. Inicialmente não havia talentos, segundo eles, até que alguém disse: «A dona Camila canta o Ave-Maria que é uma coisa, olhe, de arrepiar!» E foi desta forma que se descobriu o primeiro talento. Depois começaram ao perder a vergonha e conseguimos preparar miniatuações para todos.

Já os jovens queriam todos cantar ou dançar, sugerindo até que fosse música que os mais velhos gostassem; no entanto, acabaram por pedir para não o fazerem. O pano fecha-se com o texto, de Walter Ballesteros, *Quando for Idoso*:

Quando for idoso e deixe de ser como era, tem paciência e compreende-me. Se entornar comida sobre a camisa ou esquecer-me de como atar os sapatos, recorda as horas que passei a ensinar-te a ultrapassar estes problemas. Se, quando conversar contigo, repetir vezes sem conta as histórias que conheces de cor, não me interrompas. Quando eras criança, contei-te milhares de vezes o mesmo conto para adormeceres. E, se me esquecer do que estava a dizer, espera que me lembre. Se não o conseguir, talvez não fosse importante o que dizia. Conformer-me-ei se me escutares nesse momento. Quando estivermos reunidos em família – ou com os teus amigos – e, sem querer, fizer as minhas necessidades, não te envergonhes de mim, pois não consigo controlar-me. Pensa em quantas vezes, enquanto crescias, te limpei e, com paciência, esperei que o fizesses no lugar certo. Não ralhes comigo se não quero tomar banho tantas vezes. Quando eras pequeno também te perseguia e recorria a mil pretextos para velar pelo teu asseio. Quando me tomares por ignorante acerca das novas tecnologias e inútil na sociedade, peço-te que me concedas o tempo necessário para aprender algo e poupa-me os teus sorrisos de gozo. Lembra-te que fui eu que te ensinei muitas coisas: a comer, a vestir-te, e a tua formação é fruto de muitos esforços. Se alguma vez não quiser comer, não insistas; sei quando posso e quando não devo. Pensa que deixo de ter dentes fortes para morder e também perco o sentido do gosto. Quando as pernas cansadas me falharem, dá-me a tua mão para que me apoie. Foi isso que fiz quando começaste a caminhar. Por fim, se algum dia me ouvires dizer que preferia morrer, não me chateies. Isso não nega a importância do teu carinho nem o meu amor por ti. Desejei-te sempre o melhor e desbravei caminhos que podias percorrer. Considera que os passos que me adianto a dar abrem outras rotas para ti e inauguram novos tempos. Jamais te sintas triste e impotente. Assim como te auxiliiei quando começaste a viver, acompanha-me até ao fim do meu caminho. Dá-me o teu coração, compreende-me e apoia-me. Dá-me amor e paciência. Devolver-te-ei sempre gratidão e sorrisos (Walter Ballesteros, sd).

O espetáculo apelidou-se de *No nosso tempo é que era! Mas o nosso também é!* e foi realizado no dia 24 de abril de 2019, na ERPI, pelos nossos seniores e jovens.

Montagem técnica das cenas

O palco

O espaço onde foi dinamizado o espetáculo foi o espaço onde decorreu todo o projeto. Infelizmente não nos foi possível encontrar um espaço com palco, onde pudéssemos atuar. Para além da dificuldade em encontrar um palco, não dispúnhamos economicamente de um serviço de transporte para os idosos e as crianças no dia, bem como todo o cenário.

As luzes

O nosso espetáculo também não teve oportunidade de receber todas as projeções mágicas que se encontra quando vamos ao teatro, por isso, à luz do dia, os nossos participantes brilharam da mesma maneira.

A sonoplastia

A sonoplastia foi elegida com base nas preferências dos nossos participantes, sendo que quase todas as cenas eram acompanhadas de uma música. Uma coluna e um computador foram os materiais utilizados para este efeito.

Músicas:

- Uma Casa Portuguesa
- Cinderela ¹⁰
- Canta, Amigo, Canta ¹¹
- Popó da Namorada ¹²

Marcações cénicas

A marcação cénica foi para nós a parte mais difícil. Normalmente as marcações são feitas de acordo com o texto. Assim, neste caso, tivemos de pensar num texto e em cenas que se adaptassem às limitações físicas dos nossos idosos.

Figurinos

Cada um apresentou duas soluções de figurinos possíveis para a sua personagem, sendo que depois elegemos a que melhor se enquadrava.

Tivemos sempre em conta aquilo que cada um tinha e os seus gostos.

¹⁰ Letra e música de Carlos Paião.

¹¹ Letra e música de Carlos Macedo

¹² Letra e música de Augusto Canário & Companhia.

Fase expansiva

A fase expansiva, segundo Ventosa Pérez (1990: 33) corresponde ao momento de difundir os resultados do trabalho realizado para poder objetivar-se, provocando, assim, um efeito multiplicador de “confrontos” e intercâmbios que contribui para gerar novos processos comunicativos e organizativos no meio. Trata-se de apresentar o produto fruto de um progressivo itinerário de trabalho, não como ponto final deste, mas como elemento provocador de novas dinâmicas que desencadeiam outros processos de animação.

O autor afirma ainda que se trata de uma fase de intercâmbios, saídas, viagens. É uma fase de atividades complementares, incluindo o consumo cultural, visitas, atividades formativas, e é uma fase de participação comunitária. Se considerarmos a fase expansiva de acordo com a definição dada por Ventosa Pérez (1990), o projeto Laços não teve essa vertente, uma vez que apenas nos focamos no momento da apresentação do espetáculo.

Contudo, apesar de não ter sido possível, os seniores e jovens gostariam de apresentar o seu espetáculo noutros locais, tendo ficado em aberto a possibilidade de irmos a outros lares da Santa Casa da Misericórdia. Tentámos também reservar o palco da Casa das Artes do Porto, mas nunca obtivemos qualquer resposta e, por isso, não nos foi possível fazê-lo.

A fase expansiva acontece no momento em que os idosos sobem a palco perante um público que lhes era familiar: familiares, colaboradores e amigos mais próximos.

7.3. Avaliação do projeto Laços

Úlcar (2000) refere que através da avaliação podemos olhar criticamente para as coisas, situações e processos; tomar consciência do que foi feito; dar sentido ao que realizámos; originar mudanças e orientar o desenvolvimento de ações futuras.

Todos os projetos de intervenção exigem uma avaliação ou caso contrário não faria sentido. Só através da avaliação podemos refletir criticamente sobre a ação que tivemos. Para isso, contamos com o ponto de vista e opiniões dos diferentes intervenientes no processo.

Num processo de AT, a relevância é posta mais no processo do que nos produtos ou resultados finais. Úlcar (2000) afirma que, num processo de ASC em geral e num processo de AT em particular, o produto ou resultado final pode converter-se num incentivo para o desenvolvimento do próprio processo.

Por outro lado, Bento (2003: 56) afirma que, num processo de animação sociocultural a partir do teatro, o objetivo (fim) primeiro do teatro é de que ele aconteça, se concretize, independentemente de poder ser também um meio.

O nosso pensamento cruza-se com a de Úlcar. Para nós, os resultados finais devem ser tidos em conta, pois é também no momento da apresentação pública teatral que muitos medos são superados.

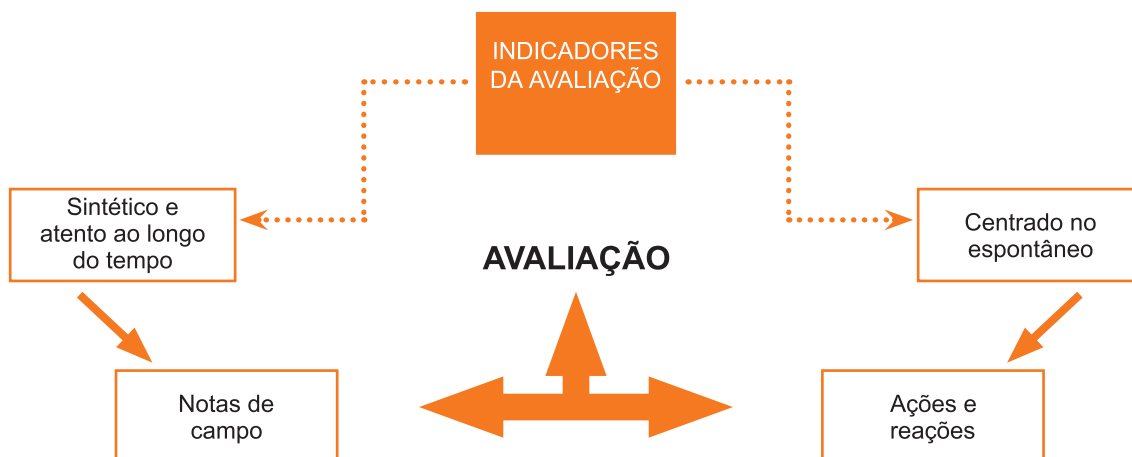
7.3.1. Como se foi fazendo a avaliação

De forma contínua e tendo por base as considerações de todos os intervenientes, fomos fazendo a avaliação do projeto Laços. Quando se fala em considerações dos intervenientes, referimo-nos às atividades desenvolvidas nas sessões ao longo da evolução do projeto, em que os participantes de ambas as gerações foram convidados a fazer uma avaliação aos diferentes exercícios, ao modo como se sentiram a realizá-los e às descobertas que fizeram.

Por nossa vez, enquanto investigadores e criadores/dinamizadores do projeto, baseando-nos ainda nestes relatos e nas observações feitas em contexto, foi levado a cabo um processo de reflexão sistemática sobre os diferentes exercícios, técnicas e metodologias utilizadas no sentido de reorientar a nossa ação.

Este *feedback* abriu-nos portas para a mudança, assim como para definir com maior clareza e foco os passos necessários seguir. . Algumas ideias que tínhamos previamente concebido foram ficando pelo caminho e outras foram-se (re)construindo. Os exercícios foram estudados diariamente para serem adaptados às limitações dos seniores e outros adaptados à energia dos jovens. Por isso, fomos passo a passo definindo e redefinindo o nosso caminho.

FIGURA 2 – Indicadores de avaliação



Fonte: Pratinha, 2019

O primeiro indicador, de carácter mais sistemático e atento ao longo do processo de intervenção, teve como foco os registos das sessões, ou seja, as notas de campo. No segundo indicador, vocacionado para os produtos, pretendemos aqui colocar a lente no espontâneo, nas reações espontaneas e do momento dos participantes. Foi importante para nós, reunir também manifestações pelos membros exteriores ao projeto, como colaboradores e responsáveis, bem como, familiares.

A avaliação foi então realizada em concordância com estas suas fases de implementação: a protocolar, a grupal, a criativa e a expansiva

A fase protocolar é das mais importantes e definitivas para o desenvolvimento saudável do projeto. A disponibilidade dos técnicos envolvidos, que nos colocou em contacto com as duas instituições, foi essencial para criar uma sintonia entre as instituições que iram construir este projeto de intervenção que implementámos.

Na fase grupal, foi necessario a realização de um diagnóstico, dos participantes, tendo em conta os seus interesses, as suas motivações, expectativas, assim como, sua caracterização sociodemográfica e sociocultural. Este diagnóstico foi sendo feito ao longo do projeto, até porque, até uma certa fase, novas pessoas que chegavam à instituição podiam abraçar também o projeto. Contudo, o diagnóstico inicial já nos permite criar uma proposta de planificação, que não deixa de ser redefinida ao longo do decorrer do processo. Nas primeiras sessões, já nos foi possível constatar que a vontade de aprender

e de experimentar, presente na maioria dos participantes idosos era menos forte que o sentimento de dúvida e incerteza sobre as suas capacidades ,¹³:

«Já fiz teatro quando era nova... agora não já não sei fazer nada.» [Dona Camila]

«Gosto de teatro, gosto; mas vou ter de decorar coisas? É que eu não decoro nada já!» [Dona Maria]

«Eu sei lá fazer essas coisas! Nunca fiz; agora, depois de velha, muito menos, filha!» [Dona Alberta]

Já nos jovens, numa fase inicial, ou seja, sessões ainda apenas com a animadora, o principal obstáculo estava a ser a vergonha, visível nas suas declarações¹⁴:

«Oh, não vou fazer isso, que vergonha!» [Menino A]

«Ui!, não quero fazer isso, ó professora!» [Menino B]

«Vou em último!» [Menino C]

Era importante começar a eliminar os bloqueios e inibições iniciais, tanto nos seniores como nos jovens, e começar a estimular a confiança entre os participantes, favorecendo desta forma a coesão grupal. Como desafio, apresentamos algumas atividades, que passava muito pelo contacto visual.

Os seniores manifestaram com total concordância que as dificuldades mais sentidas eram fixar o olhar, ou prender a vontade de rir. Assim como, sentirem-se nervosos e tímidos e lidarem uns com os outros enquanto grupo.

Com o passar das sessões e com um segundo e terceiro contactos com os exercícios de aproximação e criação do grupo, o *feedback* foi ficando cada vez mais positivo, começando a ser associados a um carácter lúdico e de desinibição, como se ilustra através dos seguintes testemunhos¹⁵:

Uma das participantes revelava uma grande falta de atenção, que se refletia num mau humor para com os colegas. «Se ela participar eu vou embora», afirmava a nossa participante de 86 anos. Quando lhe explicámos que isto é um projeto livre tanto para quem quer entrar como para quem quer sair, embora contrariada, resolveu continuar. Na terceira sessão, a mesma senhora já estava a participar ativamente e na quinta e sexta sessões já estava a ajudar a “companheira” com a qual não queria estar sequer no mesmo espaço.

A dinâmica “O Sêrio e o Louco” foi a que mais contribuiu para a aproximação do

¹³ Notas de campo da animadora.

¹⁴ Notas de campo da animadora.

¹⁵ Notas de campo da animadora.

grupo. Quando a pessoa “séria” não se ria, os que observavam interferiam, ajudando o “louco” a fazer rir e a ganhar o jogo. E quando o “louco” fazia rir, toda a turma ria em concordância com o “sério”, que acabava por perder o jogo.¹⁶

Sílvia (2014: 122) afirma que estes tipos de exercícios exploratórios levam “a um progressivo desbloqueamento do indivíduo e do grupo, assim como ao desenvolvimento de competências específicas necessárias à improvisação dramática/jogo dramático”.

Com a coesão de grupo cada vez mais notória, aumentou o “estar mais relaxado e à-vontade” e a necessidade de se partilharem experiências e vivências antigas, com que outros elementos também se identificavam. A partilha de memórias permitiu reforçar o sentido de união no grupo. O exercício das memórias foi apenas trabalhado com os seniores e não com o grupo dos jovens.

Em muitos dos nossos exercícios, fomos pedindo que se recordassem de algum objeto ou acontecimento que os tenha marcado, pois dessa forma poderíamos conhecemo-nos um pouco melhor.

Em muitos casos era muito difícil recordar.¹⁵

«Estou há tanto tempo aqui presa que só me lembro dos anos que estou aqui!» [Dona Mariana]

Para outros, recordar é viver:

«Quando era novo, adorava passear de bicicleta e assobiar às meninas que passavam na rua.» [Sr. Manuel]

Quando a este trabalho introduzimos a música como auxiliar de memória, notou-se uma grande euforia. Todos queriam cantarolar as músicas e contar as histórias associadas.

«Quando era nova dançava tanto essa música...» [Dona Mariana]

«A minha mulher é que cantava isso muito bem!» [Sr. Fernando]

«Eu adoro cantar, podia cantar no espetáculo!» [Dona Beatriz]

A música foi um catalisador positivo das memórias e fez recordar até quem não “tinha memórias”¹⁷:

«Ai a música da revolução. Disso lembro-me.» [Dona Maria]

No caso dos jovens, a aproximação de grupo não foi tão difícil, uma vez que quase todos já eram amigos. Contudo, tudo o que envolvesse toque era muito confuso para eles.

¹⁶ Notas de campo da animadora.

¹⁷ Notas de campo da animadora

O contacto olhos nos olhos estava a ser uma dificuldade. Posta esta dificuldade, decidimos usar a música como apoio para a coesão do grupo. Ao estarem concentrados na música, os participantes esqueciam-se dos constrangimentos e já olhavam para os colegas. O grupo tinha de dançar ao som da música e abraçar o colega quando a música parasse, por exemplo.

Na primeira vez que fizemos este exercício, os jovens apenas davam um “passou bem”, o medo de dar o primeiro passo de dar um abraço era muito difícil para eles. Quando um dos jovens, que se assumia como líder, deu o primeiro passo todos começaram a quebrar o gelo¹⁶:

«Eu abraço, não tenho problema.» [Menino 4]

Depois da coesão do grupo estar mais notória foi possível passar à próxima fase: a aproximação à linguagem teatral.

Na linguagem teatral referimos dois momentos:

- 1 – as atividades teatrais;
- 2 – o relaxamento.

Todas as sessões terminavam com 10 minutos de relaxamento. Esta fase foi classificada através de expressões de “bem-estar”; “liberdade”; “tranquilidade”, registando-se reações como as que se indicam abaixo¹⁸ :

«Sinto-me nas nuvens...» [Dona Maria]

«Por momentos esqueci-me de onde estava.» [Sr. Afonso]

Já nas atividades teatrais, os exercícios de dicção, respiração e projeção de voz foram os menos apreciados pelos seniores¹⁷:

«Quando é que fazemos jogos, doutora Helena?» [Dona Mariana]

«Já me dói a barriga de tanto deitar ar...» [Dona Carla]

«Quanto tempo temos de fazer isto?» [Sr. Manuel]

Nos jovens, os comentários relativos a esta parte foram exatamente na mesma linha, uma vez que não tinham paciência para fazer sequências de respiração ou para fazer exercícios de dicção¹⁷:

«Faço isso como TPC, agora vamos mas é fazer jogos, pode ser, professora?» [Menino 3]

Por falta de tempo, nas aulas dos jovens nunca foram feitos exercícios de relaxamento.

¹⁸ Notas de campo da animadora.

Em ambos os grupos, explicar como se respirava no teatro não foi tarefa fácil. A respiração abdominal, que nos ajuda a dormir melhor, respirar melhor e projetar melhor a voz, era algo que aos dois grupos foi difícil de interiorizar, pois era-lhes completamente desconhecida¹⁷.

«Como assim, respirar com a barriga? Só consigo respirar pelo nariz!» [Dona Maria]

«Mais um bocadinho e desmaio.» [Sr. Manuel]

«Professora, eu consigo, mas não durante muito tempo e tenho que estar a pensar nisso.» [Menino 5].

Nas sessões seguintes fomos trabalhando o ritmo. A turma dos jovens não sentiu qualquer dificuldade, tendo sido as aulas rítmicas muito apreciadas por estes.

Já nos seniores, este foi um processo que se foi construindo. Para isso, utilizámos a música *As pombinhas da Catrina*¹⁹ para criar uma sequência rítmica e, apesar de não ter sido algo fácil e intuitivo, aos poucos conseguimos.

Segundo Venâncio (2010), com pessoas idosas é necessário fazer uma adaptação constante dos exercícios, não porque estas não tenham capacidades, mas porque naturalmente, num processo de envelhecimento, as suas condições físicas se alteram.

Em exercícios de mímica, os participantes seniores manifestaram alguma dificuldade e algum medo de falhar, mostrando-se também muito pouco recetivos às críticas. Durante o exercício de mímica, uma das participantes estava a fazer mímica de uma profissão (cantor) fez então o gesto de um microfone. A participante que estava a adivinhar disse cantor e a outra disse «sim, está certo!» Neste momento, outra participante retorquiu: «Para que estava assim com a mão?» (repetindo o gesto). «Era o microfone», comentou a que acertou. A participante que fez a mímica, não gostando do comentário, responde: «Fiz o que sabia, faz melhor? Venha para aqui!»

Claro que tentámos amenizar a situação, não enfocando a discussão e desviando o assunto que se estava a gerar. Contudo, este tipo de situações acontecia frequentemente. Sempre que se fazia algo novo, um comentário inocente de algum participante podia levar a uma grande discussão, isto porque a autoestima e o medo de falhar e de não saber fazer estava muito presente. Para combater este fator limitador, pedimos a todos que se focassem uns nos outros e que dissessem uma qualidade da pessoa que estava ao lado em relação às aulas que temos vindo a desenvolver e depois dissessem um medo (seu) que

¹⁹ Canção tradicional muito antiga, de origem desconhecida.

tenha que ache que o do lado não tem, por exemplo: «A dona Maria é muito engraçada em todos os exercícios e faz-me rir. Eu tenho medo de não conseguir decorar o texto, mas já reparei que a dona Maria decora tudo muito rápido»²⁰.

Desta forma, somos capazes de nos autocriticar e aprendemos a aceitar as críticas que muitas vezes são construtivas, ao mesmo tempo que damos um elogio ao nosso colega.

Nos jovens estas questões não se verificavam, muito pelo contrário. Quando um não queria fazer por vergonha ou medo lá estava outro a perguntar se queria que fizesse por ele. Claro que esta não é a solução, mas criam-se relações de ajuda e entreajuda muito fortes.

Nas aulas intergeracionais (uma vez por semana), os seniores perdiam todos os meios, querendo aproveitar o facto de os meninos estarem ali. Os nossos jovens sempre tiveram em conta o que os idosos preferiam fazer e ficaram surpreendidos quando os viram em ação¹⁹:

«Aposto que vamos falar para eles e eles nem vão perceber nada.» [Menino 4]

«Vamos fazer jogos que eles consigam, vai ser um bocado seca.» [Menino 2]

«Isto vai ser lindo, vai...» [Menino 6]

Quando chegaram pela primeira vez às sessões intergeracionais ficaram surpreendidos²¹:

«Nenhum deles anda, professora? Como vão fazer teatro?» [Menino 6]

Com o desenrolar da sessão, foi-se quebrando o gelo e algum tipo de preconceito:

«Adorei a dona Camila!» [Sr. João]

«Ela tem muito jeito!» [Menino 1]

«Eles também vão fazer improviso? É que eu gostava de fazer improviso com eles!» [Menino 2]

Estes tipos de jogos de expressão dramática foram considerados como “divertidos” para os participantes, mas o que superou todas as expectativas foram os jogos de improviso.

Nas primeiras improvisações dos seniores, ouviram-se muitos «eu sei lá fazer isso!» ou «como é que eu faço isso?». Para os jovens, esta foi uma tarefa mais fácil, pois, para além de a maioria gostar de improvisar, também tinham bastante jeito e eram bastante criativos. Os jovens começaram em sessões individuais a trabalhar o improviso mais cedo

²⁰ Notas de campo da animadora.

²¹ Notas de campo da animadora.

que os seniores, o que para nós faz sentido, dado o pouco tempo que tínhamos em campo com os mais novos²⁰:

«Isto é fixe, posso fazer do que quiser!» [Menino 5]

«Eu gosto destes jogos, são mais divertidos.» [Menino 1]

«Improvisar é a minha praia.» [Menino 2]

Relativamente ao improviso com os seniores, no início parecia ser grande dificuldade²⁰:

«Isto é muito difícil, não sei o que dizer!» [Sr. António]

«Eu sei lá... não sei o que fazer... digo o quê?» [Dona Alberta]

«Improvisar custa...» [Dona Mariana]

Contudo, aos poucos, foram-se sentindo mais desinibidos, referindo a importância do carácter lúdico destes exercícios para a sua satisfação pessoal ²⁰:

«Fez-me rir. Já não me ria há imenso tempo!» [Sr. José]

«Sinto-me livre!» [Dona Camila].

«E assim passou uma hora, nem dei por isso...» [Dona Francisca]

«Foi muito bom para passar o tempo e nos distrairmos!» [Dona Maria]

A maioria das improvisações foram trabalhadas através de temas, profissões ou até lugares e personagens, tanto nos seniores como nos jovens. Apesar das dificuldades que se foram sentindo, mais no caso dos seniores, este foi um trabalho com um grande impacto ao nível da motivação.

Em ambas as gerações, houve a necessidade de dedicar mais sessões ao improviso, pelo impacto positivo que estava a ter este tipo de exercícios na vida dos participantes.

Quando juntámos as duas gerações em sessões de improviso, as gargalhadas tomaram conta da sala durante 1 h 30 m ²².

«Envolvermo-nos em improviso com os mais velhos é muito estranho, pensava que eles não sabiam fazer isto e deram cabo de mim.» [Menino 1]

«Não sabia que me ia rir tanto, os meninos têm muito jeito, então aquele grandalhão é uma graça.» [Dona Camila].

«Acho que eles deviam vir todos os dias.» [Sr. José].

«Os “cotas” têm mais jeito do que o que eu pensava, fiquei sem resposta a meio da improvisação.» [Menino 6]

²² Notas de campo da animadora.

Ao juntarmos as duas gerações, alguns medos foram esquecidos, pois o importante era aproveitar o momento²¹:

«Não pensei em mais nada, só me pensei em divertir.» [Dona Mariana]

«Pensei que eles tinham mais jeito do que nós, mas afinal nós safámo-nos bem (risos), mas passou-se aqui uma tarde como deve ser passada.» [Sr. João]

«Nunca gostei de participar, e gostava de ficar no meu canto a ver, mas os rapazes puxaram por mim.» [Dona Rita]

«Quando eles vêm cá, ainda se torna mais divertido!» [Sr. Manuel]

Para os jovens, este convívio fazia-os sentir especiais, pois davam mais importância a eles mesmos e ao mesmo tempo criavam um espírito de entreajuda:

«Sempre que os vimos, fazem uma festa para nos receber!» [Menino 4]

«Já me sinto quase um neto. Sinto que os tenho de proteger, hoje faltou aqui a minha dona Rosinha, senti a falta dela.» [Menino 2]

«Por vezes venho um bocado sem vontade, mas chego aqui e divirto-me sempre.» [Menino 6]

«Gosto de ajudar a professora a levá-los para a sala.» [Menino 1]

Na fase criativa, como já foi abordado, fomos fazendo o texto, que foi também construído com base em algumas improvisações.

Assim, fomos tal como afirma Venâncio (2008: 296), aos poucos, garantindo a teatralidade para a história ser contada.

Todos os textos realizados foram criados de forma livre através de temas lançados nas improvisações. A liberdade de apropriação do discurso sobre si mesmo e sobre o mundo, presentes nas improvisações, reconhecia aos participantes o direito de usar as palavras e o próprio corpo na forma que lhes convinha (Venâncio, 2006).

Foi assim através de improvisações, reflexões e escrita que nasceu o texto: “No nosso tempo é que era! Mas o nosso também é!” A escolha do título da peça foi feita pela animadora, mas o texto surge de memórias e ideias de todos os participantes. Assim, podemos afirmar que a noção de autoria se perde, pois as lembranças sem dono são de todos e de ninguém, pois de individuais, as memórias passam a pertencer ao grupo (Venâncio (2008: 297).

Observámos que o processo de criação do nosso espetáculo deu a possibilidade ao grupo de desenvolver um espírito mais crítico, através de sessões de debates ou ocasiões de reflexão criadas para que houvesse momentos de confronto e crítica construtiva, para

que este grupo intergeracional encontrasse formas para resolver/ encontrar soluções para situações que pudessem aparecer. Nem tudo foi um mar de rosas e os nossos participantes também passaram por fases menos positivas, caracterizadas por: frustrações, medos, constrangimentos e muitas vezes desânimo.

Dificuldades no processo de criação com os seniores

Compreender que um guião pode ser alterado

Quando surgem novas ideias, há que substituir as menos boas, ou pelo menos alterar. Quando alguém está a ter dificuldade em memorizar o texto, temos de ter o cuidado de gerir melhor a escolha do mesmo e até tentar que seja a pessoa a escolher o que quer dizer. Estas coisas às vezes eram complicadas de gerir: «Porque que ela está a dizer isso? Não era isso que tinha de dizer! Eu expliquei que às vezes existe a necessidade de mudança de complementar o texto ou até de simplificar. Também expliquei que esta necessidade só acontece até limarmos todas as arestas, pois até dia X tudo tinha de ficar definido.» [Animadora]²³

A construção das personagens

Optámos por não criar propriamente “personagens”, então eram apenas avós e netos a contar uma história. Não havia aqui esse grande desafio das personagens. Mas era importante que cada um desse um brilho próprio ou uma característica à sua personagem ou ao seu texto, o que acabou por ser um grande desafio para alguns dos participantes.

A Dona Antónia continua a ter dificuldades em estar à vontade, em olhar para o público e em falar como se nos contasse uma história, na medida em que diz as coisas muito rápido e, para ela, quase como se não quisesse ser ouvida...

Decorar o texto e marcações

Este foi o maior desafio. Em primeiro lugar, porque a maioria não sabia ler, não podia levar o texto e decorá-lo nos tempos livres. Em segundo lugar, porque os medos e as ideias pré-formatadas não os deixavam ser bem-sucedidos²².

«Eu sei que não consigo decorar, já lhe disse.» [Dona Antónia]

«Eu não decoro nem o dia que é hoje, quanto mais este texto.» [Sr. Manuel]

« Não consigo não vale a pena! Estou velha para isto!» [Dona Mariana]

Duas das nossas participantes não estavam a conseguir decorar o texto²²:

²³ Notas de campo da animadora.

«Não consigo, tire-me, só estou a estorvar.» [Dona Júlia]

«Consegue sim, todos conseguimos, não consigo é a frase proibida, vamos fazer assim, vai olhar para mim e eu vou ajudá-la quando for a sua vez.» [Animadora]

«O problema é que eu me esqueço do que tenho de dizer.» [Dona Júlia]

«Só tem de pensar o que é que sente que é para si ser jovem e dizê-lo depois de a dona X falar». [Animadora]

«Vou tentar!» [Dona Júlia]

Para que perdessem este medo, aplicou-se a estratégia da repetição, passando sessões inteiras a fazer cena a cena, uma por sessão. Ao mesmo tempo, introduziram-se elementos que os ajudaram a decorar, como, por exemplo, gestos associados, ou até mesmo com a ajuda dos participantes com mais facilidade em decorar. A insegurança e o medo de falhar levaram a que os nossos seniores pensassem em soluções: ²⁴

«Dona X, olhe para mim. A senhora fala quando eu lhe perguntar: para si o que é ser jovem? Assim não se engana e não fala antes do tempo!» [Dona Camila]

Com esta ajuda e com a repetição, que foi o método mais utilizado, foi possível obter resultados. Repetimos cada cena do início ao fim da sessão, até que a cena estivesse pronta; só depois avançávamos. Isto tem os seus contras, pois as sessões tornavam-se aborrecidas, principalmente para quem já sabia tudo de cor. Todavia, a repetição era importante por vários motivos. Não só criávamos memória visual, como também estimulávamos o cérebro. No continuar da 10.^a ou 12.^a repetição, como já ninguém queria seguir nas repetições, já ninguém se esquecia do que tinha a dizer ou a seguir a quem teria de falar. ²³

«Agora sim, merecemos descansar!» [Sr. Manuel]

«Agora foi bem, não foi, doutora?» [Dona Mariana].

«Confesso que com tanta repetição já estava a ficar maluca, mas agora que vi que ninguém se esqueceu, até mesmo eu, estou muito contente.» [Dona Maria]

Principais dificuldades sentidas nos jovens

Concentração

Foi muito difícil entenderem que agora havia a necessidade de construir um espetáculo, sendo necessário que tirassem algumas horas para se dedicarem a decorar o texto. ²³

«Professora, tranquila, eu chego ao dia e digo tudo direitinho.» [Menino 1]

²⁴ Notas de campo da animadora.

«Eu não tenho tempo para decorar fora das sessões.» [Menino 3]

«Podemos improvisar?» [Menino 5]

As coisas com os meninos não estavam a ser mais fáceis do que com os seniores. Se era difícil fazer com que pessoas de 80 e muitos anos tivessem paciência para decorar textos, fazer com que jovens o fizessem ainda foi mais complicado. Usámos a técnica do improviso e desta forma foi usada cada cena do nosso espetáculo e foram realizados jogos de improviso sobre elas. «Quero que aconteça, isto é, que a cena acabe desta forma. Podem começar!», foram estas as palavras usadas para que os participantes decorassem as cenas, uma vez que as estavam a criar naquele momento.

Assiduidade

Foi muito complicado gerir a disponibilidade para as sessões. A maioria das sessões que seriam em grupo intergeracional foram feitas apenas com os seniores. Éramos sempre avisados em cima da hora de que os jovens não iam comparecer, pois não tinham transporte. Sempre que os jovens faltavam, e aconteceu várias vezes, era uma desilusão para os seniores: ²⁵

«Não vêm? Mas nós ainda não conseguimos ensaiar com eles tudo direitinho...»
[Dona Maria]

«Mas sabe se eles estão bem com o texto? Estamos quase no espetáculo!» [Dona Mariana]

«Espero que eles venham na próxima semana. Isto tem de ser feito em conjunto.» [Sr. Manuel]

Para além da assiduidade pouco cumprida pelo colégio, em abril os jovens entraram de férias, pelo que durante duas semanas não foi possível ensaiar com eles. Dessa feita, tivemos o nosso último ensaio intergeracional três horas antes do espetáculo.

7.3.2. A fase expansiva

A apresentação do espetáculo

Apesar de todas as dificuldades, chegámos à fase expansiva, o momento de brilhar tinha finalmente chegado. Este era o dia em que toda a ERPI, direção, funcionários e familiares poderiam comprovar que “velhos são os trapos”, pois estes nossos seniores ainda tinham muito para mostrar e estes jovens, apesar das poucas presenças, estiveram muito bem.

²⁵ Notas de campo da animadora.

24 de abril do ano de 2019 foi o dia em que duas gerações se encontraram em cima do palco para dar início ao espetáculo deles, criado com tanto amor e amizade.

Eram dez da manhã, chegaram os meninos, mais adormecidos que acordados, e começámos a preparar o último ensaio. O palco já estava montado, o cenário já estava em cena e os nervos já enchiam a sala.

Demos início ao ensaio. Em conjunto, as duas gerações estavam em palco e prontas para mostrar aquilo que eram capazes de fazer. Depois de um ensaio onde o nervosismo e a ansiedade estava muito patentes, principalmente nos jovens, fomos almoçar.

O almoço foi um convívio entre todos, o público, atores e animadora. Acabado o almoço, deu-se início à apresentação musical do coro, conduzida pelo maestro da instituição, onde alguns dos seniores atores também participaram. Com imensas palmas, acabou o espetáculo musical. Era a hora de abrir as cortinas, depois de todos estarem no palco, claro.

A animadora encorajou-os com as seguintes palavras: «Agora, apesar da responsabilidade que sentem e dos nervos que sei que vos estão a preencher o estômago, é hora de se divertirem. Estas pessoas que vos estão a assistir são a vossa família, amigos, colaboradores e estão e ficarão orgulhosos, tenho certeza disso. Meninos, sei que os ensaios foram poucos, mas foram suficientes, vocês conseguem, só têm de se divertir. Eu vou estar ali na primeira fila a colocar a música, qualquer coisa, olhem para mim. Tudo vai correr bem. Estamos juntos!»

Tal como afirma Venâncio (2008: 298), o importante nesta fase final reside na possibilidade de partilhar o longo trabalho de criação dos espetáculos.

São 16h15 e o espetáculo começa. A Dona Camila fez questão de abrir o espetáculo com uma homenagem e um agradecimento a todos:

«Caro público, direção, colaboradores, familiares e amigos, estamos hoje aqui para vos apresentar a nossa peça. Foram meses muito apaixonantes, onde fomos postos à prova diariamente e onde pudemos conviver e aprender com estes jovens maravilhosos. Obrigada, Dra. Helena, por tornar isto possível! Infelizmente, há um lugar vazio, alguém que enchia os ensaios com os seus suspiros apaixonados, mas que infelizmente teve de partir. Sabemos que foste das primeiras a querer estar aqui hoje, a disfrutar deste momento, mas infelizmente tiveste de partir mais cedo, sem contar. Rosalina, esta peça é para ti.»²⁶

²⁶ Notas de campo da animadora.

Depois desta comovente introdução e de uma estrondosa salva de palmas, deu-se então início ao espetáculo.

O público estava a ser muito motivador, pois estava a reagir a todas as situações no palco. Se achavam piada, riam, e se entrávamos numa cena mais melancólica, o silêncio tomava conta da sala.

Quando terminou o espetáculo, as palmas encheram os corações dos nossos atores e as lágrimas da despedida tomaram conta de todos, incluindo algum público.

No fim do espetáculo alguns membros do público sentiram a necessidade de elogiar afirmando terem «gostado imenso» do espetáculo; «esperávamos menos».

Também os membros da direção, técnicos e colaboradores parabelizaram-nos pelo espetáculo e por todo o trabalho realizado, somando «não deve ter sido nada fácil» e referindo que era importante dar continuidade a projetos como estes.

Para nós foi muito importante e gratificante sentir este carinho e entusiasmo pelo nosso trabalho.

Depois de toda esta agitação sentámo-nos e falámos para perceber o que estavam a sentir: ²⁶

Seniores

«Sinto-me tão feliz!» ([Dona Maria]

«Sinto que sou novo outra vez!» [Sr. Manuel]

«Sinto que as pessoas gostaram e sinto que quero mais.» [Dona Camila]

«Estivemos muito bem, os meninos portaram-se muito bem!» [Dona Mariana]

Jovens

«Tive medo no início, mas passou tudo quando começámos.» [Menino 1]

«Tivemos de improvisar numa cena, porque alguém se enganou e ninguém reparou, fomos uma equipa.» [Menino 2]

«Senti que os senhores estiveram muito bem, só quero ter 80 anos e fazer teatro!» [Menino 4]

«Vamos falar a sério? Arrasámos!» [Menino 3].

«Estiveram todos lindamente, e não ninguém notou que improvisaram, aliás, todos improvisaram, foi muito importante esse trabalho de equipa! Durante o espetáculo, uma das nossas seniores avançou uma cena, houve o cuidado de, depois dessa cena, retoma-

rem a anterior, através do improviso, e isso mostrou um trabalho de equipa espantoso.»
[Animadora]

A nosso ver, todo o processo desenvolvido no PL através das sessões de teatro contribuiu para reforçar a participação ativa dos seniores e jovens, através da avaliação das sessões, escolha do guarda-roupa, trazendo e criando textos a partir das suas improvisações e construção das suas personagens.

Este é um trabalho que só resultou pelos esforços de todos os participantes e pelo trabalho em equipa. Um ponto positivo a retirar deste projeto foi a adesão da instituição à AT. Após a implementação do nosso projeto, a ERPI permitiu a realização de um estágio profissional para a animadora/coordenadora do PL para dar continuidade a este projeto e à criação de outros no mesmo sentido.

7.4. Síntese

Em suma, podemos afirmar que os exercícios que os seniores mais apreciaram foram os exercícios de relaxamento. Por outro lado, os jovens apreciaram mais a fase do improviso. Ambas as gerações relataram que o que apreciaram menos foram os exercícios de articulação, dicção e projeção de voz. Em alguns exercícios, foi necessária uma adaptação às condições físicas dos participantes, pois a maioria dos seniores estava em cadeira de rodas, nomeadamente com especial impacto nos exercícios de expressão dramática.

A fase grupal foi importante para a partilha de memórias, recorrendo a exercícios de estimulação dos sentidos (músicas, cheiros, objetos) . Estas memórias foram, em alguns casos, associadas a momentos de felicidade e alegria, mas noutros momentos associados à tristeza e à melancolia. Foi necessário, ao longo do projeto, investir em soluções para ultrapassar os problemas.

Na fase criativa a improvisação deu enfoque à ação, dando espaço para momentos de reflexão. O guião foi-se construindo coletivamente a partir de algumas improvisações. Os jovens foram incansáveis na fase do improviso, estando sempre ansiosos pelos próximos jogos e foram muito importantes na criação do guião, com sugestões improvisadas.

Na fase expansiva, apresentamos com sucesso o resultado final deste processo, ou seja, o nosso espetáculo – «No nosso tempo é que era, mas o nosso também é!» –, que obteve um *feedback* muito positivo. Este foi um processo que se foi construindo e des-construindo, mas sempre com o intuito de seguir por um melhor caminho. Ambas as

gerações viram-se confrontadas com um leque de dificuldades que, no caso dos jovens, foi a dificuldade em algumas presenças que nos fez ter a companhia deles menos vezes do que as que queríamos.

Apesar de tudo, conseguimos. Aos poucos, ambas as gerações foram conquistando o seu espaço, confiando mais no outro e em si mesmo, sentindo-se mais valorizadas. Ambas as gerações avaliaram esta experiência como positiva.

Capítulo 8 – Apresentação e discussão dos resultados

Através de uma análise da literatura apresentada, podemos precisar a importância de projetos de animação sociocultural e, mais concretamente, de animação teatral tanto para seniores como para jovens. Mas ainda mais positivo é se adicionarmos esta componente prática ao convívio intergeracional. Não só estamos a contribuir para um envelhecimento ativo, no caso sénior, mas também estamos a prevenir a solidão e a implementar nos jovens, também estes institucionalizados, valores de respeito e de dever para com os mais velhos. Estamos também a dar passos para que se criem laços, laços estes de afetos, de compromisso e de respeito. Laços que nos unem através de um vínculo artístico e ao mesmo tempo proporcionam laços de amizade.

O projeto Laços possibilitou compreender, através da sua implementação, o contributo de projetos artísticos intergeracionais em populações institucionalizadas, neste caso nos nossos participantes.

Portanto, após a recolha do material documental através dos diferentes instrumentos de recolha de dados (notas de campo, entrevista de grupo e observação participante), realizámos a codificação dos dados, dando vida às unidades de registo (ver grelha de análise da entrevista semiestruturada de grupo nos anexos)

8.1. Apresentação dos resultados

Para a análise de resultados, foi elaborada uma análise de conteúdo das entrevistas e observações registadas, pois desta forma obtivemos o conjunto de dados que nos tornou possível avançar no sentido de tratar, organizar e analisar os mesmos.

Com esta análise de dados, pretendemos organizar de forma sistemática as entrevistas, as notas de campo retiradas através das observações e a análise dos documentos fornecidos pela instituição. Esta análise tem assim como principal objetivo construir uma melhor compreensão destes materiais (Oliveira, 2018: 37).

Iniciámos este tratamento dando relevância aos pontos que devem ser valorizados e que são imprescindíveis para o nosso estudo. Como nos refere Amado (2016), a análise de dados é um aspeto muito relevante numa investigação, pelo que depois dos dados recolhidos é mandatário analisá-los e interpretá-los.

Nas páginas abaixo encontraremos esquemas construídos através da análise da entrevista de grupo, assim como algumas observações feitas durante o projeto.

8.1.1. Entrevistas de grupo

Para a sua análise, houve a necessidade de se transcrever na íntegra a entrevista de grupo realizada aos seniores e aos jovens. Estas foram feitas separadamente dos seniores. Assim, foram criados dois grupos de entrevistados (ver Anexo 2 referente ao guião das entrevistas).

Através da entrevista, pudemos perceber o que os participantes pensavam das atividades já existentes, se participavam nas mesmas, assim como as suas preferências. Também conseguimos perceber qual o seu contacto com o teatro no passado e no presente e o que achavam que podiam retirar deste género de atividade. Tendo em conta o sentido intergeracional, tentámos também perceber se este convívio os ajudava a sentirem-se mais felizes. Esta entrevista foi portanto realizada no término do projeto.

Quando questionados sobre o contacto com o teatro, os jovens quase todos responderam algo como «já participámos nas peças daqui»; «nem ensaiávamos e corria bem». Por outro lado, os idosos respondiam «Oh, filha, nunca!»; «Teatro, eu? Só na plateia», sendo que apenas uma sénior tinha feito teatro amador na sua juventude.

Quando questionados sobre as atividades existentes na ERPI, os idosos referiram «há poucas» e «deveria haver mais». Por outro lado, alguns referiram: «Temos o coro, agora o teatro e alguns trabalhos manuais». Relativamente a atividades intergeracionais: «Temos com a Escola Superior de Educação às quintas-feiras, e também é muito bom para nós».

Relativamente às atividades dos jovens, estas são maioritariamente “extrínsecas à instituição”, como, por exemplo, o futebol. As atividades intrínsecas à instituição são «o estudo à quarta-feira». Quando questionados sobre atividades geracionais, os jovens referiram «não haver».

Ambas as gerações, quando questionadas relativamente ao sentimento presente no realizar dessas atividades preferidas com outra geração, demonstraram entusiasmo por este contacto, sendo que alguns referiram o gosto pela partilha de histórias e outros apon-taram para o sentimento de bem-estar proporcionado pelo convívio com outras gerações: «É bom para nós e para eles!».

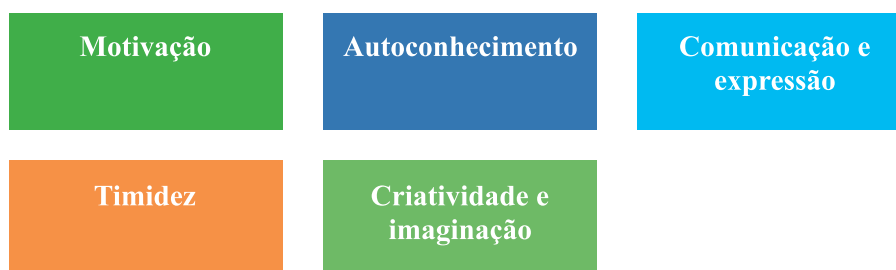
Relativamente à interação entre ambas as gerações, as referências de ambas as partes foram de que há entreatajuda: «Eles ajudam-nos».

Relativamente ao projeto Laços, o resultado obtido através das entrevistas foi bastante positivo. Relativamente aos jovens, todos falaram destas categorias como sendo as mais alcançadas pelo projeto Laços.

8.1.2. Análise de conteúdo: as categorias

No que diz respeito ao grupo de jovens participantes, a análise das entrevistas de grupo realizadas passou por um processo de codificação através da construção de um conjunto de categorias, tal como se ilustra no esquema de seguida apresentado.

FIGURA 3 – Resultados do PL nos jovens



Fonte: Entrevistas de grupo

Partindo deste conjunto de categorias, ilustra-se nas tabelas seguidamente apresentadas o processo de classificação da informação. Nestas tabelas, procedemos a uma síntese dos principais conteúdos presentes nas entrevistas e relativos às categorias supramencionadas. Na primeira coluna são apresentadas as sinopses, as quais são corroboradas pelos testemunhos dos jovens participantes.

TABELA 14 – Sinopse das categorias presentes na entrevista realizada aos jovens participantes no PL

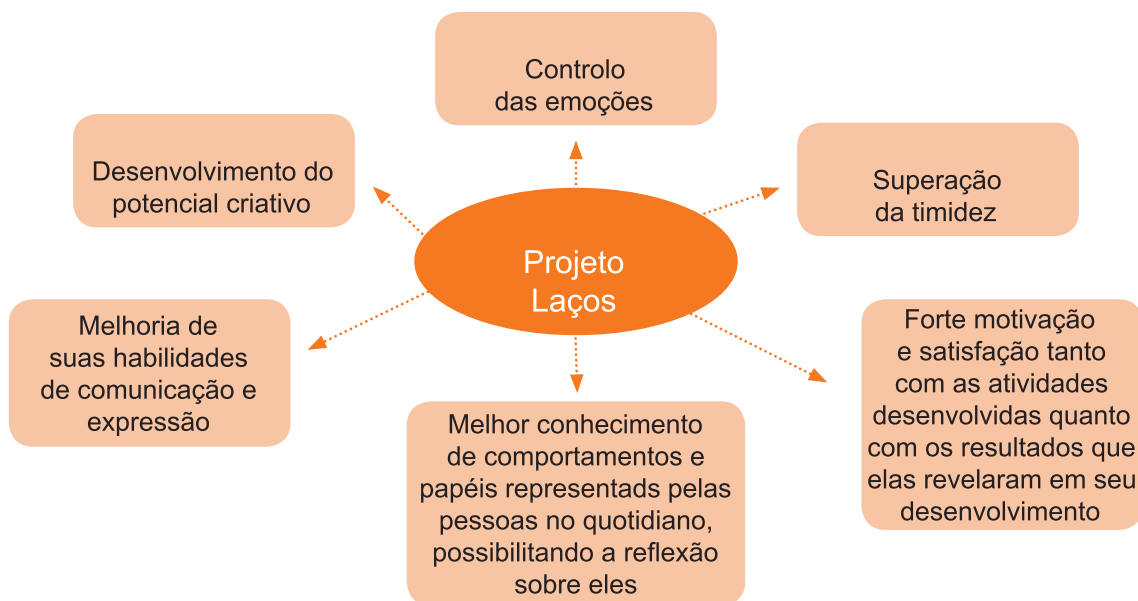
	Sinopse	Testemunhos
MOTIVAÇÃO	<p>De acordo com os testemunhos apresentados, constatamos que as principais fontes de motivação que levaram os jovens a participar no PL são o sentimento de felicidade, o gosto na atividade, a diversão, o convívio intergeracional, a par dos desafios que esta atividade sociocultural lhes colocou.</p> <p>Sentiram ainda que este projeto os fazia sentir bem-vindos.</p>	<p>“Vinha para aqui com vontade porque sabia que me ia divertir.” (Jovem, 14 anos).</p> <p>“Conviver com pessoas mais velhas fez-me sentir mais solto e animado, queria fazer de tudo para que se rissem comigo”. (Jovem, 13 anos)</p> <p>“Fazer teatro já é divertido, sempre gostei, mas com mais velhos é ainda mais desafiante” (Jovem, 14 anos)</p> <p>“Quero continuar a fazer isto e partilhar a experiência com eles. Porque gostei de sentir que eles nos querem aqui.” (Jovem, 16 anos)</p>
TIMIDEZ	<p>De acordo com os testemunhos apresentados constatamos que a timidez era um sentimento muito presente nos nossos participantes. Contudo, os testemunhos revelam que a timidez foi um sentimento que se foi eliminando, tanto pela ajuda dos colegas mais velhos como pela ajuda dos colegas da mesma geração. A maioria revela que vencer a timidez foi uma conquista.</p>	<p>“No início custou-me, mas depois via os meus colegas tão divertidos que também queria fazer”. (Jovem, 15 anos)</p> <p>“Quando fiz o improviso com a dona X estava muito nervoso, porque sou tímido, mas ela acalmou-me e fez-me rir tanto que eu consegui também entrar na brincadeira.” (Jovem, 11 anos)</p> <p>“No início não queria participar, eu vim para a instituição porque sou anti social, e sou anti social porque sou muito tímido. Quando a técnica me pediu para experimentar, e se gostasse continuasse eu aceitei. Logo na primeira aula a professora pôs-me a improvisar, e gostei, nem sei como consegui chegar aqui, mas foi uma conquista.” (Jovem, 16 anos)</p>
AUTOCONHECIMENTO	<p>De acordo com os testemunhos apresentados constatamos que através do PL, os jovens ganharam um maior conhecimento sobre si mesmos, bem como dos outros. Através do teatro, os jovens afirmam ter conhecido novas atitudes e conhecimentos, refletindo sobre eles. O controlo das emoções também foi algo mencionado pelos jovens, assim como, o respeito e o colocar-se no lugar do outro.</p>	<p>“Ajudou-me a perceber que quero seguir teatro.” (Jovem, 16 anos)</p> <p>“Ajudou-me a perceber que os idosos conseguem fazer mais coisas do que o que eu pensava.” (Jovem, 12 anos)</p> <p>“Descobri diferentes maneiras de ser, pude sentir outras emoções a que não estou acostumado.” (Jovem, 14 anos)</p> <p>“Percebi que cada um tem o seu tempo, houve idosos que demoraram mais a decorar o texto que outros, mas isso é normal.” (Jovem, 12 anos)</p> <p>“Percebi que falo muito rápido, e que as pessoas podem não me perceber, tenho de me acalmar.” (Jovem, 14 anos)</p> <p>“Consegui controlar as minhas emoções.” (Jovem, 11 anos)</p>

	Sinopse	Testemunhos
CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	<p>De acordo com os testemunhos apresentados constatamos que o PL desenvolveu a criatividade dos jovens, estimulando a sua imaginação através da partilha de memórias partilhadas. Esta estimulação criativa, foi um impulsionador de espontaneidade e diversão.</p> <p>A necessidade de improvisar, disputou num jovem a vontade de aprender a ler.</p>	<p>“Tive de criar uma cena em que colocava música. Nunca o tinha feito, foi difícil, mas consegui escrever uma cena.” (Jovem, 11anos)</p> <p>“Eu não sabia que tinha tanto jeito, todos me elogiaram, principalmente no improviso, sinto que me tornei mais criativo. Aliás, descobri que era. Conviver com os mais velhos fez-me imaginar as coisas que eles contavam.” (Jovem, 14 anos)</p> <p>Gostei muito dos jogos de improviso, pois podia inventar. E com os mais velhos foi de rir, eles também faziam bem o improviso. Não estava à espera (Jovem, 16 anos)</p> <p>Não sei ler, mas sei improvisar. Mas quero aprender a ler, porque tenho idade para isso. Quero aprender a ler para nunca mais precisar de ninguém para me ajudar a decorar o guião. (Jovem, 11 anos)</p>
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	<p>De acordo com os testemunhos apresentados constatamos que ao nível da comunicação e expressão o PL revelou-se um potencializador positivo. Os jovens acreditam que o teatro ajudou não só a comunicar melhor, com também a falar em público. Associaram a melhor forma de comunicação às boas relações que desenvolveram.</p>	<p>“Como não sei ler, tenho dificuldade em comunicar, mas este projeto ajudou-me a não sentir tanto medo, estava tão contente por estar aqui que só queria entrar nos jogos. Melhorei a maneira de falar.” (Jovem, 11 anos)</p> <p>“Acho que me expressei melhor” (Jovem, 16 anos)</p> <p>“Tinha dificuldade em falar em público, mas consegui.” (Jovem, 12anos)</p> <p>“Senti que passamos a mensagem através do espetáculo e através das relações que criamos. Isso foi uma boa comunicação” (Jovem, 16 anos)</p>

Ser uma personagem ajuda-nos a colocar no lugar dos outros e, por meio da observação, reconhecer e criar vários papéis. Assim, os participantes aprenderam a conhecer-se melhor a si mesmo e aos outros e aprenderam que existem várias emoções que, quando temos controlo sobre elas, melhoram o nosso dia.

Através desta categorização de análise, criamos a seguinte imagem, a fim de sintetizar os resultados do projeto Laços, isto é, a sua influência nos jovens.

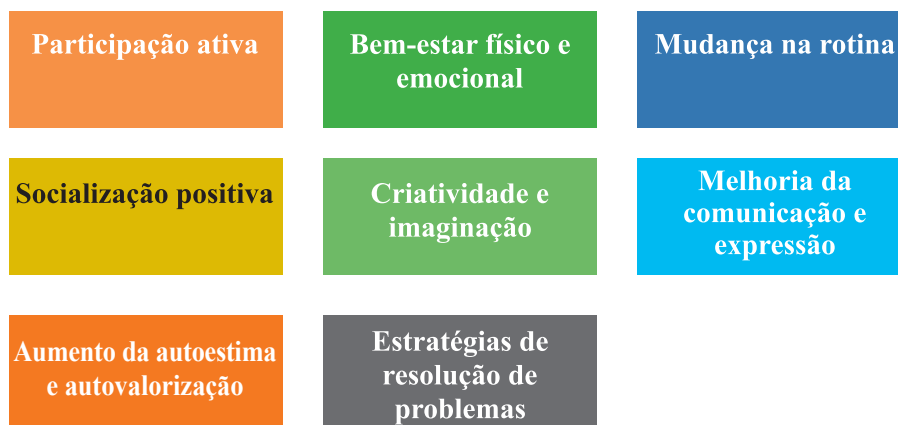
FIGURA 4 – Árvore dos resultados do PL sobre os jovens



Fonte: Entrevistas aos jovens

No que diz respeito ao grupo dos seniores, a análise das entrevistas de grupo realizadas passou por um processo de codificação através da construção de um conjunto de categorias, tal como se ilustra no esquema de seguida apresentado.

FIGURA 5 – Resultados do PL nos seniores



Fonte: Entrevistas aos seniores

TABELA 15 – Sinopse das categorias presentes na entrevista realizada aos seniores participantes no PL

	Sinopse	Testemunhos
PARTICIPAÇÃO ATIVA	<p>A leitura dos dados revela que os seniores, através da participação no PL, sentiram-se mais participativos. Por consequência, essa participação fê-los sentirem-se bem, contribuindo para o aumento do seu capital social e cultural.</p>	<p>“Gostei de participar e de dar dicas. Gostei que a minha sugestão na cena da joia tenha sido levada em conta.” (Sénior, 83 anos)</p> <p>“Participar foi bom, sentia-me bem, nunca tinha participado em nada.” (Sénior, 88anos)</p> <p>“Pude partilhar coisas minhas, pensei que não interessava a ninguém e afinal havia histórias em comum.” (Sénior, 80 anos)</p>
BEM-ESTAR FÍSICO E EMOCIONAL	<p>A participação no PL, ajudou na prática de exercício físico, que consequentemente levou ao bem estar físico e mental.</p>	<p>“Todos os dias tínhamos de fazer um bocado de exercício, não é que goste, mas sei que preciso “ (Sénior, 83 anos)</p> <p>“Ri-me todos os dias, sentia-me tão bem, e é disso que vou sentir mais falta” (Sénior, 78 anos)</p> <p>”Conviver com os jovens fez-me sentir maravilhosamente bem. Eles eram tão queridos, pena não ter sido mais tempo.” (Sénior, 83 anos)</p>
MUDANÇA NA ROTINA	<p>Através da análise constatamos que, para os seniores, era importante a mudança na rotina, não só para manter a cabeça ocupada e ocupar o tempo, mas para o seu próprio bem-estar.</p>	<p>“Vir para aqui, estar com os meninos ajudou a passar o tempo, gostei muito deles.” (Sénior, 90 anos)</p> <p>“Era bom para nos divertirmos e fazer coisas novas, pois passamos tanto tempo a olhar para o dia de ontem”(Sénior, 95 anos)</p> <p>“Era uma hora bem passada, sem pensar em desgraças.” (Sénior, 78 anos)</p> <p>“Nunca tenho visitas, mas sabia que à quarta vinham cá os meninos, quando não vinham era uma desilusão.” (Sénior, 56 anos)</p>

	Sinopse	Testemunhos
SOCIALIZAÇÃO POSITIVA	Através da análise das entrevistas, constatamos que os seniores, durante o PL, se sentiram bem ao terem contacto com as pessoas de outras gerações. Desta forma, promoveu-se o combate o isolamento e à solidão.	<p>“A festa que fizemos foi muito bonita, deu para estar com pessoas e perceber que gostaram do nosso espetáculo.” (Sénior, 78 anos)</p> <p>“Foi muito importante o convívio com os nossos colegas e os jovens, foi bom partilhar memórias antigas.” (Sénior, 80 anos)</p> <p>“É bom estarmos todos juntos, trabalhar em grupo e com os jovens, sinto-me menos sozinho” (Sénior,86 anos)</p> <p>“O teatro é sempre um vínculo de cultura, e também no nosso caso, mais que isso é podermos ser ouvidos, termos uma opinião sobre o espetáculo e contribuir para que o mesmo se realize. Ajudar os nossos colegas e até mesmo os jovens” (Sénior, 56 anos)</p>
NOVOS CONHECIMENTOS E APRENDIZAGEM	Nesta categoria, os seniores, afirmam que desenvolveram a sua estimulação cognitiva. Afirmam também a importância que é para eles, a troca conhecimentos entre gerações. Bem como, tomar consciência das suas limitações, e aceita-las.	<p>Puxa pela nossa cabecinha, aprendi técnicas para decorar o texto. (Sénior, 88 anos)</p> <p>“É importante convivemos com idades diferentes, porque a gente aqui fechado já nem sabe como se vive na juventude e eles ensinaram-nos e nós mostramos-lhes como se viviam os bailaricos” (Sénior, 95 anos)</p> <p>“Aprendi que posso decorar textos.” (Sénior, 78 anos)</p> <p>“Aprendi as anedotas do Sr. X, com ele estamos sempre a aprender.” (Sénior, 83 anos)</p>

	Sinopse	Testemunhos
MELHORIA DA COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	Através do PL, os seniores, procuraram técnicas para uma melhor comunicação. Aprenderam técnicas que os ajudou com a dicção. E aprenderam a expressar-se melhor.	<p>“Consegui dizer o que estava no texto por outras palavras, para mim foi importante tentar arranjar maneira de me expressar” (Sénior, 78 anos)</p> <p>“Aprendi a articular melhor as palavras.“ (...)</p> <p>“Para mim era difícil rir, sou muito séria, aqui foi difícil ficar séria. Consegui expressar-me melhor.” (Sénior, 56 anos)</p>
AUMENTO DA AUTOESTIMA E AUTOVALORIZAÇÃO	O sentimento de liberdade; e o aumento de autovalorização e de autoconfiança, revelou-se notória na análise das entrevistas.	<p>“Podia dizer o que queria, senti-me livre para falar e contar coisas” (Sénior, 56 anos)</p> <p>“Achei que não ia ser capaz e cantei tudo direitinho” (Sénior, 90 anos)</p> <p>“Nem dei por ela que passei a cena à frente, estava tão segura e ansiosa para fazer aquela cena, que me precipitei. Mas nem notei.” (Sénior, 88 anos)</p> <p>“Nunca me imaginei a cantar para tanta gente.” (Sénior, 93 anos)</p>

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	Sinopse	Testemunhos
	<p>Percebemos que para o idosos, esta categoria aparece e foi importante pois, agiliza o reconhecimento da limitação e tentativa de ultrapassá-la. Ao mesmo tempo, procura soluções através da cooperação e entreaajuda.</p> <p>E aprende a pedir ajuda, sem se envergonhar disso.</p>	<p>“Quando estava com todos a olhar para mim no ensaio, não me lembrava de nada. Então levava o texto escondido.” (Sénior 88 anos)</p> <p>“Custava-me ver a dona X sempre com o texto atrás, pedi à animadora que quando ensaiasse com ela sozinha, me chamasse porque como ela falava depois de mim queria ajudá-la a saber a fala. “ (Sénior, 78 anos)</p> <p>“Repetir e repetir, já estava farto de fazer o mesmo, mas meti na cabeça que tinha de ser se queríamos um bom espetáculo” (Sénior, 83 anos)</p> <p>“Pedi aos meninos que me ajudassem, e eles foram muito atenciosos” (Sénior, 90 anos)</p>

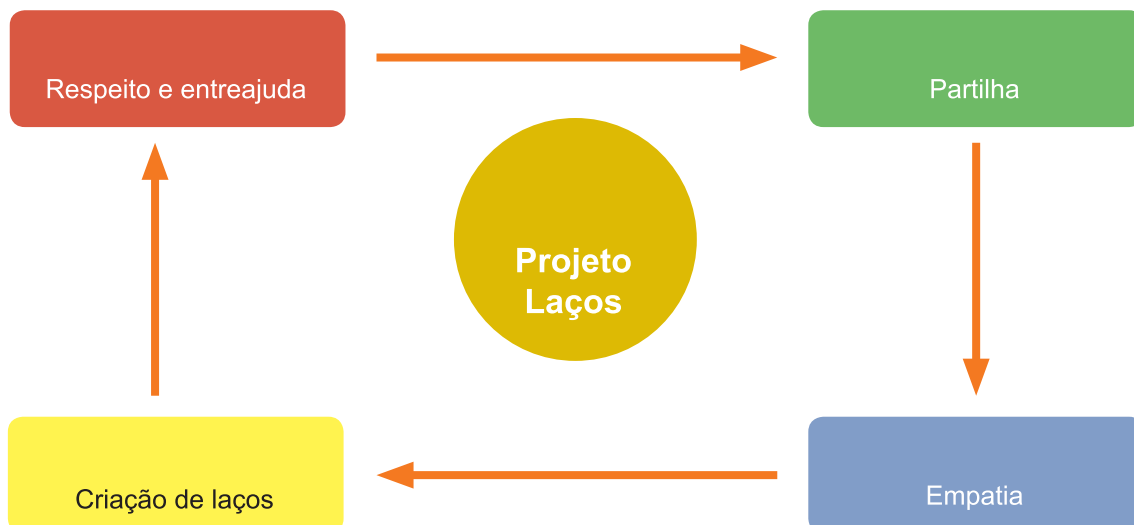
FIGURA 6 – Árvore de resultados do PL nos seniores



Fonte: Entrevistas aos seniores

Em ambas as gerações

FIGURA 7 – Resultado intergeracional



Com base na análise dos depoimentos anteriores os quatro principais indicadores comuns aos jovens e aos seniores são os que estão representados na figura 7.

O projeto Laços teve então como ponto forte o desenvolvimento do sentimento de respeito através da partilha de memórias, o que leva à empatia e que por sua vez ajudou na criação dos laços, proporcionando o respeito.

Através da tabela em baixo representada, podemos comparar alguns depoimentos que justificam estes indicadores.

TABELA 16 – Resumo de resultados em ambas as gerações

	Sinopse	Testemunhos
RESPEITO E ENTREAJUDA	O respeito pelo tempo do outro, o respeito por uma geração diferente, foi uma conquista associada ao PL.	<p>“Percebi que cada um tem o seu tempo, houve idosos que demoraram mais a decorar o texto que outros, mas isso é normal.” (Jovem, 16 anos)</p> <p>“Pedi aos meninos que me ajudassem e eles foram muito atenciosos” (Sénior 90 anos.)</p>
PARTILHA	Ambas as gerações consideram importante a partilha e a troca de conhecimento.	<p>“É importante convivermos com idades diferentes, porque a gente aqui fechado já nem sabe como se vive na juventude e eles ensinaram-nos e nós mostramos-lhes como se viviam os bailaricos” (Sénior, 95 anos)</p> <p>“Conviver com os mais velhos fez-me imaginar as coisas que eles contavam.” (Jovem, 14 anos)</p>
EMPATIA	Ambas as gerações se colocaram no lugar do outro. Compreenderam as situações e relacionaram-se empaticamente entre si.	<p>“Vir para aqui, estar com os meninos ajudou a passar o tempo, gostei muito deles.” (Sénior, 56 anos)</p> <p>“Quando fiz o improviso com a dona x estava muito nervoso, porque sou tímido, mas ela acalmou-me e fez-me rir tanto que eu consegui também entrar na brincadeira.” (Jovem, 16 anos)</p>
CRIAÇÃO DE LAÇOS	A criação de laços para ambas as gerações, significa um combate ao isolamento, e cria uma necessidade de reencontro.	<p>“É bom estarmos todos juntos, trabalhar em grupo e com os jovens, sinto-me menos sozinho” (Sénior, 86 anos)</p> <p>“Quero continuar a fazer isto e partilhar a experiência com eles. Porque gostei de sentir que eles nos querem aqui.” (Jovem, 12 anos)</p>

Observações das sessões

Durante as sessões, os jovens mostraram vontade de desafiar os mais velhos nos jogos de improvisação. Os nossos seniores alinharam na brincadeira, não havendo limites, pois tudo era abordado, desde temas mais antigos a temas da atualidade. Nos jogos de troca de papéis, onde o jovem fazia de idoso e vice-versa, sentia-se um constrangimento por parte dos jovens para não faltar ao respeito ao sénior. Esse constrangimento ia sendo desconstruído, pouco a pouco, com a ajuda do sénior que ria com vontade da imitação.

Sempre que os jovens abandonavam a instituição ou não podiam comparecer, os seniores ficavam tristes. Por sua vez, os jovens quando abandonavam o lar iam orgulhosos da sua prestação.

Com os jovens mais tímidos, os nossos seniores tentavam ajudá-los a desinibir, tendo a preocupação de assumir a liderança do jogo e assim colocá-los mais à vontade.

Quando um idoso não ouvia algo, os jovens tinham a sensibilidade de repetir e por vezes ir ao pé do sénior para que este o conseguisse ouvir melhor.

8.2. Discussão dos resultados

Depois de apresentarmos os resultados obtidos através da recolha de dados, que integra o nosso estudo empírico, passamos agora à discussão dos mesmos.

Os resultados serão analisados de acordo com a pesquisa bibliográfica anteriormente realizada, respondendo aos objetivos traçados para este projeto de intervenção. Quisemos dar-lhe, após o cruzamento entre os dados, uma organização uniforme produzindo uma breve conclusão. Posto isto, é nossa intenção interpretar e compreender os dados da melhor forma possível, explicando o impacto que o projeto Laços teve na vida dos participantes.

Quando questionados sobre as atividades que gostavam de fazer no futuro, os seniores responderam imediatamente “atividades com os jovens”. Esta resposta constata a importância que tem para o idoso o contacto com a geração mais nova. Esta partilha é reforçada pelos autores Silva e Barreto (2010), que afirmam que este contacto tem como objetivo as melhorias de uma comunidade, onde existe uma troca de informações, perceções e conhecimentos, tudo isto de uma forma criativa, ultrapassando conceitos relevantes.

Já os jovens referiram o teatro como atividade para o futuro. Apesar de não terem referido logo atividades geracionais como resposta, não quer dizer que não apreciem

essas atividades, até porque, quando questionados sobre se gostaram deste convívio, todos responderam positivamente e acrescentaram que «aprenderam bastante» e todos eles concordaram que este convívio lhes trouxe «bastantes benefícios». Existindo estes benefícios, vamos ao encontro de Cabral e Marcuch (2016), que afirmam ser importante pensar na intergeracionalidade, criando espaços de partilha entre as gerações, focando-nos assim numa educação intergeracional que visa o desenvolvimento, partilha e aquisição de novos saberes e competências.

Voltando aos seniores, alguns deles escolheram participar neste projeto, inicialmente, «para passar melhor o tempo». No entanto, «começámos a precisar disto para que o dia fosse melhor». Quando estavam nas sessões do projeto, fosse em conjunto com os jovens ou nas sessões de grupo apenas com os seniores, quase todos referiram que « não se sentiam tão sozinhos». Um dos seniores afirmou tratar-se de um «projeto importante» que o fazia sentir-se bem. «O Laços devia continuar, pois é bom para todos.» Com esta afirmação vamos ao encontro de Villas Boas *et al.* (2016), que destacam que a promoção da cultura de educação ao longo da vida reforça o conhecimento de todas as gerações e promove a consciência sobre a diversidade das culturas das diferentes gerações. Adicionalmente, identifica diferenças culturais entre gerações, desenvolvendo atitudes positivas entre as mesmas, fomentando a aprendizagem integrada, sendo uma educação multidimensional, aproximando a escola e a comunidade e permitindo explorar os interesses e necessidades nas diferentes fases do percurso escolar, de carreira ou reforma. Trata-se assim de uma abordagem benéfica tanto para indivíduos como para as comunidades e sociedades, ensinando o conceito de saber-ser e saber-fazer.

Outra categoria apresentada como resultado é o respeito e a interajuda que se promovem entre as gerações. Os jovens afirmaram que depois da implementação do projeto passaram a aceitar melhor o idoso e a desmistificar algumas ideias sobre os mesmos. Para os seniores, estes meninos institucionalizados também foram uma surpresa: «Pensei que iam ser uns rebeldes, e são uns respeitadores». Palmeirão e Menezes (2009) afirmam que a educação intergeracional provoca a mudança de atitudes, a interajuda e a proximidade entre gerações, fomentando a criação de Laços e avançando com relações positivas entre os mais e os menos jovens.

Como já foi referido, os carinhos e os laços trocados e criados também foram importantes para os nossos participantes, na medida em que as atividades intergeracionais ajudam a que exista uma troca de carinhos, afetos e experiências entre avós e netos, positivas para o seu desenvolvimento (Caballero *et al.*, 2012). Para Bostrum (2000) e

Vandervén (2011), citados por Vieira e Guerra (2012) *in* Oliveira (2018), existe uma troca de recursos e saberes entre as gerações, que resultam em benefícios pessoais e sociais. Os mesmos autores afirmam que, quando os seniores recebem carinho, sentem-se agradecidos, felizes e participativos

Os profissionais, principalmente os cuidadores que muitas vezes não demonstravam grande importância quando os idosos diziam que iam para a aula de teatro (sessão do projeto), acabaram por aplaudir o espetáculo e felicitar todos os participantes: «Foi muito bonito, ri, chorei, voltei a rir»; «Tem mesmo jeito, D. Maria!».

De um modo geral, os entrevistados encontraram benefícios deste convívio geracional, sendo que a aprendizagem, o bem-estar e a criação de laços são os mais referidos. Desta forma, encontramos-nos com o enquadramento teórico no que toca à educação ao longo da vida.

Cada indivíduo é diferente e reage de maneira distinta a este tipo de convívio. No entanto, neste tipo de contacto, como afirma Oliveira (2018), todos os intervenientes ganham, aprendem, ficam muito mais felizes e demonstram muito entusiasmo.

Centremo-nos agora na atividade teatral. Mesmo nas sessões de teatro do projeto Laços em que não foi possível estabelecer um convívio geracional ou partilhar atividades com pessoas da mesma geração, todas elas favoreceram a qualidade de vida e o bem-estar, pois propiciaram a emergência de significados comuns e a aproximação interpessoal. As reflexões postas em cena dos sofrimentos, anseios e vontades dos participantes forneceram-lhes condições para a sustentação das suas condições atuais e representações acerca da velhice e de outros temas. Os seniores descobriram que no ato de representar são capazes de realizar atividades antes desacreditadas e apresentaram desejo em contribuir significativamente como um ser social. Desta forma, vamos também ao encontro do enquadramento teórico de que, segundo Jacob (2007), a animação teatral permite que façam novamente parte da sociedade como membros ativos.

Além disso, também se verificou o sentimento de pertença no grupo pela participação ativa e coletiva que se desenvolvia semanalmente.

Conteúdos psicossociais também foram observados, como o preconceito social com a pessoa idosa e o afeto que emerge a partir dele. Percebeu-se, ainda, a dificuldade de realizar os próprios desejos devido à dependência familiar, o que impulsiona a intervenções mais particulares e que inclui a dinâmica da família para a criação de novas estratégias relacionais.

A apresentação do espetáculo proporcionou aos nossos jovens e seniores momentos de prazer, aumento da autoestima e satisfação através dos aplausos do público. Desta forma, e tal como foi referido no enquadramento teórico, Vieites (2006) afirma que a animação teatral contribui para a adaptação e integração das pessoas, uma vez que, o teatro incentiva a socialização entre pares, assim como, momentos de partilha entre pessoas..

Os jovens sentiram-se bastante desafiados e motivados durante as sessões.

8.3. Síntese

Neste capítulo demos a conhecer o impacto do projeto Laços, atentos os resultados obtidos.

Através da análise dos dados que foram sendo recolhidos durante todo o processo, percebemos que o Laços teve um impacto muito positivo em ambas as gerações.

No que se refere à geração mais nova, institucionalizada, percebeu-se esse impacto a vários níveis, a saber, na sua motivação, na superação da timidez, ao nível do autoconhecimento, da criatividade e imaginação, assim como na melhoria da comunicação e da expressão.

As gerações mais velhas afirmaram que este projeto teve implicações na sua vida ao nível da participação ativa, do seu bem-estar físico e emocional; ao nível das mudanças de rotina, da socialização positiva, da criatividade e imaginação; da melhoria da comunicação. Foram também referidos impactos positivos ao nível do aumento da valorização e autoestima e da resolução de problemas e desenvolvimento de estratégias.

Ambas as gerações focam o Laços como um contributo positivo para a criação de laços entre as gerações, reforçando o respeito e a entajuda do grupo, a partilha e a empatia.

Em síntese, os participantes manifestaram benefícios comuns resultantes deste tipo de programas artísticos intergeracionais. E ambas as gerações insistiram na necessidade de estes programas terem continuidade nas respetivas instituições.

Considerações finais

Como pudemos constatar ao longo da realização deste estágio, o teatro é uma ferramenta que permite muitas intervenções interdisciplinares.

Neste sentido, os estímulos biopsicossociais podem ser diversos, sendo percebidos em interação uns com os outros no grupo. Reviver as memórias e criar cenas das suas histórias de vida tem mostrado nos nossos participantes que o prazer, a sensação de pertença e a superação de imagens pessimistas sobre si mesmos, o estímulo por possíveis vínculos de amizade, o aumento da autoestima e a motivação em continuar são efeitos que impulsionam a vida, gerando sentidos que antes pareciam não existir. Assim, verificam-se melhorias na qualidade de vida dos participantes através dos estímulos biopsicossociais do teatro.

Com o presente estudo conseguimos perceber os benefícios que as relações intergeracionais podem originar, junto de cada um dos participantes. Afirmamos assim que os benefícios são abrangentes, não só a nível pessoal, mas também a nível social e junto das comunidades.

Conseguimos enumerar variadíssimos benefícios na aplicação do projeto Laços:

- na troca de afetos;
- na troca de experiências;
- no incremento de sentimentos de responsabilidade, solidariedade e respeito,
- na consciencialização e compreensão do outro;
- na promoção de valores de entreaajuda;
- na criação de laços entre gerações;
- na partilha de heranças culturais e eliminação de crenças e preconceitos.

Pelo impacto que este projeto tem nas pessoas que envolve, é necessário haver um planeamento com vista a uma continuidade de projetos deste tipo nas instituições.

Percebemos também que a instituição já costuma organizar encontros geracionais através da parceria com a Escola Superior de Educação (IPP), o que é positivo, pois fomenta um tipo de iniciativas que traz inúmeros benefícios para os participantes, na

medida em que se trata de um tipo de educação onde todos ensinam e todos aprendem, independentemente da idade que têm.

Através da análise dos dados, chegámos à conclusão que o teatro como atividade intergeracional harmoniza momentos felizes para ambas as gerações, nas quais estas, para além de se divertirem, partilham experiências de aprendizagem ganhando competências no campo social e pessoal. Ambas as gerações têm vontade de dar continuidade a este projeto e levá-lo ainda mais a sério, com mais regularidade de sessões.

Os jovens afirmam terem aprendido e ensinado muito, sentindo-se motivados e orgulhosos de si próprios.

De notar que era muito clara a felicidade dos seniores quando os jovens chegavam e a tristeza quando partiam ou faltavam. Estes sentimentos devem-se às trocas de laços que se foram criando entre as gerações, através da partilha de experiências e de memórias de gerações vividas em mundos tão distintos.

Sentimentos de respeito e ajuda também foram desenvolvidos e as gerações foram-se conhecendo uma à outra, desmistificando-se.

Podemos considerar, de acordo com os resultados alcançados, que o desenvolvimento de projetos intergeracionais acaba por se afirmar como uma forma de intervenção psicossocial, pois alcança sempre uma alteração, e o intuito destes programas baseia-se exatamente nessa mudança dos pensamentos inerentes às distintas gerações.

Importa agora destacar alguns tópicos nas nossas conclusões:

Laços no envelhecimento em instituições

O estado da arte constata o aumento da longevidade, aumento este que tem exigido desafios de ordem económica e social em todo o mundo.

As políticas sociais criadas já desde 1982 sugerem o fomento de práticas inovadoras no terreno, pois só desta forma a solidão e a exclusão que os idosos enfrentam podem ser colmatadas, permitindo assim melhor qualidade de vida e bem-estar dos seniores.

Por sua vez, o envelhecimento é inevitável, pois se vivemos envelhecemos. Envelhecer resulta do passar dos anos e resulta de fatores de ordem biológica, psicológica e social.

Quando entramos na chamada idade da reforma, cessamos a nossa atividade laboral, perdemos alguns papéis sociais, diminuem os nossos contactos sociais e somos menos solicitados pela sociedade em geral. Esta fase pode afetar o padrão global de saúde de quem envelhece e se vê neste papel, nesta nova fase do «que faço agora?»

A esta pergunta respondemos com a importância da promoção do envelhecimento ativo. O envelhecimento ativo prevê uma continuidade laboral, mas uma continuidade em

cultura, em direitos, em responsabilidade social e ativa intencional. Envelhecimento ativo pode assim significar continuar a aprender a exercitarmo-nos e, se possível, implica a distração através do lúdico.

A animação teatral foi a escolhida para fazer parte do nosso projeto e provou ser um grande contributo para o processo de envelhecer ativamente. As técnicas da AT são mais que muitas, mas todas elas tentam que as pessoas saiam da sua passividade, instigando à ação. Desta forma, a AT tenta que as pessoas recuperem a sua autonomia e identidade, permitindo uma transformação das suas vidas.

A discussão dos resultados levou-nos a apurar que o projeto Laços contribuiu para o fomento da participação ativa dos seniores, uma vez que a participação nas aulas era assídua e voluntária. A participação nas aulas foi também um aspeto positivo a retirar desta análise, pois todas as propostas foram realizadas com sucesso. A partilha das suas memórias e das suas histórias ajudou a reconhecer a sua identidade; propuseram ideias, investiram em soluções quando algo falhava, e acima de tudo sentiram e reconheceram-se como cidadãos com pleno direito e uma voz ativa.

No caso dos seniores institucionalizados, estes afirmaram que o projeto Laços abraçou uma nova rotina na instituição, quebrando a monotonia do dia a dia.

O bem-estar tanto físico como mental dos nossos seniores era uma das nossas missões – e o Laços conseguiu isso. Ao nível psicológico, o trabalho desenvolvido durante o processo parece ter contribuído para uma diminuição dos sentimentos mais pessimistas/negativos, conquista essa feita através do carácter mais divertido dos exercícios, onde o riso prevaleceu, proporcionando momentos de valorização pessoal, autoestima e autoconfiança dos elementos do grupo. Ao nível físico, os participantes eram obrigados de forma positiva a moverem-se, tanto ao deslocarem-se para o local do ensaio como realizando alguns exercícios que exigiam algum esforço físico, mas que eles consideraram necessário.

A satisfação pessoal que foi alcançada através do espetáculo “No nosso tempo é que era! Mas o nosso também é!” foi acompanhada das palmas do público e de um *feedback* bastante positivo. Este foi o salto da dúvida para a certeza de que sim, eram capazes!

O exercitar da memória foi muito importante para os nossos seniores e memorizar um texto, que no início parecia uma situação complicada, foi completamente alcançado pelos seniores.

A análise aponta também para a socialização positiva. O trabalho de alguns exercícios permitiu aos participantes conviver e conhecerem-se melhor. De referir que, desde o início do projeto, não vimos mais nenhum sénior sentado sozinho na sala de convívio. Algumas amizades foram consolidadas e as inimizades apaziguadas.

Trabalhar as memórias, através da AT, no nosso entender, contribuiu para uma valorização da identidade dos participantes, principalmente nos mais velhos. E os mais novos através dessa partilha aprenderam provérbios ou ditados e lendas populares.

Por consequência, o relembrar destas canções e o trabalhá-las em palco contribuiu para a melhoria da dicção, da respiração e da projeção de voz, que, embora tenha sido a parte técnica que menos gostaram, foi muito importante para se sentirem mais confiantes.

A análise de dados revelou ainda que o projeto Laços foi um espaço onde os participantes deram conta das suas limitações e ao mesmo tempo tentaram delinear estratégias para que essas limitações fossem ultrapassadas.

O querer voltar é algo que eles não negam; querem mais, pois sentem-se desafiados, sentem que querem mostrar mais. Essa vontade em querer continuar foi também conquistada pelo *feedback* positivo do público, que lhes conferiu uma perceção da sua conquista, na capacidade de exercer papéis sociais com significado; os efeitos positivos para o treinamento da memória e os momentos de convívio geracional que cria espaço para momentos de aprendizagem.

Consideramos que há uma estreita similaridade entre os resultados deste estudo empírico e o estado da arte referenciado.

É com satisfação que verificamos que o projeto Laços contribuiu para uma melhoria da qualidade de vida do grupo interveniente.

O Laços criou assim um novo idoso que se quer ver reconhecido como cidadão de pleno direito, com voz ativa na comunidade em que se insere, com capacidade de aprender, de transmitir saberes, de transformar e de se transformar, em suma, de viver com qualidade este “tempo da vida” que é a terceira idade, mesmo que esteja institucionalizado.

Laços no envelhecimento em instituições

Os resultados desta investigação apontam para a ideia de que a AT, aliada a um programa intergeracional, pode ter impacto no desenvolvimento pessoal e social nas gerações implicadas.

Através da análise constatamos também que o Laços possibilitou a construção de um ambiente propício à aprendizagem. O Laços captou ainda, através de manifestações espontâneas dos participantes, o sentimento de satisfação e de realização comum a todo o grupo.

As AT em perspetiva intergeracional foram realizadas através de um clima simples sem grandes exigências, saindo umitas vezes fora do que estava planeado. No entanto, foi essa espontaneidade que nos permitiu obter resultados positivos. Verificamos, através dos pedidos de ajuda em alguns momentos das sessões, a solidariedade que se gerou entre ambas as gerações, assim como os laços que se foram criando.

Acreditamos que a arte por meio da educação pode assegurar o pleno desenvolvimento humano. Uma vez institucionalizados neste contexto, podemos ajudar ambas as gerações a articularem o seu *eu físico* com o seu *eu interior*, desenvolvendo a sua autoestima.

Durante o projeto foi comprovado um elevado índice de motivação dos participantes, principalmente os mais novos, para a realização das atividades teatrais. Neste sentido, o Laços criou momentos de distração para ambas as gerações que se traduziram em momentos de alegria e trocas de aprendizagem.

A nosso ver, projetos como estes podem e devem ser aplicados a populações institucionalizadas, mostrando-se eficientes na recuperação de crianças com dificuldades de interação social, comunicação, autoestima e motivação, e assim a instituição de acolhimento seria um lugar muito mais significativo, capaz de envolver os jovens, ajudando-os no desenvolvimento de uma autoestima positiva e de uma personalidade saudável, contribuindo para o amadurecimento psicológico, o desenvolvimento cognitivo e a criatividade.

Laços entre gerações

Do respeito à partilha, da partilha à empatia, da empatia à criação de laços – esta é a conclusão mais feliz que extraímos da relação entre duas gerações tão distintas com algo em comum: a institucionalização.

O convívio intergeracional revelou ser bastante positivo, pois os idosos sentiam-se menos sozinhos e os jovens sentiam-se esperados, e isto fazia-os sentirem-se desejados.

Conquistar os sorrisos dos mais velhos faziam-nos sentir-se bem e confiantes, enquanto que os mais velhos proporcionavam momentos de aprendizagem aos jovens através das suas histórias, sentindo-se valorizados.

Salientamos a importância do convívio geracional, principalmente em populações institucionalizadas.

Com certeza verificamos também que este estudo tem as suas limitações e os seus desafios. É importante referir que, pela escassez de produção nacional sobre este tema, foi necessário recorrer à literatura brasileira.

A curta duração do projeto e a falha dos jovens em muitas das aulas intergeracionais implicou algumas eventuais limitações metodológicas. Como remate, apesar de se constatar alterações positivas na vida dos participantes, desde do início do Laços, consideramos que o projeto foi pouco para se conseguir afirmar que as mudanças se tornaram permanentes. A verdade é que, com a continuidade, poderíamos ter mudanças mais consistentes.

Destacamos assim, como contributo do nosso projeto, a participação ativa que levou a uma alteração da rotina, que por sua vez levou a um melhor usufruto do tempo.

O bem-estar físico e mental também foi algo creditado pelos nossos participantes, bem como a socialização positiva, aquisição de uma herança cultural, resolvendo-se assim problemas e partilhando memórias.

Também os jovens garantiram que através do teatro se motivaram, diminuíram a timidez, melhoraram a criatividade e a comunicação.

Ambas estas gerações desfrutaram de sentimentos de empatia, entreaajuda, partilha e criação de laços.

Por último, apresenta-se uma breve reflexão acerca das limitações e virtualidades decorrentes da implementação do projeto Laços no âmbito do estágio curricular realizado.

Apesar de termos recorrido ao conhecimento teórico e metodológico disponível sobre a temática da animação teatral e intergeracionalidade, este projeto teve de lidar com algumas dificuldades que se traduzem em limitações, em particular as que estão associadas à reduzida dimensão da amostra, a qual não é representativa da população portuguesa, não se podendo, dessa forma, fazer generalizações.

No plano das dificuldades elas estão associadas aos seguintes factores:

- Irregular disponibilidade dos participantes: os jovens falharam algumas sessões por falta de transporte e outras dificuldades;
- Problemas de saúde associados à população mais velha;

- Lidar com a perda e o luto em grupo, devido ao falecimento de um dos participantes.
- Inimizades pré-existentes: a co-residência traduz-se, por vezes, em conflitualidade entre os idosos, pelo que a investigadora teve de mobilizar estratégias de mediação de tensões e conflitos.
- Limitações físicas e psicológicas dos participantes mais velhos e o seu impacto no trabalho teatral. (A solução passou por adaptar os exercícios às condições dos idosos.)
- Quebrar o gelo nos primeiros encontros intergeracionais. (A solução passou pela implementação de dinâmicas de grupo direcionadas para o “quebra-gelo”.)

Balanco e recomendações

O projeto Laços foi um projeto que deu que falar a familiares, colaboradores e até a residentes. O que de início parecia uma brincadeira tornou-se numa atividade envolvente e participada.

Razões como a sensação de bem-estar provocada pelo feedback positivo do público; a perceção da capacidade de exercer papéis sociais com significado; os efeitos benéficos da atividade para exercitarem a memória; o convívio social positivo e a necessidade de aprofundar as aprendizagens realizadas eram motivos de sobra, para voltarem a participar.

Neste sentido, e porque sabemos que existiram algumas lacunas, tendo em conta que foi a primeira vez que trabalhámos o teatro em populações seniores e levadas a cabo por um estímulo intergeracional, deixamos aqui algumas sugestões para a realização de projetos como estes, orientados para estes públicos.

Notoriamente, a preocupação com o texto é algo muito presente, o que é preocupante principalmente para os seniores que não sabem ler e foi algo que devíamos ter tido mais em conta. No entanto, é bom estimulá-los no sentido de, mesmo assim, memorizar o texto ser uma grande conquista.

A partilha do tempo com os colaboradores e os jovens, também foi algo mencionado e que deve ser melhorado. A frequência das aulas com os jovens, infelizmente, não cumpriu na íntegra o plano inicialmente estimulado. Sempre que eles faltavam, por falta de transporte, era uma desilusão que se instalava nos seniores, que não recebiam a sua visita. Do mesmo modo, mais partilha com colaboradores é também esperada.

Da análise de dados, a nosso ver, ficaram claros alguns aspetos a considerar no desenvolvimento futuro de projetos de intervenção teatral com pessoas idosas.

Os exercícios devem ser devidamente selecionados, após conhecermos o grupo em que vamos intervir. O limite físico e psicológico deste coletivo tem de ser conhecido, para que haja perspetiva de respeito pela individualidade de cada um. É notória a preferência de exercícios mais lúdicos e não tão técnicos, tanto para os seniores como para os jovens, permitindo relaxar o corpo e a mente. Trabalhar as memórias é uma tarefa que exige cuidado e muita atenção da parte do animador, sendo indispensável saber arrumar as memórias depois das sessões. As memórias foram apenas trabalhadas com os seniores e devem ser alvo de uma planificação rigorosa. Para ambas as gerações, o texto é sempre um problema, menos texto e mais corpo é o que afirmaram preferir.

Bibliografia

- AGÜERO-TORRES, H., VON STRAUSS, E., VIITANEN, M., WINBLAD, B. & FRATIGLIONI, L. (2001). “Institutionalization in the elderly: the role of chronic diseases and dementia. Cross-sectional and longitudinal data from a population-based study”. *Journal of clinical epidemiology*, 54 (8), 795-801.
- ANTUNES, C. (2005). *A criação dramática: o fazer e o pensar – um estudo com futuros professores do 1.º ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- ANDER-EGG (2001). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- BANDEIRA, A. (2009). “Estudo de Avaliação das Necessidades dos Seniores em Portugal”. In Fundação Calouste Gulbenkian (autor). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009*. (pp. 135-149). Cascais: Princípia.
- BENTO, A. (2003). *Teatro e Animação. Outros percursos de desenvolvimento sociocultural no Alto Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.
- BODGAN, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BONFIM, C. & SARAIVA, M. (1996). *Centro de dia. Condições de localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Direção-Geral da Ação Social – Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.
- BONFIM, C. & VEIGA, S. (1996). *Serviços de Apoio Domiciliário. Condições de localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Direção-Geral da Ação Social – Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação
- CABRAL, M. V. , FERREIRA, P. M., SILVA, P. A. D., JERÓNIMO, P. & MARQUES, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*.
- CARVALHO, M. R. (2001). “Terapia cognitivo-comportamental através da arteterapia”. *Revista Psiquiatria Clínica*. 28 (6), 318-321. São Paulo.

- CABALLERO, M., BERMEJO, A. & VICENTE, J. (2012). “Los conflictos parentales como origen de las dificultades en las relaciones abuelos-nietos: abordaje mediacional y jurídico-forense”. *Revista de Mediación*, 9(1), 15–26.
- CAMARANO, A. & PASINATO, M. (2004). “O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas”. In A. Camarano (Ora.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* (pp. 254-292). Instituto de Pesquisa Económica Aplicada: Rio de Janeiro.
- CAMILO, H. (2014). *As possibilidades de atuação da educação física na educação de jovens e adultos para a relação intergeracional na educação em direitos humanos*. *Motrivivência*, 26 (43), 245-261.
- CARRILHO, M. & GONÇALVES, C. (2007). “Envelhecimento crescente mas espacialmente desigual”. *Revista Dos Estudos Demográficos*, 40, 21-38.
- CARDÃO, S. (2009). *O idoso institucionalizado*. Coisas de Ler
- CARRILHO, M. J. & PATRÍCIO, L. (2009). “A Situação Demográfica Recente em Portugal”, *Revista Estudos Demográficos*, n.º 48, pp. 101-145, INE, Lisboa.
- CARRILHO, M. J. & PATRÍCIO, L. (2002). “O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas”, *Revista Estudos Demográficos*, n.º 32, pp. 185-208. INE, Lisboa.
- CARVALHO, M. P. R. S. D. & DIAS, M. O. (2011). *Adaptação dos idosos institucionalizados*. *Millenium*, 161-184.
- CASTRO, M. D. R. (2017). *Qualidade de vida no idoso institucionalizado*. Bachelor’s thesis [sn].
- COHEN, L. & MANION, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: La Muralla, S. A.
- Comissão das Comunidades Europeias (1999). “Uma europa para todas as idade – prosperidade e a solidariedade entre as gerações” (Comunicado da Comissão). Bruxelas.
- COSTA, A. (2018). *Estratégia Nacional para o envelhecimento ativo e saudável: intervenções para o bem-estar de idosos. A Animação Sociocultural e a educação intergeracional*, 205-212.
- COSTA, M. (1999). “O Idoso: Problemas e Realidades”. *Sinais Vitais*, 1, 41-50.
- COUTINHO, V. (2008). *Arteterapia com idosos: ensaios e relatos*. Rio de Janeiro: Waked.

CUNHA, M. (2000). “Animação Educativa através do Teatro: um projecto de intervenção na área de educação de adultos”. Dissertação de Mestrado em Educação na Especialidade de Educação de Adultos, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

DANIEL, F. (2006). “O conceito de velhice em transformação. Interações: Sociedade e as novas modernidades” (10).

Despacho Normativo n.º 12/98. D. R. I Série-B. 47 (25-02-1998)

DIAS, A. (2009). “Satisfação no trabalho em Portugal: Uma análise longitudinal com recurso a Latent Growth Curve Models”. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

DIAS, Isabel (2005) “Envelhecimento e violência contra idosos”. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*. N.º 15. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p. 249-274. ISSN 0872-3419.

EUGÉNIO, Alves da Silva, “As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais”, *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 12 | 2013, posto *online* no dia 01 março 2015, consultado no dia 19 agosto 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/740>; DOI: 10.4000/ras.740

FERNANDES, N., SARMENTO, M. J. & TOMÁS, C. A. (2005).” Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças”. *Nuances: estudos sobre educação*, 12 (13), 49-64.

FERRAZ, A. & PEIXOTO, M. (1997). *Qualidade de vida na velhice: estudo em uma instituição pública de recreação para idosos*. Vol. 31, n.º 2, pp. 316-38.

FERREIRA, T. P. (2013). “Crianças e jovens institucionalizados: representações e expectativas em relação à família biológica” (Doctoral dissertation).

FERRIGNO, J. (2006). “Trabalho social com idosos: Apresentação da experiência pioneira do SESC na área do lazer e da cultura”. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFScar*, Vol. 14, n.º 1, pp. 23-31.

FLICK, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor

FONSECA, A. M. (2004a). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

- FONSECA, A. M. (2004b). *O Envelhecimento: uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- FONTAINE, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento* (J. de Almeida, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1999.)
- FREITAS, E. V. D., MIRANDA, R. D. & NERY, M. (2006). “Parâmetros clínicos do envelhecimento e avaliação geriátrica ampla”. Freitas EV, Py L, Neri AL, Cançado FAX, Doll J, Gorzoni M. *Tratado de geriatria e gerontologia*, 2, 900-9.
- GIDDENS, A. (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal* (2.ª edição). Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A (2001). *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras: Celta Editora.
- GINESTE, Y. & PELLISSIER, J. (2008). *Humanidade: cuidar e compreender a velhice*. Lisboa: Instituto Piaget, Piaget Editora.
- GOLDENBERG, M. (1997). *A arte de pesquisar*. Editora Record.
- GÓMEZ, J. (1997). “Paradigmas Teóricos na Animação Sociocultural”. In J. Trilla (Coord.). *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos* (pp. 45-63). Lisboa: Instituto Piaget.
- GUEDES, J. (2012). *Viver num lar de idosos: identidade em risco ou identidade riscada*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Instituto Nacional de Estatística (2002, Outubro 21) – Censos 2001. In *Destaque do INE*. INE, Lisboa.
- Instituto Nacional de Estatística – Censos 2011. Resultados pré-definitivos. *Destaque do INE* (2012).
- Instituto Nacional de Estatística – Censos 2011 – Resultados Provisórios. Portugal. ISSN: 2182-4215.
- International-Consortium-for-Intergenerational-Programs [Consultado em 19/03/2019] disponível em: [https://www.acronymatic.com/International-Consortium-for-Intergenerational-Programs-\(ICIP\).html](https://www.acronymatic.com/International-Consortium-for-Intergenerational-Programs-(ICIP).html)
- International Longevity Centre Brazil (2015). *Active ageing: a policy framework in response to the longevity revolution*. Rio de Janeiro
- JACOB, L. (2007) *Animação de Idosos. Atividades*. Porto: Âmbar.

- LINDGREN, H. C. (1976). *Psicologia na sala de aula: o aluno e o processo de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos.
- LÍDIA Maria Pereira Lopes, « Envelhecimento activo : uma via para o bem-estar », *Forum Sociológico*, 17 | 2007, 65-68.
- LUSA (2018). *Negócios. Revista económica*. Portugal. Consultado a [19/03/2019] disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/numero-de-criancas-e-jovens-em-perigo-em-acolhimento-voltou-a-descer-em-2017>
- MANNION, G. (2012). “Intergenerational education: The significance of reciprocity and place”. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10 (4), 386-399.
- MARTÍN, A. (2007). “Gerontologia Educativa: Enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativo com idosos”. In A. Osório e F. Pinto (Coord.). *As pessoas Idosas. Contexto Social e Intervenção Educativa*, pp. 47-73. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARTIN, I., GONÇALVES, D., SILVA, A., PAUL, C. & PINTO CABRAL, F. (2007). “Políticas sociais para a terceira idade”. In A. Osório e F. Pinto (Coord.). *As pessoas Idosas. Contexto Social e Intervenção Educativa*, pp. 131-179. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARTÍNEZ, M., KAPLAN, M. e CARRERAS, J. (2010). *Programas intergeneracionales: guía introductoria*. Madrid: Ministerio de Sanidad y Política Social Secretaría General de Política Social y Consumo Instituto de Mayores y Servicios Sociales
- MEDEIROS, P. (2012). “Como estaremos na velhice? Reflexões sobre envelhecimento e dependência, abandono e institucionalização”. *Polêmica*, 11 (3), 439-453.
- MENEZES, R. L. D., BACHION, M. M., SOUZA, J. T. D. & NAKATANI, A. Y. K. (2011). *Estudo longitudinal dos aspetos multidimensionais da saúde de idosos institucionalizados*.
- MUNIZ, M. (2010). “Biografias cénicas: o ensino do teatro a partir da memória com o público da terceira idade. Anais do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cénicas 2010, Brasil.
- NUNES, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da Intergeneracionalidade*. Coimbra: Universidade de Coimbra
- OLIVEIRA, Sara (2018). *A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social*. Minho: Universidade do Minho.

- PALMEIRÃO, C. & MENEZES, I. (2009). “A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações”. *A Animação Sociocultural na Terceira Idade*, pp. 22-35). Chaves.
- PIMENTEL, L. (2001). O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias. Coimbra: Quarteto.
- PINTO, P. F. (2014). *Envelhecimento ativo, capacidade funcional e atividade física: análise de fatores que contextualizam o processo de envelhecimento e sua percepção por parte de pessoas idosas*.
- RAMIREZ, M. E., PENHA, M. T. & LOFF, P. (n. d.). “Criança portuguesa: que acolhimento?” Relatório Instituto de Apoio à Criança: Rede Europeia de Acolhimento de Crianças. Comissão das Comunidades Europeias
- RAMOS, R. (2013). *A contribuição e a importância do teatro na educação integral da criança*. Tese de mestrado, Politécnico de Viana do Castelo, Portugal.
- RAMOS, A. (2014). “Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância”. *Educação Sociedade*, 35 (128), 781-809.
- ROMÃO, M. S. V. A. (2012). *Caracterização da actividade física nos idosos e a sua relação com a capacidade física, em pessoas com mais de 75 anos* (Doctoral dissertation, Faculdade de Ciências Médicas. UNL).
- RUNCAN, P. L. (2012). “Elderly institutionalization and depression”. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 33, 109-113.
- SANT’ANA, R. (2012). “A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: relações intergeracionais”. *Educação*, 35 (2), 253-267.
- SARMENTO, M. (2005). “Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância”. *Educação Sociedade* (Online), 26 (91), 361-378.
- SILVA, A. D. C. (2014). *Papel da expressão dramática no desenvolvimento de contextos criativos facilitadores da resolução de problemas* (Doctoral dissertation).
- SOARES, I. (2002). *Construção da vinculação: da relação ao self e do self às relações. Aquém e além do cérebro: relações interpessoais excepcionais*, 181-204.
- SOARES, I., SILVA, J., MARQUES, S., BAPTISTA, J. & OLIVEIRA, A. (2010).” Uma perspectiva desenvolvimental sobre o impacto da institucionalização e da adopção em

- crianças” [A developmental perspective over the impact of institutionalization and adoption on children]. In C. Machado (Coord.). *Vitimologia: das novas abordagens teóricas às novas práticas de intervenção*, 45-80.
- SOARES, N. F. (2001). *Outras infâncias: a situação social das crianças atendidas numa comissão de protecção de menores*.
- SOARES, N. F. (2006). “A investigação participativa no grupo social da infância”. *Curriculo sem fronteiras*, 6 (1), 25-40.
- SPRADLEY, James P. (1980). *Participant Observation*. Orlando-Florida: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- ÚLCAR, X. (1992). *El teatro en la animación sócio-cultural: técnicas de intervención*. Madrid: Editorial Diagrama.
- ÚLCAR, X. (2000). “La evaluación de Actividades y Proyectos de Animación Teatral”. *RELIEVE*, Vol. 6, n.º 1, pp. 1-23
- ÚLCAR, X. (2006). “Los teatros de la animación teatral desde una perspectiva socioeducativa”. In J. Caride e M. Vieites. *De la educacion social a la animación teatral* (pp.119-151). Gijón: Ediciones TREA, S.L.
- VAZ, E., SILVA, B. & SOUSA, I. (2003). “Configurações de vida na Velhice”. *Antropológicas*, n.º 7, pp. 181-209.
- VELOSO, E. (2008, Junho 25 a 28). “A análise Política da Terceira Idade em Portugal, de 1976 a 2002”. VI Congresso Português de Sociologia - *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, número de série: 412, pp. 1-12, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- VENTOSA PÉREZ, V. (2006). “De la animación sociocultural a la animación teatral (un camino de ida y vuelta)”. In J. Caride e M. Vieites. *De la educacion social a la animación teatral* (pp. 99-118). Gijón: Ediciones TREA, S. L.
- VENTURA-MERKEL, C. & LIDOFF, L. (1983). *Community planning for intergenerational programming*. National Council on the Aging, Incorporated.
- VIEGAS, M. (2011). “Transferência de Habilidades Intergeracional, Incerteza e Emancipação na Formação dos Trabalhadores”. *Revista Reflexão e Acção*, 19 (1), 251-270.

- VIEIRA, S. (2010). *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Departamento de Educação.
- VIEITES, M. (2000). “Fontes, finalidades, tipologias e objectivos em animação teatral. Alguns elementos dispersos para construir uma teoria da animação teatral”. In J. A Gómez; J. Martins; M. Vieites (Coords.) *Animação Teatral: Teoria e Prática* (pp. 73-143). Porto: Campo das Letras, Editores, S. A.
- VIEITES, M. (2006). “Teorías y Teoría de la Animación Teatral”. In Caride, J. ; VIEITES, M. . (Coords.) (2006). *De la Educación Social a la Animación Teatral*. Gijón: Ediciones Trea.
- VILAR, E. (2009). Prefácio de *O Tempo da Vida*. In Fundação Calouste Gulbenkian (Autor). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009* (pp. 11-14). Cascais: Princípia.
- VILLAS-BOAS, S., OLIVEIRA, A. L. D., RAMOS, N. & MONTERO, I. (2017). “A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida e do envelhecimento ativo”. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación*, 5, 1-6.
- WILSON, C. (2009). “O Envelhecimento no Séc. XXI – Perspectivas Demográficas”. In Fundação Calouste Gulbenkian (Autor). *O tempo da vida: Forum Gulbenkian de saúde sobre o Envelhecimento 2008/2009*. (pp. 33-49). Cascais: Princípia.

ANEXO 1 – Tabelas referentes à metodologia

TABELA 2 – Participantes seniores

Nome	Género	Idade
A	FEMININO	56
B	FEMININO	88
C	MASCULINO	86
D	MASCULINO	83
E	FEMININO	80
F	FEMININO	95
G	FEMININO	93
H	FEMININO	78
I	MASCULINO	83
J	FEMININO	78
K	FEMININO	93
L	MASCULINO	85
M	FEMININO	86

TABELA 3 – Participantes jovens

Nome	Género	Idade
N	MASCULINO	16
O	MASCULINO	16
P	MASCULINO	16
Q	MASCULINO	15
R	MASCULINO	14
S	MASCULINO	11
T	MASCULINO	12

TABELA 4 – Fases do projeto

Fase 1 Protocolar	Fase 2 Grupal	Fase 3 Criativa	Fase 4 Expansiva
De 10/12/2018 a 18/12/2018	De 18/12/2019 a 13/02/2019 15 sessões	De 14/02/2019 a 23/04/2019 26 sessões	24/04/2019 1 sessão
<i>Primeiros contactos com as instituições e com os residentes</i>	Motivações/ Diagnóstico de interesses; Primeira aula experimental; Aproximação e grupal; Aproximação à linguagem teatral.	Seleção do tema para o espetáculo; Debate e improvisação coletiva sobre a construção dos textos; Montagem e preparação das cenas.	Apresentação da peça: “No meu tempo é que era! Mas o nosso também é!”

TABELA 5 – Iniciação ao desenvolvimento do projeto

Data	Medidas tomadas	Técnicos / outros intervenientes envolvidos
Dezembro 2018	Tomada de conhecimento do projeto laços. Explicação do mesmo aos profissionais envolvidos. Seleção dos participantes aptos à participação. Definição de horário; local, duração das sessões. <i>(terças e quintas-feiras, das 15h às 16h)</i>	Diretora Educadora Social Enfermeira-Chefe Investigadora / Animadora Teatral
Dezembro 2018	Apresentação do projeto aos residentes; Seleção do grupo voluntário.	Residentes Diretora Educadora Social Investigadora/Animadora Teatral

TABELA 6 – Dinâmicas de grupo - fase grupal

Exercícios	Duração	Estratégias	Objetivos	Recursos
<i>Entrevista</i>	15 min	Dois a dois, fazem perguntas um ao outro e depois A apresenta B e vice versa	Apresentação; Promover a interação grupal.	Nenhum
<i>Jogo da bola invisível</i>	10 min	Em grupo imaginam uma bola e a bola é lançada seguindo as instruções: Lance a bola: lentamente, rápido, como se estivesse assustada, triste, a queimar as mãos, quem não tem a bola tem de estar atento pois pode recebê-la a qualquer momento.	Fomentar a coesão do grupo através do trabalho em equipa.	Nenhum
<i>Espelho</i>	15 min	Os participantes colocam-se frente a frente e repetem os movimentos um do outro.	Favorecer a comunicação não verbal; Fomentar a confiança entre os participantes; Desenvolver a concentração.	Nenhum

TABELA 7 – Exercícios de evocação e partilha de memórias- fase grupal

Exercícios	Duração	Estratégias	Objetivos	Recursos
<i>Caixa das lembranças</i>	20 min	Trazer um objeto e falar sobre ele	Viajar pelas memórias do passado	Computador Coluna Música
<i>Pedacinho de mim</i>	35 min	Foi pedido aos participantes que trouxessem um objeto, música; poema ou história. Durante o exercício já com os objetos, os participantes teriam de pensar: Porque escolheram esse objeto? Que significado tem para eles? O que/quem lhes faz lembrar? Após este tempo de reflexão, as respostas são partilhadas com o grupo.		

TABELA 8 – Exercícios de consciência do espaço - fase grupal

Jovens				
Exercícios	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
Andar imaginando que...	15 min	Andar pelo espaço imaginando que: andam descalços/ andam com uns grandes e pesados sapatos/o chão está frio/o chão está quente/andam cansados/ andam com energia/andam alegres/andam tristes/andam na lama/ etc.	Explorar o espaço; Expressar criatividade.	Nenhum
Direções	5/10 min	Os participantes andam pelo espaço. A animadora pede que o explorem em várias direções e combina com estes as seguintes orientações: Uma palma (param em estátua); Duas palmas (param e mudam de direção); Três palmas (param e cumprimentam o colega que estiver mais perto)	Explorar o espaço; Favorecer a concentração.	Nenhum

Idosos				
Exercícios	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
Esta bola está...	15 min	Atirar a bola para outro jogador simulando que ela está quente, está muito fria, faz comichão, que está muito pesada, etc.	Explorar a criatividade, o espaço e os reflexos	Bola
Cadeira dançante	5 /10 min	Sentados em pontos diferentes da sala exploram o espaço usando os braços e fazendo movimentos ao som da música.	Explorar o espaço; Segmentar partes do corpo.	Rádio

TABELA 9 – Exercícios rítmicos - fase grupal

Jovens				
Exercícios	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
Ritmo com nomes	10 min	Os participantes criam uma coreografia ritmada com o seu nome e todos têm de repetir.	Desenvolver concentração; Trabalhar a expressão corporal e o ritmo.	Nenhum

Idosos				
Exercício	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
“Lá vai uma lá vão duas...”	10 min	Cantar a música ritmada por objetos e palmas	Desenvolver a concentração; Trabalhar a expressão corporal e o ritmo	Rádio

TABELA 10 – Relaxamento – fase grupal

Exercício	Duração	Estratégia	Objetivo	Recurso
Meditação	10 min	<p>Sentados em círculo e de olhos fechados, todos os participantes começam a seguir as instruções da animadora:</p> <p>“Sintam cada parte do vosso corpo, sintam os vossos pés, joelhos, sintam as vossas costas; estão bem, sentem dor? Agora sintam o vosso pescoço os dedos das mãos, sintam a vossa cara, a cabeça. Pensem no vosso local seguro... Onde estão? Com quem? Pensem nas pessoas mais importante da vossa vida, abracem, digam-lhes o que lhe querem dizer! Imaginem uma bolha; vocês estão com eles lá dentro... seguros. Agora saiam da bolha; eles continuam lá... estão felizes, a sorrir. Imaginem que têm o poder de encolher essa bolha ao ponto de ela caber no vosso coração. Agarrem a bolha, que tamanho tem? Conseguem colocá-la no coração? Agora essas pessoas estão mais próximas de vocês, estão no vosso coração e vão guiar o resto do vosso dia.</p> <p>Agradeçam... sejam sempre gratos, abram os olhos quando quiserem e sejam sempre felizes.</p>	Relaxar; Lembrar; Controlar emoções; Refletir	Rádio: música calma

TABELA 11 – Exercícios de expressão corporal

Exercícios	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
<i>Escultor</i>	10 min	Os participantes dividem-se por pares. De seguida, atribuem-se temas, por exemplo, “vindimas”, “feira”, “liberdade”, etc. Pede-se que um dos elementos do par imagine que é um “escultor” e o outro “uma bola de barro”. O escultor deve, assim, “moldar” o corpo do colega de acordo com o tema sugerido. Este, por sua vez, deverá ter o corpo totalmente relaxado, isento de qualquer expressão. De seguida, trocam os papéis.	Desenvolver a capacidade de concentração; Desenvolver a criatividade	Música
<i>Mímica de provérbios</i>	10 min	Fazer o levantamento dos provérbios que os participantes conhecem. Escrever num quadro/folha grande. Acrescentar outros propostos pela Animadora. De seguida, dividir o grupo em 2 grupos. Um dos grupos escolhe um dos provérbios e usa de mímica para o outro grupo adivinhar. De seguida, invertem-se os papéis.	Desenvolver a linguagem não verbal/linguagem corporal; Desenvolver a criatividade	Nenhum
<i>Sério e o louco</i>	10 min	Em pares, enquanto um não se pode rir, o outro tem de estar constantemente a tentar desconcertar a seriedade do companheiro, usando todo o seu corpo e voz.	Desenvolver a concentração; Lidar com a frustração; Desenvolver técnicas para atingir o objetivo	Nenhum
<i>O meu rosto diz tudo!</i>	10 min	Em círculo, os participantes, em simultâneo, devem expressar com o rosto: fome; cansaço; medo; desconfiança; tristeza; alegria; surpresa; interesse; satisfação; agonia; infelicidade; interrogação. De seguida, repetem o mesmo exercício mas fazem-no com as mãos.	Desenvolver expressão não verbal; Transmitir corporalmente emoções, sentimentos, sensações	Nenhum

TABELA 12 – Exercícios de articulação, dicção e projeção de voz - fase grupal

Exercícios	Duração	Estratégia	Objetivo	Recursos
<i>ABA</i>	10 min	Repetir ABA EBA IBA OBA UBA ACA ECA ICA OCA UCA, etc., com ritmos diferentes	Trabalhar a dicção Controlar a respiração Aquecer a voz	Nenhum
<i>Caneta na boca</i>	10 min	Depois de realizar exercícios de aquecimento de voz, distribuir um texto e uma caneta por cada participante. Pedir-lhes que o leiam/ repitam pausadamente, em voz alta, com a caneta na boca.	Trabalhar a dicção e a articulação.	Textos

TABELA 13 – Improvisações e Dramatizações

Exercícios	Duração	Estratégias	Objetivos	Recursos
<i>Estátuas</i>	15 min	Em trio, um é o escultor, outro a estátua e outro o comprador. O vendedor tem de criar uma estátua e vendê-la. Já o comprador, que é muito exigente, tem de encontrar defeitos para a comprar pelo mínimo preço possível.	Desenvolvimento da expressão; Desenvolvimento da improvisação e da criatividade; Lidar com a pressão.	Nenhum
<i>Troca</i>	15 min	Os atores começam com um tema e, à medida que vão falando uns com os outros, a animadora vai dizendo “troca” e o ator que estava a falar tem de trocar a última palavra que disse por uma outra diferente.	Desenvolvimento da expressão; Desenvolvimento da improvisação e da criatividade; Lidar com a pressão.	Nenhum
<i>Só perguntas</i>	15 min	Depois de lançado um tema os atores têm de continuar esse tema só através de perguntas. O primeiro que diga uma afirmação, perde.	Desenvolvimento da expressão; Desenvolvimento da improvisação e da criatividade; Lidar com a pressão.	Nenhum
<i>Personagens</i>	15 min	É dada uma personagem a cada ator e um tema. O objetivo é criarem uma história.	Desenvolvimento da expressão; Desenvolvimento da improvisação e da criatividade;	Nenhum

Descrição dos jogos

No *jogo das estátuas*, jovens e idosos juntaram-se para dar vida às mais criativas histórias. Desde a estátua que representava um grande jogo de futebol (sonho do jovem) ao comprador que sempre adorou futebol, mas que não teve jeito para jogar (representa os idosos e as suas frustrações) e o vendedor que fazia de tudo para vender a estátua, mesmo que o comprador reparasse em algum defeito (representa a ganância a vontade de prosperar e o pouco profissionalismo dos dias de hoje). Todas estas histórias eram improvisadas pelos nossos participantes e no fim, o grupo conversava sobre o que retirava de cada exercício.

No *jogo da troca*, os temas eram escolhidos pelos participantes que não entravam na improvisação. Foram sugeridos temas como: um neto a contar ao avô que ia ser pai, mas não estava casado; o jovem a dizer que ia sair de casa dos pais e queria ir morar com a avó; uma avó que se queria juntar aos netos na discoteca. Muitas vezes os jovens fizeram de avós e os avós de netos. Foi uma experiência cheia de surpresas.

O *jogo das perguntas* mostrou que os idosos estão muito mais à vontade com as perguntas. Temas como férias, escola, reforma, dinheiro e saúde foram os mais escolhidos para este exercício.

O *jogo das personagens* permitiu aos participantes serem algo que sempre sonharam ou algo que nunca quiseram ser. Idosos que escolheram fazer o papel de uma jovem solteira que gostava de sair para se divertir (algo que sentiram não ter vivido); jovens a fazer papel de bêbados (algo que pela idade lhes proporciona alguma curiosidade); idosos a fazer de médicos (e a exemplificar como não gostam ou gostam de ser tratados); jovens que dão vida a personagens de idosos; idosos a fazer de jovens rebeldes permitiu, para além das gargalhadas, vestir o papel do outro.

Todos os temas, personagens, ou ideias eram dadas pelas pessoas que estavam fora da improvisação. Quem jogava apenas tinha de improvisar tendo em conta a personagem e o tema que o grupo selecionou.

Fase criativa – resumo geral das cenas

Cena 1: Nesta cena, todos os idosos estavam a fazer as suas coisas (bordar, pintar cozinhar, conversar) quando alguém se lembra do bom que era ser jovem. Começa uma conversa entre todos acerca do que é ser jovem.

Cena 2: Entram os jovens 1 a 1 e vão soltando frases sobre o que imaginam que seja para eles ser idoso.

A cena 3: Dá-se uma conversa entre os idosos onde conversam sobre os bailaricos que se faziam e como era bom que se organizasse o bailarico.

Cena 4: Uma das idosas pede ao neto que juntamente com os seus amigos, organize um bailarico.

Cena 5: Um casal de idosos discute sobre a sua relação.

Na **cena 6**, o neto anuncia aos amigos que prometeu organizar um bailarico para a sua avó e para as amigas. Os amigos discutem sobre o que é e como vão organizar o bailarico.

Cena 7: Os jovens falam sobre os preparativos para o baile.

Cena 8: Os jovens organizam o baile.

Cena 9: Começa o bailarico, idosos e jovens dançam animados

Cena 10: Cada idoso apresenta uma performance que tinha preparado para o dia do baile (contar anedotas, dançar, cantar).

Cena 11: Os jovens vestem a pele do que é ser idoso e mostram ao público que precisamos de cuidar dos nossos entes queridos enquanto eles estão cá.

Infelizmente, só foi possível realizar 2 ensaios em conjunto com os nossos jovens e os nossos idosos, o que por um lado foi bastante assustador para nós. O agendamento dos ensaios foi muitas vezes alterado, por falta de transporte das crianças. Mais tarde, chegaram as férias escolares, o que nos impossibilitou de ter ensaios conjuntos durante duas semanas e por fim chegou o dia do espetáculo onde se fez o ensaio geral.

O guião foi construído com ideias retiradas de alguns exercícios e temas que foram lançados. Uma vez que a maioria dos seniores não sabia ler, nem escrever, foi pedido que a animadora escrevesse o guião, tendo sempre em conta as coisas já feitas nas aulas. Aos jovens foi lhes dado temas e pedido que em grupo criassem as cenas para a peça, em conjunto com a animadora.

ANEXO 2 – guião de entrevistas

Tema: O Projeto Laços.

Entrevistados: Idosos

Objetivo geral: Perceber os contributos deste projeto

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
A	Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado	Informar o nosso trabalho; Pedir ajuda, alertando o participante de que o seu contributo é fundamental para o êxito do trabalho; Colocar o entrevistado na situação de membro de equipa de investigação, embora com estatuto especial; Assegurar o caráter confidencial	Qualidade das informações; Pedir colaboração; Garantir confidencialidade.
B	Caracterização da instituição	Obter informação do meio institucional e da participação e envolvimento do indivíduo.	Como se sentem a maioria das vezes quando estão na instituição?	Perceber se está integrado na instituição e como se sente.

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
C	Opinião sobre as atividades já existentes na instituição	Entender se os participantes apreciam o contacto com as diferentes gerações	O que acham das atividades que têm sido desenvolvidas na instituição, até agora? Dessas atividades em quais participam mais, ou gostam mais de participar? Se não participam, podem dizer porquê? Estão satisfeitos com o número de atividades que existem na instituição? Que tipo de atividades é que gostariam que existissem na instituição e não existem?	Compreender o tipo de atividades existentes e a satisfação / adesão dos participantes
D	Intergeracionalidade	Conhecer a visão dos participantes acerca da importância ou não do convívio geracional	Já ouviram falar do projeto laços... o projeto que estou a desenvolver com vocês e os meninos do colégio. Acham importante que se façam atividades intergeracionais?	Perceber se acham o convívio geracional importante. E porquê.

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
E	Atividades intergeracionais e atividades teatrais	Perceber se existem já atividades deste género na instituição e se acham importante este tipo de iniciativas.	O que pensam do teatro que estamos a realizar aqui? Como é que ele pode de alguma forma ajudar a unir gerações? Porquê? Em que é que o teatro vos pode ajudar? O que sentem ao fazer teatro? (motivação, timidez, etc.) Acham que esta proximidade com o teatro vos pode ajudar no combate à solidão?	Perceber se o teatro foi uma boa resposta para os participantes. Perceber como o teatro pode ser mediador de encontros geracionais. Perceber se aprenderam alguma coisa com este projeto. Perceber o nosso contributo para o combate da solidão.

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
F	Projeto Laços e continuidade	Perceber o contributo do projeto laços na vida dos participantes e perceber se gostariam de uma continuidade.	<p>Já ouviram falar do projeto laços, o projeto que estou a desenvolver convosco e os meninos do colégio?</p> <p>Acham importante que se façam atividades que cruzem duas gerações diferentes?</p> <p>Acham importante este projeto Laços?</p> <p>O que pensam desta oportunidade de conviverem com os mais jovens?</p> <p>Gostavam de ter mais oportunidades de convívio com eles? Porquê?</p> <p>Acha que o teatro o pode ajudar ao nível do desenvolvimento da memória?</p> <p>E a as relações intergeracionais, por que acham que é tão importante este convívio com os mais novos?</p> <p>O que consideram ser um fator limitador para a sua participação? Porquê?</p> <p>O que esperam deste projeto? O que vos motiva a querer participar?</p>	Perceber o contributo do projeto Laços; Perceber se o projeto contribuiu para a qualidade de vida dos participantes; Perceber as perspetivas futuras.

Tema: O Projeto Laços.

Entrevistados: Jovens

Objetivo geral: Perceber os contributos deste projeto

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
A	Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado	Informar do nosso trabalho; Pedir ajuda, alertando o participante de que o seu contributo é fundamental para o êxito do trabalho; Colocar o entrevistado na situação de membro de equipa de investigação, embora com estatuto especial; Assegurar o carácter confidencial	Qualidade das informações; Pedir colaboração; Garantir confidencialidade.
B	Caracterização da instituição	Obter informação do meio institucional e da participação e envolvimento do indivíduo.	Como se sentem a maioria das vezes quando estão na instituição?	Perceber se está integrado na instituição e como se sente.
C	Opinião sobre as atividades já existentes na instituição	Entender se os participantes apreciam o contacto com as diferentes gerações	O que acham das atividades que têm sido desenvolvidas na instituição até agora? Dessas atividades em quais participam mais, ou gostam mais de participar? Se não participam, podem dizer porquê? Estão satisfeitos com o número de atividades que existem na instituição? Que tipo de atividades é que gostariam que existissem na instituição e não existem?	Compreender o tipo de atividades existentes e a satisfação / adesão dos participantes.

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
D	Intergeneracionalidade	Conhecer a visão dos participantes da importância ou não do convívio geracional	Já ouviram falar do projeto Laços? Acham importante que se façam atividades intergeracionais?	Perceber se acham o convívio geracional importante. E porquê.
E	Atividades intergeracionais e atividades teatrais	Perceber se existem já atividades deste género na instituição e se acham importante este tipo de iniciativas	O que pensam do teatro que estamos a realizar aqui? Como é que este pode, de alguma forma, ajudar a unir gerações? Porquê? Em que é que o teatro vos pode ajudar? O que sentem ao fazer teatro? (Combater a timidez; arranjar amigos ,etc., combater a solidão)	Perceber se o teatro foi uma boa resposta para os participantes. Perceber como o teatro pode ser mediador de encontros geracionais. Perceber se aprenderam alguma coisa com este projeto. Perceber o nosso contributo para o combate à solidão.

	Objetivos Específicos	Objetivo	Atitudes Preparatórias	Tópicos
F	Projeto Laços e continuidade	Perceber o contributo do projeto Laços na vida dos participantes e perceber se gostariam de uma continuidade	<p>Já ouviram falar do projeto Laços... o projeto que estou a desenvolver convosco e os idosos da ERP?</p> <p>Acham importante que se façam atividades que cruzem duas gerações diferentes?</p> <p>Acham importante este projeto Laços?</p> <p>O que pensam desta oportunidade de conviverem com os mais idosos?</p> <p>Gostavam de ter mais oportunidades de convívio com eles? Porquê?</p> <p>E a as relações intergeracionais, por que acham que é tão importante este convívio com os mais idosos?</p> <p>O que considera ser um fator limitador para a sua participação? Porquê?</p> <p>O que esperam deste projeto? O que vos motiva a querer participar?</p>	<p>Perceber o contributo do projeto Laços;</p> <p>Perceber se o projeto contribuiu para a qualidade de vida dos participantes;</p> <p>Perceber as perspetivas futuras.</p>

Questões apresentadas nas entrevistas

SENIORES

- Como se sentem neste momento?
- O que acham das atividades aqui no lar? São participantes de quais atividades?
- Alguma vez tiveram contacto com o teatro? E como espectadores?
- Gostavam de ter algum contacto com o teatro? Exercícios em conjunto ou até mesmo participação em peças?
- O que acham de compartilhar essa experiência com os mais novos?
- Acham importante a relação/convívio entre gerações? Porquê?
- O que acham que poderiam retirar de positivo do convívio com os mais novos? E de negativo?
- Acham que os exercícios de teatro e o convívio com os mais novos vos podem ajudar a sentirem-se mais felizes?
- Acham que este projeto deve ter continuidade?

JOVENS

- Como se sentem neste momento?
- Que tipo de atividades costumam frequentar no colégio?
- Alguma vez tiveram contacto com o teatro? E como espectadores?
- Gostavam de ter algum contacto com o teatro? Aulas? E participação em peças?
- O que acham de compartilhar essa experiência com os mais velhos?
- Acham importante a relação/convívio entre gerações?
- O que acham que poderiam retirar de positivo do convívio com os mais velhos? E de negativo?
- Acham que os exercícios de teatro e o convívio com os mais velhos vos podem ajudar a sentirem-se mais felizes?
- Acham que este projeto deveria ter continuidade?

ANEXO 3 - Guião de espetáculo

No nosso tempo é que era! Mas o nosso também é!

DESENHO DE CENA



CENA 1

Marcelina (78 anos): Ser jovem é...

Esmeralda (88 anos): É ser alegre.

Graça (78 anos): É ter garra, vontade e desejo... é achar que nada pode acontecer, que seremos eternamente eternos.

Sr. Alberto (83 anos): É fazer retiros, é estar com os amigos.

Graça (78 anos): É estar constantemente apaixonado (*Suspira*).

Berta (93 anos): É rir às gargalhadas.

Dias (83 anos): É passear de bicicleta, assobiar às meninas que por ali passam. (*Sr. Augusto faz mímica dessa frase*)

Justina (95 anos): É ter vontade de aprender.

Isolina (93 anos): Ser jovem é ter força, coragem e desejo de vencer.

Manuela (56 anos): É não gostar da escola, e querer sair para a diversão.

Joaquim (86 anos): É ser rebelde, reclamar, e ainda assim continuar a sonhar.

Laurinda (80 anos): É correr, é saltar sem ter vontade de terminar.

Alberto (83 anos): É ser ativo, querer sempre vencer.

(*Os jovens que estão sentados ao lado de cada um dos idosos respondem*)

Patrício (16 anos): Ser idoso é ter sempre uma história para contar. (*olha para a Dona Esmeralda*)

Salomão (16 anos): É ter sempre um abraço e um conselho para nos dar. (*Dá a mão à dona Rosalina*)

Mário (11 anos): (*diz de forma muito alegre e divertida*) É ter sempre um chocolate na carteira, que nos oferecem de forma muito sorrateira. (*come um chocolate*)

Carlos (14 anos): É contar piadas umas atrás das outras.

Joaquim (15 anos): E repetir as histórias vezes e vezes sem fim.

Patrício (15 anos): Despentear-nos o cabelo, desta forma assim. (*Dona Berta esfrega-lhe o cabelo*)

Rúben (16 anos): Ser idoso é ter a coragem de olhar para frente. E dizer que traz consigo um mundo de conhecimento. Ser idoso é ser gente.

Carlos(14 anos): É ser alguém consciente. Pedindo a Deus sempre mais anos de vida.

Joaquim(15 anos): Para viver com os seus e ser uma pessoa querida.

Salomão (16 anos): Ser idoso é guardar o que sente. Do lado bom e mau das coisas. Dos momentos que viveu. E, um dia, tristemente, sofreu.

Patrício (16 anos): E num outro dia, alegremente viveu...E foi feliz como um sábio aprendiz.

Rúben (15 anos): Ser idoso é aprender, do ontem, a lição hoje, guardada nas eternas lembranças. Bem no fundo do coração.

Salomão (16 anos): Ser idoso é ter no rosto a marca da sabedoria.

Mário (11 anos): A experiência de muitos momentos vividos com alegria.

Pedro (12 anos): Idosos seremos todos nós!

CENA 2

(*Todos em palco, música 1*)

No palco, no sofá estão todos sentados... D. Aurora começa a cantar uma canção e depois todos cantam.

Esmeralda (88 anos): (*está a bordar e de repente suspira e partilha com as outras*)
Ai ai, que saudades de ser nova,

Graça (78 anos): Oh, então não... Se fosse mais nova agora estava a arranjar-me para ir para o bailarico.

Berta (93 anos): (*canta o fado*)

Manuela (56 anos): Não pensem nisso, que o tempo não volta atrás...

Justina (95 anos): Ai se voltasse!

Marcelina (78 anos): Mas podemos recordar, ou não?

Laurindinha (80 anos): Ai, olhem que recordar é comigo, tenho cada história...

Graça (78 anos): Até podíamos era fazer melhor! (*para o público*) Ó Carlitos, Carlitos.... Ó Carliiiiiiiitos

Carlos (14 anos): (*distráido*) Ah.. estou aqui, o que se passa? Fogo??? Onde? Ahhhh!
(*corre com as mãos na cabeça*)

Esmeralda (88 anos): Calma, rapaz, até nos assustas...

Graça (78 anos): Tu, que estás sempre aí (*abana a cabeça*) com a música nos ouvidos. Nós queremos que organizes um bailarico esta noite!

Carlos (14 anos): Um bailarico?

Graça (78 anos): Não sabes o que é um bailarico?

Carlos (14 anos): Eu não! Sei o que é uma discoteca, um festival, um concerto... Agora um bailarico...

Rosalina (93 anos): Ó filho, um bailarico era onde nós íamos antigamente para dançar agarradinho; olha, arranjar marido.

Isolina (93 anos): (*levanta-se e finge dançar agarradinha*) Ai era tão bonito!

Carlos (14 anos): Ah, não se preocupem que eu falo com os rapazes e tratamos disso para esta noite, a partir de agora chamem-me Carlão, DJ Carlão (*para o público*).

CENA 3

(Música 2)

Dona Esmeralda e Sr. Dias - improviso sobre a jóia

CENA 4

Carlos (14 anos): Rapazes... cheguem aqui, por favor!

Rúben (16 anos): Que se passa?

Carlos (14 anos): Opa, estou feito!

Mário (11 anos): O que é que tu fizeste?

Rúben (16 anos): Não me digas que andaste outra vez a tentar aprender a bordar com a tua avó!

Carlos (14 anos): Ah, que engraçado, isso foi só uma tarde e olhem que até dá jeito. Tinha-lhe prometido que aprendia...

Patrício (16 anos): Qualquer dia prometes que te casas... depois quero ver.

Carlos (14 anos): (*revira os olhos ao Patrício*) Prometi que organizávamos um bailarico.

Vou dar-vos a possibilidade de tomarem isto como uma ideia e improvisarem sobre ela. Desde que não fujam muito ao que aqui está!
--

Joaquim (15 anos): Mas isso é grande ideia. Tu já viste os cotas a dançar uma quizombada?

Patrício (16 anos): Eiiii, grande cena... *(cantam os dois uma música e dançam)*

Mário (11 anos): Vocês não estão bem!

Salomão (16 anos): Ainda se fosse um jogo de futebol. *(todos olham para o Flávio com cara de parvos)* Que foi???

Rúben (16 anos): É quizomba. É futebol, vocês estão malucos ou quê? Temos é de colocar músicas do tempo deles. Olha agora quizombada. Vamos lá ver... *(para o Carlos)* Tu e as tuas promessas, pá!

Patrício (16 anos): Mas pronto, prometeste, está prometido... toca a pôr os cotas a bailar.

Pedro (12 anos): Hum... devíamos fazer mais alguma coisa... *(pensativo)*

Salomão (16 anos): Tipo o quê?

Pedro (12 anos): *(faz de conta que conta a sua ideia)*

CENA 5

Patrício (16 anos): Então como está?

Joaquim (86 anos): Eu estou bem, estive aqui a ouvir o canário...

Patrício (16 anos): O canário?

Joaquim (86 anos): Sim, não conheces? Eu meto a 1.^a no Popó da Namorada ...

Patrício (16 anos): Não... mas acho que devia cantar essa música logo à noite no bailarico.

Alberto (83 anos): Vai haver um bailarico?

Salomão (16 anos): Sim, estamos a organizar.

Dias (88 anos): Sempre gostei de bailaricos. Eu era o rei dos bailaricos!

Augusto (85 anos): Uhhhhhhh

Alberto (83 anos): Boa, vamos dançar!

CENA 6

Rúben (16 anos): *(aponta no seu bloco)* Portanto... vamos lá ver... temos aqui ... Laurindinha, Malhão, nossa senhora! Vai-se lá saber como é que se engatava com estas músicas... Bem, continuando...

Patrício (16 anos): Que estas a fazer ,meu?

Rúben (16 anos): Olha, estou aqui a escolher as músicas para logo.

Patrício (16 anos): E então?...

Rúben (16 anos): Então é que não imagino como é que se dançava isto...

Patrício (16 anos): Ó meu, também não tens de saber!

Rúben (16 anos): Está bem, mas agora até gostava de saber. *(tenta imitar uma dança de agora)*

Patrício (16 anos): Olha lá *(como se contasse um segredo)*, e se cantássemos um fadinho logo?

Rúben (16 anos): *(põem-lhe a mão na testa)* Estás bem?

Patrício (16 anos): Estou a falar a sério!

Rúben (16 anos): *(olha para Patrício muito sério e começa-se a rir, toca-lhe no ombro e sai...)*

Patrício (16 anos): *(cantarola um fado e sai)*

CENA 7

(Música na sala, os avós convivem)

CENA 8

Rúben (16 anos): Está tudo pronto?

Carlos (14 anos): Eu tenho as músicas.

Pedro (12 anos): Eu tenho as decorações.

Mário (11 anos): *vem a comer)* Eu tenho... o que é que eu tinha de arranjar?

Rúben (16 anos): A comida...

Mário (11 anos): Ups. É pá, estava com fome, meu!

Joaquim (15 anos): Eu resolvo *(e sai)*.

Salomão (16 anos): Eu também tenho tudo pronto, vamos lá montar isto.

(Começam a decorar o espaço, entra o Joaquim com a comida... coloca-a em cima da mesa). Música ambiente.

CENA 9

Rúben (16 anos): Atenção, atenção! Como o tempo não volta atrás, não conseguimos reproduzir um bailarico tal como vocês merecem... Mas temos ao longo da noite várias surpresas para vocês...

Patrício (16 anos): Para começar, temos de apresentar um menino tímido, mas cheio de talento. Com vocês, os vossos queridos netos Salomão, Pedro, Joaquim e Mário!

(Momento 1: inventem uma coreografia engraçada de quizomba)

Joaquim (15 anos): E agora o momento mais fora do comum, mas o que interessa é a intenção... Com vocês o dueto mais... mais... mais... não importa, com vocês os vossos netos... não tão queridos como eu, claro... Rúben e Patrício!

(Momento 2: cantam um fado com algumas avós e avôs)

Rúben (16 anos): E agora com vocês... e porque no vosso tempo é que era, mas o nosso também é: com vocês o fantástico... Flávio!

(Momento 2 : Flávio vai cantar uma balada. Escolhe a música)

Patrício (16 anos): E agora um momento surpresa da noite com vocês... Sr. Joaquim e o Popó da Namorada...

(Momento 3: Sr. Joaquim canta o Popó da Namorada com o Sr. Alberto e o Sr. Alfredo (sr. Augusto dança). os jovens batem palmas e puxam pelo público – chapéu à canário para Sr. Joaquim).

Esmeralda (88 anos): Mas olhem que nós também preparamos algo para vocês.

(Momento 6: D. Graça apresenta um poema ,logo de seguida Sr. Dias também)

(Momento 7: Ave-Maria na voz de Isolina)

Graça (78 anos): Obrigada por nos proporcionarem este momento, meus filhos...

D. Esmeralda (88 anos): Até já estou com a lágrima nos olhos.

Patrício (16 anos): Agradeça apenas sorrindo...

Joaquim (15 anos): Vamos lá bailar! *(coloca música do bailarico)*

Alberto (83 anos): Assim é que é falar

ÚLTIMA CENA

Rúben (16 anos): Quando for idoso e deixar de ser como era, tem paciência e compreende-me. Se entornar comida sobre a camisa ou esquecer como atar os sapatos, recorda as horas que passei a ensinar-te a ultrapassar estes problemas. Se, quando conversar contigo, repetir vezes sem conta as histórias que conheces de cor, não me interrompas. Quando eras criança, contei-te milhares de vezes o mesmo conto para adormeceres.

Patrício (16 anos): E, se me esquecer do que estava a dizer, espera que me lembre. Se não o conseguir, talvez não fosse importante o que dizia. Conformer-me-ei se me escutares nesse momento. Quando estivermos reunidos em família – ou com os teus amigos, e sem querer, fizer as minhas necessidades, não te envergonhes de mim, pois não consigo controlar-me. Pensa em quantas vezes, enquanto crescias, te limpei e, com paciência, esperei que o fizesses no lugar certo. Não ralhes comigo se não quero tomar banho tantas vezes. Quando eras pequeno também te perseguia e recorria a mil pretextos para zelar pelo teu asseio.

Rúben (16 anos): Quando me tomares por ignorante acerca das novas tecnologias e inútil na sociedade, peço-te que me concedas o tempo necessário para aprender algo e poupa-me os teus sorrisos de gozo. Lembra-te que fui eu que te ensinei muitas coisas: a comer, a vestir-te, e a tua formação é fruto de muitos esforços. Se alguma vez não quiser comer, não insistas; sei quando posso e quando não devo. Pensa que deixo de ter dentes fortes para morder e também perco o sentido do gosto.

Patrício (16 anos): Quando as pernas cansadas me falharem, dá-me a tua mão para que me apoie. Foi isso que fiz quando começaste a caminhar. Por fim se algum dia me ouvires dizer que preferia morrer, não me chateies. Isso não nega a importância do teu carinho nem o meu amor por ti. Desejei-te sempre o melhor e desbravei caminhos que podias percorrer.

Joaquim (15 anos): Considera que os passos que me adianto a dar abrem outras rotas para ti e inauguram novos tempos. Jamais te sintas triste e impotente.

Carlos (14 anos): Assim como te auxiliiei quando começaste a viver, acompanha-me até ao fim do meu caminho.

Mário (11 anos): Dá-me o teu coração, compreende-me e apoia-me.

Pedro (12 anos): Dá-me amor e paciência.

Salomão (16 anos): Devolver-te-ei sempre gratidão e sorrisos.

TODOS: Porque idoso seremos todos nós.

FIM